

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Paloma Romeiro Comparato

O espectro do Gulag:

punição e disciplina na União Soviética

Mestrado em Filosofia

São Paulo

2023

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Paloma Romeiro Comparato

O espectro do Gulag:

punição e disciplina na União Soviética

Mestrado em Filosofia

São Paulo

2023

Paloma Romeiro Comparato

O espectro do Gulag:

punição e disciplina na União Soviética

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Código de Financiamento 130087/2022-0.

This study was financed in part by the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) - Finance code 130087/2022-0.

AGRADECIMENTOS

Preciso agradecer uma quantidade infindável de seres que garantiram a minha sobrevivência nestes dois anos. Seres que compõem o mundo e a natureza. Sem eles, eu não teria a força nem a coragem necessárias. Não saberia o que é amar genuinamente, não saberia os múltiplos significados das lágrimas e a alegria de uma caminhada conjunta. Sem eles eu não teria gritado, usado glitter, feito buquês, tirado fotos de insetos, cozinhado verduras e legumes, dado risada, caído e levantado. Não teria aprendido sobre as ervas, conhecido quilombos, compartilhado sorrisos, falado com crianças, tomado banho de cachoeira. Não teria conhecido ainda outros seres graças aos primeiros, ido à praia, comido macarrão tailandês, dado aulas e palestras.

Eu sou nós. Nós atados que formam um grande manto. Não posso localizá-los e muito menos desfazê-los pelo ímpeto de nomeá-los. Não admito esquecer nenhum e, de qualquer maneira, é na estampa do manto, que só pode ser vista de cima, que está a beleza.

Àqueles que compõem o meu manto, transmito e cravo aqui meus mais singelos agradecimentos e afetos.

*O que será que aconteceu com quem pôs a citação sobre o trabalho no alto dos portões da
área dos campos de prisioneiros de toda a União Soviética?*¹

*Varlam Chalámov*²

¹ Na entrada de todas as instalações prisionais na União Soviética na época de Chalámov, encontrava-se a frase: “O trabalho é questão de honra, glória, bravura e heroísmo.” (CHALÁMOV, 2018, p. 149).

² (CHALÁMOV, 2018, p. 170).

Resumo

Este trabalho visa entender o funcionamento dos campos punitivos soviéticos, especialmente durante o governo de Stálin, que representou um auge no número de pessoas encarceradas. Na primeira parte, está presente uma análise sobre quais seriam os principais objetivos do Gulag. Na segunda, uma aproximação de seus mecanismos, desdobramentos e procedimentos - que é possível graças a uma cartografia dos Contos de Kolimá, de Chalámov, contribui para uma melhor percepção do exercício de poder dentro e fora dos espaços de punição durante o regime da época.

Palavras-chave: União Soviética; stalinismo; punição; Gulag; Chalámov.

Abstract

This work aims to understand the functioning of the Soviet punitive camps, especially during Stalin's government, which represented a peak in the number of people incarcerated. In the first part, there is an analysis of what would be the main objectives of the Gulag. In the second, an approximation of its mechanisms, developments and procedures - which is possible thanks to a cartography of Chalamov's Kolimá's Tales, contributes to a better perception of the exercise of power inside and outside the spaces of punishment during the regime of that time.

Key words: Soviet Union; stalinism; punishment; Gulag; Shalamov.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p. 10
OS OBJETIVOS DO GULAG.....	p. 18
AS TECNOLOGIAS DE PODER.....	p. 30
1. A burocracia.....	p. 38
2. Uma análise a partir de Chalámov.....	p. 48
2.1 Continuidades e rupturas com o sistema punitivo czarista.....	p. 48
2.2 A violência como ferramenta de punição.....	p. 52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p. 60
REFERÊNCIAS.....	p. 75
ANEXO 1 - Glossário de instituições.....	p. 88
ANEXO 2 - As próteses, de Varlam Chalámov.....	p. 91

INTRODUÇÃO

Rondando a história soviética, um gigantesco espectro³ – o Gulag. Abreviação de “Glavnoye Upravleniye Ispravitelno-Trudovyykh Lagerey”, que em inglês seria “Chief Administration of Corrective Labour Camps” é o sistema punitivo soviético instaurado durante o governo bolchevique que perdura até a morte de Stálin.

Apesar de a instituição ser comumente vinculada ao governo stalinista, ela já estava presente desde o início da revolução soviética. São dois os motivos que nos levam equivocadamente a pensar que durante o governo de Lênin os campos de trabalho forçado não existiam. Em primeiro lugar, por uma narrativa amplamente aceita de que Lênin era um intelectual que só se utilizava de violência quando estritamente necessário e, em segundo lugar, porque são poucas as evidências documentais do período (PIPES, 2014, p. 141). Isso não muda o fato, evidentemente, que durante o governo de Stálin, o Gulag ganhou uma robustez nunca antes vista.

O sistema de campos penais (comumente chamados em inglês de *concentration camps* e também intercambiáveis pelo termo “campos de trabalho forçado”) foi oficialmente mencionado pela primeira vez por Trótski em 31 de maio de 1918 (PIPES, 2014, 141). Na União Soviética, esses espaços foram utilizados não por princípios militares, contra inimigos estrangeiros e de maneira temporária, mas sim contra seus próprios cidadãos e de maneira permanente⁴ (PIPES, 2014, 141).

O texto de Richard Pipes, *Lenin's Gulag*, faz uma retomada histórica das aparições do termo em discursos proferidos por Trótski, Lênin e demais líderes políticos. Segundo Pipes (2014), os campos foram oficialmente estabelecidos em 5 de setembro de 1918 por meio de um decreto⁵. Em 1919, a Tcheka⁶ já tinha autorização para condenar pessoas aos campos.

³ “[...] uma das hipóteses de Derrida, em *Espectros de Marx*, é de que Marx (enquanto sujeito a que toda experiência está relacionada) via fantasmas em toda parte e também os produzia. Uma outra hipótese de Derrida nesse livro (o que justifica em parte o plural espectros) é de que, em nossos dias, Marx existia como espectro, isto é, ele tomava corpo como espectro, a respeito do qual poucos sabem [...].” (SKINNER, 200, p. 66)

⁴ “O que diferenciava a União Soviética dos demais estados modernos era a institucionalização de práticas de guerra.” (FINKEL, 2004, p. 306).

⁵ Como veremos ao longo do trabalho, informações acerca das instituições soviéticas, das mais simples (como as datas de fundação) às mais complexas (como registros pessoais ou informações sobre o fluxo de detentos) não são consensuais. Por isso, sempre enfatizo a fonte que traz determinado dado, nesse caso, Pipes (2014).

⁶ Consultar definição presente no ANEXO 1.

“Russos eram detidos nesses locais de confinamento por meio de procedimento administrativo, sem julgamento.” (PIPES, 2014, p. 143, tradução nossa). Pipes (2014) também traz relatos de condições de trabalho e vida precárias nos campos já no período pós-revolução. Também nos dois volumes de Emma Goldman, *Minha Desilusão na Rússia*, que retratam os problemas do regime soviético nos primeiros anos do governo de Lênin, encontram-se descrições que se assemelham aos posteriores testemunhos encontrados no contexto stalinista.

Antes disso, entretanto, é preciso entender o processo histórico que levou ao surgimento desse grupo de governantes chamados bolcheviques e suas instituições sendo, talvez, a principal delas, o Gulag.

A revolução russa de 1917 é um marco na instauração de um governo socialista na história mundial. Suas origens remontam aos conflitos com o governo czarista e à revolução de 1905, um significativo movimento de massas contra o governo monárquico. Além das diversas dificuldades internas, políticas e sociais, é preciso lembrar que também no período em que vigorou o czarismo, a Rússia entrou na Primeira Guerra Mundial, o que trouxe consequências graves para a qualidade de vida da população.

Os métodos de repressão e violência da época monarquista, além das medidas autoritárias de governo, ficaram marcados na bibliografia. No âmbito econômico, entre 1906 e 1914, o czarismo criou uma classe de proprietários que pudesse oferecer uma base estável ao regime, fortalecendo o capitalismo liberal e individualista (FILHO, 2004) - é a formação e solidificação dos *kulaks*, grupo que será violentamente perseguido durante o governo de Stálin.

Também na época czarista surge um instrumento político que será amplamente retomado pelos revolucionários de 1917 - os *soviets*, formas de organização autônomas que não só impulsionavam lutas sociais e políticas como realizavam funções governamentais negligenciadas pelo governo (FILHO, 2004). Principalmente a partir de 1914, com a participação da Rússia na guerra, movimentos similares passaram a existir, visando uma auto-organização da sociedade (FILHO, 2004).

Em fevereiro de 1917, o czar Nicolau II abdica frente a um robusto quadro de indignação e revolta social. Cria-se um governo provisório, liderado pelo príncipe Georgy Lvov. O soviete de Petrogrado, formado por operários e soldados, recusa-se a ser integrado e permanece

enquanto organização autônoma e independente - ação crucial para os eventos que decorrem a partir daí. Uma onda de fortalecimento de sindicatos, comitês, milícias e assembleias, horizontais, autônomos e descentralizados ganhou força naquele ano (FILHO, 2004).

A participação na guerra não ia melhor para o governo russo. Com as derrocadas, o descontentamento interno voltou a crescer - é a primeira revolta de Kronstadt⁷. O governo renuncia e outro é instaurado, com participação reforçada de soviets (FILHO, 2004). É importante dizer que os bolcheviques eram poucos e estavam enfraquecidos nessa época, acusados de terem instrumentalizado a revolta popular e tentado um golpe de estado (FILHO, 2004).

Nesse cenário instável, surge uma tentativa de golpe por parte dos militares, liderados pelo general Kornilov. Teve início, muito talvez por causa desse ápice frente às dificuldades políticas, um processo de radicalização dos movimentos sociais, aproximando-os fortemente às pautas bolcheviques. Não houve uma adesão formal, mas uma concordância ao ideal de “todo poder aos soviets”, formulado por Lênin em abril daquele ano. A ocupação de terras também cresceu.

É nesse contexto de fragilidade que o governo manda fechar um jornal bolchevique que se destacava na agitação popular (FILHO, 2004). Foi a oportunidade para que os bolcheviques justificassem uma ocupação nos pontos estratégicos de Petrogrado - era noite de 24 de outubro, véspera da abertura do II Congresso dos Soviets (ou seja, a decisão da ocupação foi tomada internamente e não acordada de maneira ampla) (FILHO, 2004). Prendem-se todos os governantes que ainda estavam na Rússia. Na manhã seguinte, durante o congresso, a insurreição foi aprovada. Um novo governo é instaurado sob a liderança de Lênin - o Conselho dos Comissários do Povo.

Muitas, é claro, foram as dificuldades enfrentadas pelo novo regime, o primeiro a se auto-declarar socialista na história. Entretanto, é preciso desmistificar uma ideia muito manifesta nos dias atuais de que o governo socialista só ganhou caráter autoritário sob a liderança de Stálin. Em Lênin encontram-se diversas ferramentas e políticas de caráter

⁷ “Os marinheiros de Kronstadt foram os primeiros a servir a revolução. Eles tiveram um papel fundamental na revolução de 1905; estiveram nas frentes em 1917. Sob o regime de Kerensky proclamaram a comuna de Kronstadt e se opuseram à Assembleia Constituinte. Eles foram os maiores protetores da Revolução de Outubro. Na grande batalha contra Yudenitch os marinheiros foram a maior defesa de Petrogrado, e Trotski os elogiou como ‘orgulho e glória da revolução.’ Agora, entretanto, ousaram levantar suas vozes em protesto contra as novas regras da Rússia. Esta era a maior traição, do ponto de vista bolchevique. Os marinheiros de Kronstadt estavam condenados.” (GOLDMAN, 2018, p. 80).

repressivo, ampliadas, continuadas ou alteradas durante o governo de Stálin, mas já presentes desde outubro de 1917. Mais uma vez os livros *Minha Desilusão na Rússia* (volumes 1 e 2), de Emma Goldman, trazem contribuições quanto a essa perspectiva. A perseguição política, a expropriação dos *kulaks*, a burocratização estatal - vinculada à ineficiência e corrupção são alguns dos fenômenos presentes tanto no governo de Lênin (FILHO, 2004) como no de Stálin⁸.

Lênin falece em 1924 sem indicar sucessores mas em cartas pessoais, por uma ironia do destino, criticava principalmente o posicionamento de Stálin e enfatizava sua opinião contrária a continuidade de seu governo por ele (FILHO, 2004). É sobre o período de seu sucessor que este trabalho se debruça. Mais especificamente, sobre os métodos punitivos e disciplinares do período, com algum foco sobre os anos 1930, em que grandes contingentes foram encarcerados, torturados e exilados.

Sobre o percurso deste trabalho:

Sua primeira parte se debruça sobre indagações específicas. Qual era a função do Gulag? Qual era o seu objetivo enquanto sistema? Para que servia? Como se inseria no sistema político do contexto? Como se verá mais à frente, existem algumas hipóteses principais. Mas, ao meu ver, a resposta não é única, parecendo ser uma articulação de fatores.

Foi preciso começar desse ponto pois sem entender *o que* o Gulag queria produzir não era possível analisar *como* se dava essa produção. Em outras palavras, sem saber o objetivo do Gulag enquanto instituição não era possível apreender suas lógicas internas, suas ferramentas e mecanismos, o porquê de cada uma dessas coisas funcionarem como funcionavam.

Uma vez postos os resultados objetivados pelo Gulag, é possível nos aproximarmos de suas lógicas internas. Chálov foi, para esse empenho, fundamental. Na segunda parte, utilizei os três primeiros volumes dos seis que compõem os *Contos de Kolimá* para impulso e orientação. A partir deles, a identificação dos mecanismos, das formas práticas, das ferramentas, das organizações internas do Gulag era mais tangível. Meu intuito era realizar

⁸ Exemplo disso é a criação do Comitê Extraordinário [Tcheka] em dezembro de 1917, ainda no governo de Lênin, “[...] à qual foram assegurados poderes ilimitados para investigar qualquer possível ameaça ao novo regime, qualquer conspiração contra o Governo e para tomar qualquer medida, por mais radical que fosse, considerada apropriada a erradicar o perigo. [...] Não estava sujeita a nenhum controle pelo Comissário (mais tarde, Ministro) da Justiça ou pelos tribunais. Era independente de qualquer interferência por parte de outros órgãos do governo e não havia recursos contra suas decisões.” (WAGNER, 1970, p. 15).

uma espécie de cartografia dos campos: Chalámov me ajudou a mapear o relevo e outras leituras me ajudaram a analisá-lo.

Após as considerações finais, estão presentes dois conteúdos. Primeiramente, um pequeno glossário retirado do livro *Um Stalin Desconhecido*, de Zhores A. Medvedev e Roj A. Medvedev. Com ele, eu quis complementar um pouco os nomes de instituições trazidos ao longo do trabalho. O fato é que as instituições de caráter político na União Soviética eram muitas e a hierarquia entre elas nem sempre fica clara - essa questão é trazida por vários autores da bibliografia. Além disso, em alguns casos, os nomes das mesmas se alteravam com o tempo. Pensando nisso, o glossário auxilia a demonstrar, em alguma medida, a organização e as principais funções de algumas delas. Em segundo lugar, um conto de Chalámov que conversa muito bem com esta pesquisa e que acredito demonstrar também seu talento literário.

Quanto a questões metodológicas:

Com relação aos nomes próprios russos, é muito importante enfatizar que eles seguem regras diferentes dos nomes ocidentais, ou ao menos, dos brasileiros. Os nomes russos possuem variações intrínsecas⁹. Cada pessoa é registrada com três nomes - prenome, patronímico e sobrenome. A linguagem formal ou informal, a idade e o gênero do sujeito, e a intimidade com o interlocutor alteram os nomes a serem utilizados e suas abreviações. Os diminutivos podem incidir no prenome ou no apelido.

A tradução do russo para o inglês (idioma em que a maior parte das fontes se encontram) passa não somente pela dificuldade de apreensão dessas variações, mas também pela mudança de alfabeto. Na tradução final, do inglês para o português, surgem novas diferenças ortográficas - dupla dificuldade. Por isso, neste trabalho, considerando que não domino a língua russa, procurei utilizar a forma mais recorrente do nome da pessoa referida nas fontes encontradas (dando preferências para as formas encontradas em língua portuguesa), mas entendendo que este método - apesar de ser o mais assertivo neste contexto - é passível de erros. Com relação ao nome de Stálin, optei pela versão acentuada, já que a falta de acento caracteriza o nome em inglês (mesmo sendo encontrada em certas fontes de língua portuguesa).

⁹ SOARES, Maria Aparecida Botelho Pereira. Introdução. In: TOLSTÓI, Lev. Infância, Adolescência, Juventude. [S. l.]: L&PM Pocket, 2013. p. 9-11.

A falta de domínio da língua russa não dificultou somente na grafia dos nomes próprios mas também no acesso a fontes primárias e de confiança sobre os acontecimentos do governo de Stálin. De qualquer modo, é de conhecimento geral as dificuldades de acesso a informações sobre o período, fato retratado por Hannah Arendt, que escreve sobre os Arquivos de Smolensk¹⁰ (publicados em 1958) e também por Jonathan Brent, que retrata a abertura de arquivos na década de 1990¹¹, marcada por um otimismo por parte de alguns pesquisadores mas que evidenciou os múltiplos problemas estruturais dos acervos, um excesso de centralização e burocratização de procedimentos, lacunas de informação, má utilização e extravio de documentação (JUNIOR, 2013, p. 1392). A partir do ano 2000, com o governo de Vladimir Putin, o movimento de abertura se retraiu e estabeleceu-se novamente a restrição de acesso aos arquivos soviéticos.

Outros autores demonstram também a comum incongruência de informações entre fontes. Esta dificuldade reverbera no número de produções e pesquisas sobre o tema. Encontra-se uma extensa literatura sobre a história da União Soviética, mas um estudo sobre seus mecanismos de poder, suas lógicas, instituições, objetivos e funções ainda é escasso, muito provavelmente pelos motivos supracitados. Em português, a bibliografia que se aproxima desse movimento é ainda menor, o que, de certo modo, pode ser considerado um incentivo para a realização desta pesquisa.

Seria válido questionar, frente a este cenário, os motivos para a escolha deste objeto de estudo - os métodos punitivos e disciplinares durante o governo Stálin, em especial nos anos 30. É uma questão ética dizer que, em primeiro plano, a escolha se deu pela da leitura de Chalamov. Uma dentre tantas vítimas do Gulag, Chalamov transmite sua dor e sua experiência nos campos de uma maneira tão singela e delicada, que senti que era mandatório que seu testemunho fosse transmitido a mais pessoas, que sua memória fosse lembrada e reafirmada, e que por meio dela muitas outras pudessem surgir.

¹⁰ “[...] embora os arquivos [...] contenham cerca de 200 mil páginas de documentos e estejam virtualmente intactos no tocante ao período de 1917 a 1938, a quantidade de informação que eles claramente deixam de fornecer é realmente espantosa. Apesar da abundância de material sobre os expurgos de 1929 a 1937, não contém indicação alguma do número de vítimas nem quaisquer outros dados estatísticos vitais. Os algarismos, quando surgem, são irremediavelmente contraditórios; cada uma das organizações fornece dados diferentes, e tudo o que ficamos sabendo com certeza é que muitos deles foram retidos “na fonte” por ordem do governo. Além disso, os arquivos não informam das relações entre os vários setores de autoridade, “entre o Partido, os militares e a NKVD”, ou entre o partido e o governo, e silenciam quanto aos canais de comunicação e comando. Enfim, nada nos ensinam quanto à estrutura organizacional do regime [...]”. (ARENDT, 1989, p. 341).

¹¹ “Não foi fácil produzir respostas. Apenas o Arquivo Central do Partido continha cerca de 250 milhões de documentos, poucos dos quais podiam ser considerados ‘provas contundentes’. Numerosas decisões de alto nível jamais foram colocadas no papel; alguns documentos foram destruídos.” (BRENT, 2008, p. 11 - 12).

Em segundo lugar, porque o problema do poder me interessa. E acredito que no Gulag as relações de poder estão no seu mais alto grau de evidência, facilitando sua visualização e análise.

A leitura das relações de poder neste trabalho é baseada na obra de Michel Foucault, que em seu texto *O Sujeito e o Poder*, responde a pergunta “Como analisar a relação de poder?”:

Podemos, ou melhor, eu diria que é perfeitamente legítimo, analisá-la em instituições bem determinadas; estas últimas constituindo um observatório privilegiado para as atingir, diversificadas, concentradas, ordenadas e levadas, parece, ao seu mais alto grau de eficácia; numa primeira abordagem, é aí que podemos pretender ver aparecer a forma e a lógica de seus mecanismos elementares. (FOUCAULT, 1995, p. 245).

Interessa-me pensar a obediência e a transgressão, o que entendemos por cada uma dessas coisas, como elas funcionam em determinados tempo e espaço, como são controladas, incentivadas ou inibidas. Sob que formas aparecem e porquê. Quais mecanismos se articulam a esses fenômenos. Nota-se uma certa ânsia, um certo fascínio pela punição e esse ímpeto nos conduz diretamente para o espaço da prisão. Será que não se pode conceber uma sociedade em que não se puna¹²? Mas “[...] e se simplesmente não quisermos ser punidos?” (FOUCAULT, 2022, p. 14).

O estudo de um sistema carcerário não trata somente de si próprio, mas de um compilado de instituições que englobam um infindável número de relações, estratégias, embates, funções, objetivos e mecanismos. “[...] Ela [a prisão] não está sozinha, mas ligada a toda uma série de outros dispositivos ‘carcerários’, aparentemente bem diversos - pois se destinam a aliviar, a curar, a socorrer [...]” (FOUCAULT, 2020, p. 302). Um espaço de ação e reação - tal é a constituição da relação de poder (FOUCAULT, 1995). “Um conjunto de ações sobre ações possíveis” (FOUCAULT, 1995, p. 243).

Em quais valores se baseiam essas ações no espaço punitivo? Segundo Michel Foucault, os corpos encarcerados são cotidianamente submetidos a três valores morais¹³ - “a ressocialização pelo trabalho, pela família e pela autoculpabilização” (FOUCAULT, 2022, p. 23). Não é sem a punição que a sociedade não consegue viver. É sem a reiteração desse solo seguro que é a moralidade¹⁴.

¹² PASSETTI, Edson. Heterotopia da vida sem punição. *Verve*, São Paulo, n. 31, p. 155-171, 2017.

¹³ “O cristianismo seria, pois, o solo a partir do qual todos os demais valores do homem moderno brotaram: valores que, para Nietzsche, são a expressão da decadência [...]” (RUBIRA, 2005, p. 116).

¹⁴ “[...] antes da prisão estamos presos à moralidade.” (PASSETTI, 2017, p. 164).

No final das contas, este é um trabalho sobre o corpo. O que foi feito sobre ele, com quais objetivos, de que maneiras, articulando-se a quais ferramentas, sob que formas, com qual organização... É uma tentativa que certamente inaugura mais questões do que respostas. E que faz permanecer, ao fundo, uma certa incredulidade sobre a infantilidade do poder (FOUCAULT, 1984) e sobre a necessidade tão insistente da punição. “Seja na democracia representativa, participativa ou mesmo no socialismo, não se imagina outra maneira de enfrentar desvios, seja de degenerados ou de degradados, sem punição.” (PASSETTI, 2017, p. 157).

Estudar o Gulag, por fim, é um exercício de procurar padrões, mecanismos comuns, ferramentas e estratégias que possam ter subsistido ou talvez sempre existido na vida humana. É perceber que “as soluções totalitárias podem muito bem sobreviver à queda dos regimes totalitários¹⁵ sob a forma de forte tentação [...]” (ARENDT, 1989, p. 511). E que, talvez, essa tentação tenha estado mesmo sempre presente.

¹⁵ O totalitarismo, para Arendt (1989), seria um regime político autoritário cuja principal característica é o domínio total do governo sobre todos os aspectos das vidas pessoais de seus cidadãos.

OS OBJETIVOS DO GULAG

A condição essencial para a existência e o domínio da classe burguesa é a acumulação da riqueza nas mãos de particulares, a formação e o crescimento do capital; a condição de existência do capital é o trabalho assalariado. Este se baseia, exclusivamente, na concorrência entre os operários.

Karl Marx e Friedrich Engels¹⁶

É possível separar as perseguições *stalinistas* em três grandes períodos¹⁷. No início da década de 1930, com a *deskulakização*¹⁸ (que se relacionava diretamente ao processo de coletivização¹⁹), durante o Grande Terror (ou Grande Expurgo) do meio dos anos 1930, por volta de 1937 e 1938, e com as perseguições étnicas que começam ao final dos anos 1930 e perduram até o período pós Segunda Guerra.

As estimativas do número de vítimas da repressão dos anos 1930, do Gulag como um todo e do governo de Stálin em geral variam muito. Em quase todas as fontes consultadas sobre o assunto, números diferentes eram apresentados. Trago alguns dados como demonstração desse fenômeno. De qualquer maneira, a grandeza dos números que seguem nos auxilia a ter em mente a magnitude da tragédia humana do período.

Brent coloca que 936.750 pessoas foram presas somente no ano de 1937 (BRENT, 2013, p. 177). Já com relação ao todo governo de Stálin, Brent diz que as estimativas demonstram um número mínimo de 20 milhões de vítimas (BRENT, 2013, p. 9).

¹⁶ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006.

¹⁷ Divisão realizada por Gregory, Schröder e Sonin (2010).

¹⁸ Processo de perseguição aos *kulaks*, que, de modo sintético, eram classes mais ricas no âmbito da agricultura. Eram considerados inimigos de Estado. Segundo o texto *Stalin's genocide against the "Repressed Peoples"*, em 1930 e 1931, 1.803.392 camponeses considerados *kulaks* foram transferidos para campos de trabalho forçado e entre 1932 e 1940, o número foi de 2.176.600 pessoas.

¹⁹ Para mais informações sobre a íntima relação entre *deskulakização* e a coletivização, sugiro leitura do capítulo *Coletivização forçada*, do trabalho *Planificação: uma análise do desenvolvimento produtivo material da união soviética (1917-1937)*, de Daniel Strauss. O autor também demonstra a ligação desses processos com o Plano Quinquenal (do qual falaremos mais a frente).

No trabalho de Miller e Smith (2015), eles dizem que durante os anos de 1937 e 1938, cerca de 1.6 milhões de trabalhadores (de um total de 66 milhões) foram detidos por violações *contrarevolucionárias*.

No texto *Victims of the Soviet Penal System in the Pre-war Years: A First Approach on the Basis of Archival Evidence* (1993), os autores estimam por volta de 3 milhões de pessoas detidas durante o período do Grande Expurgo (também por volta dos anos 1937 e 1938). Já Hannah Arendt (2004) coloca que 3 milhões de pessoas foram executadas e de 5 a 9 milhões deportadas no período.

Os autores do texto *Rational dictators and the killing of innocents: Data from Stalin's archives* (2010), se debruçam sobre a ligação pessoal de Stálin com esses movimentos de repressão e quais foram as instruções ligadas a cada período supracitado - deskulakização, Grande Terror e perseguições étnicas. Seguem as informações de maneira sumária:

Deskulakização: em janeiro de 1930, Stálin ordena a “destruição dos kulaks enquanto classe”. Suas ordens, *naquele momento*, são de que 60 mil pessoas sejam transferidas para campos ou executadas e que 150.000 pessoas - e suas famílias - sejam deportadas.

Grande Terror: em telegramas de 28 de junho e 3 de julho de 1937, Stálin ordena aos secretários regionais que liquidem os inimigos de classe “de uma vez por todas”. Os secretários tiveram cinco dias para responder qual seria o número final de pessoas a serem executadas e transferidas - a campos ou exílio. Em 30 de julho do mesmo mês, o Comissariado do Povo de Assuntos Internos (NKVD) coloca que, por região, as taxas deveriam ser de 75.950 execuções e 193.000 sentenças de encarceramento. A operação começa em 5 de agosto e tem previsão de terminar em quatro meses, o que não acontece e se estende para 1938 - com novas taxas indicadas para perseguição. Algumas regiões pediam pelo aumento no número de condenações. Stálin acompanhou de perto esse processo.

Perseguições étnicas: apesar de se iniciarem no mesmo período que o Grande Terror, as perseguições étnicas eram voltadas para nacionalidades “socialmente perigosas”. Os poloneses e os alemães foram as principais vítimas. Estima-se que 250 mil pessoas foram executadas e 100 mil pessoas encarceradas. Segundo censos de 1926 e 1937, entre esses anos

o número de alemães em território soviético diminuiu em 8 milhões. Quanto aos poloneses, estima-se que mais de 130 mil foram vítimas de perseguição²⁰.

Tentar encontrar números precisos e informações objetivas é, neste caso, um intento que traz enormes frustrações. Só o que sabemos com certeza é que as vítimas foram muitas. O texto *Victims of the Soviet Penal System in the Pre-War Years: A First Approach on the Basis of Archival Evidence* (1993) explica muito bem as dificuldades desse processo. Segundo os autores, dados exatos sobre o número de vítimas durante o governo de Stálin são difíceis de encontrar devido à natureza fragmentária e dispersa dos registros conservados (GETTY, RITTERSPORN, ZEMSKOV, 1993).

Dentre outros problemas, os arquivos soviéticos abertos em 1990, que são as principais fontes primárias para estudiosos do período, continham dados quantitativos de tipos e assuntos diversos - prisões, acusações (formais ou não), sentenças e populações de campos penais - ao mesmo tempo em que as jurisdições das informações não eram definidas. Em outras palavras, “[...] esses ‘eventos’ aconteceram sob a jurisdição de uma desconcertante variedade de instituições, cada uma com suas próprias compilações estatísticas e relatórios [...]” (GETTY, RITTERSPORN, ZEMSKOV, 1993, p. 1045) e suas próprias organizações internas. Uma quantidade gigantesca de informações divergentes, sob o escopo de um número enorme de instituições autônomas que não se comunicavam diretamente. Informações arquivadas de maneira desorganizada e incongruente e às quais já não temos acesso.

Se em *Vigiar e Punir* e em *‘Alternativas’ à Prisão* as três principais funções carcerárias são “a ressocialização pelo trabalho, pela família e pela autoculpabilização” (FOUCAULT, 2022, p. 23) e o objetivo da forma-prisão é criar delinquentes e gerir ilegalismos (FOUCAULT, 2014), parece haver, ao menos em uma primeira leitura, diferenças com relação ao sistema punitivo soviético, especialmente durante o governo de Stálin. Isso porque o número de pessoas encarceradas ganha uma proporção tal que parece ser importante uma análise mais minuciosa.

1. O número exacerbado de encarcerados não parecia tornar prático o uso da delinquência para gestão de ilegalismos, além de que era muito evidente, no caso do

²⁰ Todas as informações trazidas acima se encontram no texto *Rational dictators and the killing of innocents: Data from Stalin's archives* (2010).

governo soviético, assim como especificamente durante o governo de Stálin, que os ilegalismos eram geridos pela própria liderança política²¹, ou seja, o próprio grupo reduzido da elite realizava os ilegalismos que lhe interessavam. Nos estudos de Michel Foucault, que focam nos séculos XVII e XIX na França e na Inglaterra, os grupos de elite se utilizariam das massas para produção dos ilegalismos a seu favor, se abstendo do risco que eles ofereciam (FOUCAULT, 2020). No caso da União Soviética, essa lógica não funciona - a classe dominante não precisa de um terceiro para a ação pois domina todas as estruturas, as instituições, as relações e as vidas. Não há riscos de impedimentos. Ainda que, posteriormente, parte dessa elite também será encarcerada²², é sabido que os motivos não são acusações no âmbito dos ilegalismos tradicionais²³.

2. A formação da delinquência, correlacionada com a reincidência no sistema punitivo, em Foucault, pode ser, talvez, encontrada nos *blatares*²⁴. Mas a maioria ou, ao menos, uma quantidade relevante dos detentos durante o governo Stálin (e especialmente nos anos 30) não podem ser caracterizados como delinquentes²⁵. Ou seja, a função primordial dos encarceramentos não poderia ser a gestão dos ilegalismos ou a criação de delinquência. Chálov evidenciar essa questão em muitos de seus contos²⁶.

²¹ “O verdadeiro comunismo nunca foi praticado na Rússia, a não ser que se considere 33 categorias de remuneração, provisões de alimento diferentes, privilégios para alguns e indiferença para a grande massa, como comunismo.” (GOLDMAN, 2018, p. 152).

²² “O Grande Expurgo da década de 1930 foi um ciclo de violência política que envolveu todos os níveis da sociedade e todas as esferas da vida. [...] a repressão primeiro atingiu dissidentes políticos em 1935-1936. Em seguida, alargou-se e atingiu o seu apogeu em 1937-1938 com a detenção e encarceramento ou a execução de uma grande proporção do Comitê Central do Partido Comunista, o alto escalão militar e a burocracia estatal.” (GETTY, RITTERSPORN, ZEMSKOV, 1993, p. 1017, tradução nossa).

²³ “Durante o terror, há pouca evidência de que Stalin ou seus companheiros mais próximos tivessem tais ilusões ou acreditassem piamente nas acusações objetivas que faziam contra aqueles que perseguiram. Muitas vezes, nem ao menos sabiam os nomes de suas vítimas. Diretores regionais do partido recebiam quotas de prisões a serem feitas e as cumpriam.” (BRENT, 2013, p. 177).

²⁴ “[...] as personagens de Chálov não se diferenciariam: a única diferenciação existente seria entre os “blatares” (uma das denominações para os criminosos) e os outros presos, que são mostrados apenas como mortos de fome, sofrendo com as doenças, as surras, as humilhações.” (DA SILVA, 2018, p. 137). Os *blatares*, segundo o glossário do livro Contos de Kolimá (2018) podem ser caracterizados como criminosos profissionais que seguem uma espécie de código de conduta da criminalidade.

²⁵ Sobre essa questão e suas implicações, sugiro leitura das páginas 192 e 193 do texto *Michel Foucault: Crimes e Castigos na URSS e em Outros Lugares*, da obra *Ditos e Escritos IV*.

²⁶ “As detenções dos anos 30 foram detenções aleatórias de pessoas. Eram vítimas da falsa e terrível teoria de que a luta de classes estava se inflamando com o fortalecimento do socialismo. Os professores, membros do Partido, militares, engenheiros, camponeses, operários e trabalhadores que enchiam as prisões daquela época, não tinham nada de positivo além de, talvez, a honestidade pessoal, a ingenuidade, algo do tipo – em suma, aquelas qualidades que mais facilitavam do que dificultavam o trabalho punitivo da ‘justiça’ da época. [...] Eles não eram nem inimigos do governo, nem criminosos de Estado, e, ao morrer, eles nem mesmo entendiam por que tinham que morrer.” (CHÁLOV, 2019, p. 226).

3. O princípio moral de “ressocialização pela família” parece, no contexto stalinista, em alguma medida deslocado. A família é uma estrutura impossível no governo Stálin. Hannah Arendt explica isso muito bem quando coloca que o totalitarismo só é viável em uma sociedade atomizada, com indivíduos isolados que só podem encontrar vínculos (teoricamente) mais seguros nos movimentos governamentais. A lealdade a outros grupos, como a família, representava uma ameaça a estabilidade política, que utilizava ferramentas como os expurgos para desmembrar esses laços (ARENDT, 1989).

Instigava-me tentar aplicar o raciocínio de Michel Foucault à estrutura do Gulag. Para isso, entretanto, seriam necessários alguns cuidados, como os evidenciados acima. Somente com Foucault, não era possível chegar ao objetivo direto e prático de um sistema colossal como o Gulag soviético. Mesmo porque a análise foucaultiana contou com uma grande acervo de documentação primária para consulta, enquanto até hoje o Gulag é um tema interdito na Rússia.

É interessante citar que atualmente no site do governo russo há somente uma citação à palavra “gulag” em toda a base de dados oficial²⁷. Ao pesquisar o termo no site oficial do governo, é disponibilizada uma reunião transcrita com o título: *Meeting on the development of a network of integrated government service centres for the provision of state and municipal services*. No texto, a palavra “gulag” é citada somente uma vez, pelo político de extrema direita, Nikita Belykh. Sua frase é a seguinte: “No que se trata da região de Kirov, temos ali assentamentos nas florestas mais ao norte, muitos dos quais fundados por prisioneiros dos campos de trabalho do Gulag [...]” (OFFICIAL WEBSITE OF THE GOVERNMENT OF THE RUSSIAN FEDERATION, 2013, tradução nossa).

O Gulag²⁸ englobava vastas áreas de “prisões, campos de trabalho forçado, colônias e ‘agrupamentos especiais’, além de vários tipos de supervisão de indivíduos sob condicional.” (GETTY; RITTERSPORN; ZEMSKOV, 1993, p. 1019, tradução nossa). Alguns autores, entretanto, consideram o Gulag apenas o “[...] arquipélago de centros de detenção de trabalho

²⁷ Consulta realizada pelos links: <http://government.ru/en/> e <http://government.ru/en/news/49/>.

²⁸ “Um sistema de campos de trabalho forçado foi primeiro inaugurado por um decreto soviético de 15 de abril de 1919, e sofreu uma série de mudanças administrativas e organizacionais nos anos 1920, o que culminou na fundação do Gulag em 1930 sob o controle da polícia secreta, OGPU [Diretório Político Unificado do Estado] (posteriormente sob o controle do NKVD [Comissariado do Povo de Assuntos Internos] e da KGB [Comitê de Segurança do Estado da URSS]).” (BRITANNICA, 2023). Já segundo Pipes (2014), os campos foram oficialmente estabelecidos em 5 de setembro de 1918 por meio de um decreto.

forçado [...]” (RETISH, 2017, p. 136, tradução nossa), excluindo-se as prisões de detenção usual.

Tal qual máquina kafkiana, muitas leituras faziam pensar que o Gulag, ao mesmo tempo em que expandia-se, também engolia-se a si mesmo e não trazia, ao menos não evidentemente, benefícios diretos em termos econômicos. Grande parte da bibliografia sustentava o argumento de que tal estrutura prisional não apresentava lucratividade econômica para o regime.

Em alguns casos, o Gulag era sugerido como ferramenta de pura opressão²⁹. Se assim fosse, o fato de que a perseguição, a violência, a crueldade e o terror do governo aumentavam significativamente e inversamente à proporção da existência da oposição interna (ARENDT, 1989, p. 443) contradizia esse argumento. Pois se funcionasse somente como mecanismo negativo de poder³⁰, haveria uma relação diretamente proporcional entre sua expansão e o aumento no número de inimigos do governo e vice-versa. O que pode ser facilmente descartado no contexto do final dos anos 1930 do governo soviético, em que a perseguição aumentava assustadoramente e não se reduzia com o aumento no número de mortes e encarceramentos.

Hannah Arendt, na obra *Origens do Totalitarismo* (1989), em que conceitua o funcionamento dos regimes nazista e stalinista, reverbera o argumento sobre a inutilidade econômica do Gulag. Segundo a autora, os trabalhos realizados nos campos poderiam ser realizados de maneiras mais eficientes e mais baratas em outras condições, o que evidenciaria que a questão central de seu funcionamento não era a lucratividade econômica. O Gulag comprovaria que o trabalho forçado nada mais seria que a condição de todos os trabalhadores russos³¹, que a qualquer momento poderiam ser transferidos arbitrariamente para qualquer lugar (ARENDT, 1989).

²⁹ “[...] a noção de repressão, à qual geralmente se reduzem os mecanismos do poder, me parece muito insuficiente, e talvez até perigosa.” (FOUCAULT, 2003, p. 149).

³⁰ “[...] se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalcamento, à maneira de um grande super-ego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo - como se começa a conhecer - e também a nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz.” (FOUCAULT, 2003, p. 148).

³¹ Também Foucault considera essa hipótese: “[...] ou bem o trabalho imposto aos prisioneiros (de direito comum ou políticos, pouco importa aqui) é da mesma natureza que o de todos os trabalhadores da União Soviética [...] ou é um subtrabalho, um trabalho castigo.” (FOUCAULT, 2003, p. 197).

A concepção arendtiana faz sentido em alguma medida, pois, é verdade, “[...], se os campos serviam a um importante objetivo econômico, o regime certamente não poderia ter-se permitido sua rápida liquidação [durante o colapso da União Soviética] sem graves consequências para todo o sistema econômico.” (ARENDT, 1989, p. 495). Também Foucault, em *Vigiar e Punir*, diz que “o trabalho penal [...] com sua parca extensão, seu fraco rendimento, [...] não pode ter incidência geral sobre a economia. Não é como atividade de produção que ele é intrinsecamente útil, mas pelos efeitos que toma na mecânica humana.” (FOUCAULT, 1997, p. 235).

Ainda seguindo o princípio de que o Gulag não teria objetivos econômicos, Arendt diz: “[...] o ‘dilúvio de denúncias mútuas’ durante o Grande Expurgo³² foi tão desastroso para o bem-estar econômico e social do país como foi eficaz para fortalecer o governante totalitário [...]” (ARENDT, 1989, p. 347) e “[...] como o arquivo de Smolensk mostra em detalhes, os métodos stalinistas de governo conseguiram acabar com toda a competência e *know-how* técnico que o país havia adquirido após a Revolução de Outubro.” (ARENDT, 1989, p. 348).

Outro argumento que reverberaria que o objetivo do Gulag não era a lucratividade econômica é que os campos punitivos, inicialmente, no governo soviético, haviam sido pensados para serem economicamente auto-suficientes, ou seja, o trabalho desenvolvido pelos encarcerados deveria sustentar as próprias instituições (KHLEVNYUK, 2003 apud MILLER, SMITH, 2015). Os próprios pensadores soviéticos da reforma prisional do início do século XX argumentavam que “[...] uma importante distinção entre as prisões capitalistas e as socialistas é que no Ocidente presos eram usados como trabalho assalariado para obter lucro.” (RETISH, 2017, p. 142, tradução nossa).

Em contrapartida, alguns autores defendem que havia sim um caráter relevante de produção econômica nos campos de trabalho forçado, uma vez que eles seriam essenciais na exploração de matérias-primas em áreas remotas a um baixo custo, que seriam posteriormente distribuídas para os grandes centros populacionais do país. Piacentini (2015) argumenta que o uso de trabalho forçado não representava um processo de “modernização” dos instrumentos

³² “Embora quase cinquenta anos no passado, o Grande Expurgo de Stálin na década de 1930 ainda é considerado um dos eventos mais enigmáticos do século XX. Quer pensemos no Grande Expurgo como um processo mais ou menos contínuo desde o assassinato de Kirov em 1934 até a substituição de Ezhov por Beria como chefe da polícia secreta no final de 1938, ou limitá-lo ao período de Yezhov, de 1937 a 1938, quando o terror atingiu seu pico, a simples magnitude da operação é assombrosa. O número de prisões, deportações, prisões, e vidas perdidas nesses anos são impossíveis de mensurar, e as tentativas de fazê-lo têm tido resultados muito variáveis. Mesmo as menores estimativas, entretanto, são impressionantes.” (SHATZ, 1984, p. 1).

penais, mas um retorno aos métodos de Pedro, o Grande, que utilizava pessoas condenadas em fábricas de propriedade do governo e projetos de construção³³. Os encarcerados não sustentavam a economia soviética, mas contribuíam significativamente na exploração de recursos naturais como madeira, carvão, cobre e diamantes em regiões inóspitas (no norte e na Sibéria) onde a mão de obra era muito cara (PIACENTINI, 2015).

Outra hipótese com a qual me deparei foi a paranoia³⁴ de Stálin, que enquanto centro orbital do governo soviético exerceu todas as precauções possíveis - grandes expurgos, perseguições, torturas e fuzilamentos - a fim de proteger a própria existência e posição política. Este argumento se volta para o fato de que o número de vítimas foi tão alarmante e gigantesco, que é difícil acreditar que não haveria também um princípio psicológico ligado ao evento. Muitos autores trazem essa explicação: “[...] [o aumento da população carcerária no Gulag] é resultado sombrio da paranoia do tirano [Stálin] e tinha como principal objetivo acomodar o crescente número de opositores do regime reprimidos e ‘elementos socialmente estranhos’ [...]” (LAZAREV, 2003, p. 191 apud MILLER, SMITH, 2015, p. 6, tradução nossa) e “ele [Stálin] não só temia inimigos *escondidos*, que ainda não teriam se revelado; ele também temia inimigos *inconscientes* - aqueles que ainda nem mesmo se conheciam, que acreditavam serem leais.” (HARRISON, 2008, p. 8 apud MILLER, SMITH, 2015, p. 6, tradução nossa).

Já no texto *Rational Dictators and the killing of innocents: Data from Stalin's archives* (2010), o argumento que relaciona a violência exercida por ditadores com transtornos psíquicos e características psicológicas individuais é revogado. Os autores colocam: “a violência de ditadores dirigidas contra seus próprios cidadãos é comumente atribuída a personalidades deturpadas e doenças mentais, mas a sua repetição ao longo do tempo e dos lugares faz com que essa explicação seja insatisfatória.” (GREGORY, SCHRÖDER, SONIN, 2010, p. 35, tradução nossa).

Jonathan Brent, em *Dentro dos Arquivos de Stalin: descobrindo uma nova Rússia* (2013), também parece ter dificuldade de entender o funcionamento do Gulag. Ele diz: “até hoje, não entendemos o que exatamente o terror de Stalin almejava eliminar ou por que pessoas comuns e inocentes foram varridas juntamente com aquelas que tinham reivindicações legítimas ao poder.” (BRENT, 2013, p. 177).

³³ Sobre a relação entre as estruturas de punição czarista e bolchevique falaremos mais à frente.

³⁴ Brent (2013) cita um discurso de Stálin, de 1937, em que ele diz que qualquer pessoa, em ato ou em pensamento, poderia ser considerada uma inimiga do Estado socialista e que estas deveriam ser eliminadas, assim como seus parentes.

É evidente que o Gulag não possuía somente um objetivo, uma função, mas um compilado de funções, mecanismos e procedimentos que explicam o fato de ter perdurado tanto tempo. E mais: de ter continuado a existir a torto e a direito, sob diferentes nomes, instituições e formas. Pois, “o sucesso [da forma-prisão] é tal que, depois de um século e meio de ‘fracasso’, a prisão continua a existir, produzindo os mesmos efeitos e [...] [ainda] se têm os maiores escrúpulos em derrubá-la.” (FOUCAULT, 1997, p.272).

O texto *In the shadow of the Gulag: Worker discipline under Stalin* (2015) diz que a principal função do Gulag não se relacionava a um processo interno, mas a uma *externalidade*. Eram os resultados *externos* de seu funcionamento *interno* que importavam. Isso porque os salários pagos à mão de obra livre dependiam diretamente das condições de vida no Gulag, que representava uma possibilidade de destino que deveria ser evitada ao máximo pelos trabalhadores da época (MILLER, SMITH, 2015). Ou seja, o efeito disciplinar do Gulag representaria sua maior função³⁵.

Poderia ser um argumento frágil, se o texto também não demonstrasse as demais ferramentas disciplinares criadas no período em prol de um avanço econômico soviético³⁶. Em 1926, por exemplo, incorpora-se o conceito de “sabotagem econômica” ao Código Penal Soviético e atos de negligência ou obstrução em qualquer etapa da produção ou distribuição de mercadorias passou a ser considerado crime *contrarrevolucionário*, com penas de um ano à execução (OVERY, 2004 apud MILLER, SMITH, 2015). Já no final dos anos 1930, entre 1938 e 1940, ausência no trabalho, atrasos, embriaguez e vadiagem passaram a ser considerados crimes (SOLOMON, 1980 apud MILLER, SMITH, 2015).

Para tentar entender o grande movimento disciplinar retratado, fui em busca do contexto econômico da época. No final da década de 1920, o primeiro Plano Quinquenal foi efetivado (o segundo é implantado entre 1933 e 1937, e o terceiro entre 1938 e 1940). Os Planos Quinquenais foram programas de crescimento econômico criados no governo de Stálin com o intuito de expandir os setores industriais soviéticos em um curto período de tempo.

³⁵ No texto *Russia behind bars: the peculiarities of the Russian prison system*, Strzelecki analisa o sistema carcerário russo sob o governo Putin e demonstra que muitos aspectos de funcionamento permanecem os mesmos desde os tempos soviéticos. Também no texto, há a informação de que a “[...] ineficiência [das prisões e colônias penais russas] não é um problema para o governo porque na Rússia o sistema prisional é principalmente parte de uma máquina usada para exercer controle sobre a sociedade e para assegurar a estabilidade de um sistema de poder.” (STRZELECKI, 2019, p. 9, tradução nossa).

³⁶ “A vigilância torna-se um operador econômico decisivo, na medida em que é ao mesmo tempo uma peça interna no aparelho de produção e uma engrenagem específica do poder disciplinar.” (FOUCAULT, 2020, p. 172).

Segundo o texto *The Overambitious First Soviet Five-Year Plan* (2017), de Holland Hunter, as metas do primeiro plano eram dificilmente concretizáveis (apesar de que o autor coloca que seu fracasso se dá também por questões externas que não poderiam ser previstas pelos seus formuladores). O que facilmente se deduz, entretanto, é que para alcançá-las, diversas medidas tiveram de ser implementadas (o raciocínio que segue também pode ser aplicado aos demais planos).

Havia, é claro, um elemento base, essencial, nódulo do pensamento marxista, sem o qual nada seria realizado: o operário. Era preciso ter a maior quantidade de mão de obra possível (HUNTER, 2017, p. 241) e ampliar ao máximo sua capacidade produtiva. Como aumentar a capacidade produtiva de um operário? Obediência, disciplina, punição e medo são ferramentas úteis para esse fim. A fábrica como espaço disciplinar, o Gulag como espaço da punição para quem não se disciplinou e deverá sê-lo.

Mais um elemento vital para que os planos fossem bem-sucedidos: bens de produção (VILLELA, 1968, p. 35). Como fazer com que os bens básicos, dos quais toda a produção depende, sejam: (1) produzidos em quantidade maior e o mais rápido possível e (2) explorados nos lugares em que existam com abundância e cheguem, o mais rápido possível, aos centros industriais que os transformarão em bens de consumo? Ou para que possam servir, ao menos, como recurso energético?

Há ainda outro fator que altera diretamente os resultados finais da produção. Os custos. A taxa de lucro depende diretamente da taxa de custos. Pois bem, a última questão: como seria possível reduzir os custos drasticamente, a fim de aumentar os lucros ainda mais significativamente?

Questões centrais das quais dependiam os Planos Quinquenais. O Gulag parece ser a solução ideal, respondendo a todas exemplarmente³⁷. No que tange, portanto, a suas implicações diretas, o Gulag proporcionava a exploração de bens em áreas remotas, a um custo baixíssimo (com operários trabalhando em condições subumanas) e o devido transporte para os centros produtivos pelas extensas linhas férreas do país³⁸ - estas construídas em grande medida

³⁷ “A última e mais frequente ‘rubrica’, de acordo com a qual fuzilaram muitíssimas pessoas, era ‘Pelo não cumprimento da cota’. Por conta desse crime, foram fuziladas brigadas inteiras no campo. Havia até um fundamento teórico. Nessa época, pelo país inteiro, o plano estatal ‘atingiu’ até mesmo as máquinas, nas fábricas e indústrias. Na Kolimá prisional, o plano atingiu as galerias, os carrinhos, as picaretas. O plano estatal era a lei! O não cumprimento do plano estatal era um crime contrarrevolucionário.” (CHALÁMOV, 2020, p. 43-44).

³⁸ Para maiores informações sobre a relação entre as linhas férreas, o avanço da industrialização e o trabalho forçado na União Soviética durante os anos de governo soviético (em principal de Stálin), consultar: *Stalin’s*

também pelo trabalho forçado de condenados. Por outro lado, o Gulag era uma ferramenta concreta de reiteração da disciplina³⁹ e da obediência, além de representar sempre um possível destino àqueles que cometessem alguma infração - nesse caso, qualquer atitude que afetasse a lucratividade da produção⁴⁰.

Inclusive, o texto *Breaking free from the prison walls: penal reforms and prison life in revolutionary Russia* (2017) demonstra como esse ímpeto de disciplinarização se exercia não somente nos espaços de trabalho como nos espaços de punição. Nele, Retish (2017)⁴¹ se debruça sobre as principais propostas para as reformas prisionais no período pós-revolução - propostas que evidenciavam o ímpeto cada vez maior de criar ferramentas efetivas de disciplinarização dentro dos espaços de punição. “Os reformadores da prisão na Rússia revolucionária [...] tinham o intuito de mudar as prisões de espaços estritamente punitivos para espaços de disciplina, para transformar e controlar presos uma vez que estivessem libertos.” (RETISH, 2017, p. 135, tradução nossa).

O autor também demonstra a centralidade dada ao conceito de trabalho⁴² no que tangia a “recuperação” dos detentos. “[...] não era o trabalho por si próprio que era importante para os reformadores penais soviéticos durante o período revolucionário, mas a ajuda educacional e meditativa [que provinha] do trabalho físico organizado.” (RETISH, 2017, p. 142, tradução nossa).

Se, em Foucault, o trabalho é um instrumento utilizado pela forma-prisão sobre o corpo do detento com a justificativa da transformação, no trabalho forçado dos campos soviéticos está presente uma função nova. Pois se o trabalho, no âmbito interno do local da detenção, visa formar um ser obediente, sujeito a uma autoridade que se exerce continuamente sobre ele e

railway to nowhere: 'the Dead Road' (1947-1953), de Victor L. Mote e *The Soviet Railway System: Policy and Operation*, de Michael S. Mirski.

³⁹ “A ‘disciplina’ não pode se identificar com uma instituição nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma ‘física’ ou uma ‘anatomia’ do poder, uma tecnologia.” (FOUCAULT, 2020, p. 208).

⁴⁰ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2020.

⁴¹ É importante dizer que a contribuição deste texto é dupla: primeiro, aproxima o fenômeno estudado da ótica foucaultiana - movimento feito pelo autor do texto - e segundo, demonstra que a problemática do sistema prisional soviético tem questões anteriores ao governo Stálin.

⁴² “[...] essa ideia de que é o trabalho que tem em si mesmo uma função essencial na transformação do prisioneiro e na realização da paz. O trabalho é que poderia prevenir da maneira mais segura as infrações. O trabalho é que seria capaz de, mais do que qualquer outra coisa, realmente punir. O trabalho é que constituiria a verdadeira retribuição social do crime. O trabalho é que teria uma maior capacidade, mais do que qualquer outra coisa, de corrigir o infrator. Em outras palavras, o trabalho é a réplica essencial, fundamental, à infração. (FOUCAULT, 2020, p. 19).

em torno dele, reconstituindo-o ao pacto social (FOUCAULT, 2020, p. 128), *externamente*, funciona como ferramenta de coação: *é necessário ser um bom trabalhador para não ser punido*.

Sua outra função externa, que não pode ser relevada, está extensamente retratada em toda a bibliografia pesquisada. O Gulag como estratégia de repressão política. O número alarmante de condenações políticas e a corrupção do sistema penal soviético são fatos amplamente estudados. Não é possível negar o uso da repressão política, seja na forma de encarceramento, trabalho forçado, torturas, perseguições, silenciamentos e difusão do medo, durante o governo Stálin. O Gulag era parte desse funcionamento governamental, uma ferramenta essencial para reiterar a obediência e disciplina em uma população pós-revolução.

Sobre essa questão, nos debruçaremos um pouco mais no próximo capítulo.

AS TECNOLOGIAS DE PODER

Todos os socialistas estão de acordo em que o Estado e, com ele, a autoridade política desaparecerão em consequência [sic] da revolução social futura; isso significa que as funções públicas perderão o seu caráter político e se transformarão em simples funções administrativas que zelarão pelos interesses sociais.

Friedrich Engels⁴³

Varlam Tíkhonovitch Chalámov⁴⁴ nasceu em 18 de junho de 1907 em Vologda, Rússia, filho de padre ortodoxo chamado Tikhon Nikolayevich Shalamov e de mãe chamada Nadezhda Shalamova. Em 1924, encontra trabalho em uma fábrica de couros na cidade de Kuntsevo. Em 1926, é indicado por essa fábrica para o Instituto Têxtil de Moscou e é aprovado no curso de Direito na Universidade de Moscou - opta por seguir a última opção.

No ano seguinte, no dia 7 de novembro, participa de uma manifestação que marcava os dez anos da Revolução de Outubro e que tinha como slogans as máximas “Abaixo Stálin!” e “Cumpra o testamento de Lênin⁴⁵!”. Em 1928, frequenta um grupo de escrita organizado pela revista *Novyi Lef*⁴⁶.

⁴³ (ENGELS apud LÊNIN, 2007, p. 93 - 94).

⁴⁴ A maior parte das informações aqui trazidas foram retiradas do único site oficial sobre Chalámov, <https://shalamov.ru/>.

A grafia “Shalamov” é mais utilizada nas fontes anglófonas, tendo eu optado por utilizar a grafia “Chalámov”, que é a escolhida pela Editora 34 na coleção Contos de Kolimá.

⁴⁵ Notas escritas por Lênin após seu primeiro derrame em que, dentre outras coisas, fazia um balanço sobre a personalidade das principais lideranças do partido da época. Critica Stálin de maneira robusta, demonstrando que não gostaria que ele fosse seu sucessor enquanto governante da União Soviética. Foi proibida sua leitura no Décimo Terceiro Congresso do Partido, em 1924. Sua publicação oficial só aconteceu 40 anos depois, em 1964 - 11 anos após a morte de Stálin (NORTH, 2022).

⁴⁶ “O LEF foi um grupo de intelectuais e escritores vanguardistas associados a Maiakovski, que buscaram o lugar da arte e do artista dentro do comunismo. [...] O grupo publicou uma revista, de mesmo nome, entre 1923 e 1928. Lef teve sete edições, entre março de 1923 e janeiro de 1925. Era dividida em seções, entre elas “teoria”, “programa” e “prática”. [...] Sua sucessora, Novyi Lef [Nova Lef] começou a ser impressa em janeiro de 1927 e cessou definitivamente em dezembro de 1928 [...]” (ZERWES, 2015, p. 34).

Sua primeira condenação se deu em 19 de fevereiro de 1929, quando foi pego em uma batida policial em uma gráfica clandestina imprimindo folhetos do testamento supracitado. Passou três anos em um campo pela acusação de ser um “elemento socialmente perigoso”.

Fica alguns meses na prisão de Butírskaia⁴⁷ para ser transferido para a cidade de Vishera, na região norte dos Urais. Na cidade de Berezniki, trabalha com obras em uma fábrica de produtos químicos sob a supervisão de Eduard Petrovich Berzin, que será o responsável pela criação da Dalstroy⁴⁸. Durante esse período, Chalámov conhece no campo sua futura esposa, Galina Ignatievna Gudz.

Em outubro de 1931, é liberto e reabilitado. Retorna à Moscou já em 1932 e passa a trabalhar como jornalista em duas revistas: *Za Udarnichestvo* e *Za Ovladeniye Tehnikoi*. Em 1933, seu pai falece - Chalámov vai a Vologda para o funeral, assim como em dezembro de 1934, quando é sua mãe quem morre. Antes disso, no mês de junho de 1934, casa com Galina.

Em 13 de abril de 1935, nasce sua filha - Yelena Shalamova. Em 1936, seu conto *As Três Mortes do Dr. Austino* é publicado no primeiro número da revista *Octiabr*. Até então estava trabalhando na *Za Promyshlennyye Kadry*, quando em janeiro de 1937 é novamente levado à prisão de Butírskaia, desta vez por atividades trotskistas *contrarrevolucionárias*.

É condenado a cinco anos de trabalhos forçados por uma comissão especial e levado com várias outras pessoas para Magadan, de navio, em 14 de agosto de 1937. Até dezembro de 1938, trabalha em minas de ouro. Neste mesmo mês, é acusado de ter conexão com a

⁴⁷ Encontram-se também as ocorrências “Butirka”, “Butyrka” e “Butyrskaya”.

É de interesse deste trabalho notar que tal prisão, que já abrigou grandes nomes como Solzhenitsyn, Mandelstam, Eugenia Ginzburg e o próprio Chalámov, era referenciada desde o século XVII. Sua estrutura atual data de 1879. A prisão sempre foi conhecida por seus funcionários e práticas violentas. Com a Revolução de Outubro, os prisioneiros políticos foram libertos. Posteriormente, seu prédio tornou-se de grande utilidade para o regime soviético, que encarcerou ali seus próprios presos políticos. A Butírskaia era frequentemente uma prisão de trânsito para que os acusados fossem encaminhados para os campos de trabalho forçado em regiões distantes.

⁴⁸ Há pouca informação *online* sobre a instituição. As informações mais completas estão na página da Wikipédia (<https://en.wikipedia.org/wiki/Dalstroy>) e se alinham com o que é citado em outros textos.

A Dalstroy foi uma organização criada em 1931 para administrar a construção de rodovias e a mineração no Extremo Leste da Rússia. Inicialmente, foi nomeada como Direção Geral de Construção do Extremo Norte e trabalhava sob o Ministério dos Assuntos Internos da União Soviética. Em 1938, passou a ser do escopo do Comissariado do Povo para Assuntos Internos (NKVD) e em 1945 passa por nova reorganização e nomeação (não há detalhes sobre isso na fonte consultada). Em 1952, ganha o nome de Direção Principal de Campos e Construção do Extremo Norte.

O Dalstroy criou uma rede enorme de campos de trabalho forçado (por volta de oitenta) na região de Kolimá, que garantiam mão-de-obra para suas atividades.

“conspiração dos advogados”⁴⁹ e levado para uma casa de detenção chamada Dom Vas’kova em Magadan.

Durante dezembro de 1938 e abril de 1939, é mantido em uma prisão de trânsito devido à quarentena de febre tifóide. Com o fim da quarentena, passa a trabalhar em uma expedição de exploração geológica na mina Chernaya Rechka. A partir de agosto de 1940, trabalha em minas de carvão nos campos de Kadykchan e Arkagala.

Entre dezembro de 1942 e maio de 1943, trabalha na mina de um campo de Jelgalla. Neste último mês, é acusado por outros detentos de *agitação anti-soviética*⁵⁰. É também acusado por elogiar Ivan Alekseyevich Búnin⁵¹. Seu julgamento acontece em Yagodnoe, em 22 de junho de 1943: sua sentença é de 10 anos de trabalho forçado.

Ainda em 1943, atinge um estágio grave de fraqueza e é internado no hospital do campo, próximo ao povoado de Yagodnoe. De dezembro de 1943 até o verão de 1944, Chalámov trabalha na mina de Spokoiny, quando é acusado sob os crimes descritos no artigo 58⁵², não recebendo, entretanto, nova pena (uma vez que já estava sob condenação do mesmo artigo).

Em um período de 1945, devido a sérias condições de saúde, novamente é internado. Seu estado era gravíssimo, mas médicos do hospital de Belichia conseguiram o recuperar. Fica no hospital após a alta pois consegue trabalhos temporários ali, inclusive como um trabalhador da frente cultural.

No outono de 1945, trabalha com corte de madeira na taiga do campo de Kliuch Almaznyi. Não atingindo a cota exigida, foge do campo, mas é capturado e na primavera já está trabalhando, como punição, na mina do campo de Jelgalla.

Na primavera de 1946, trabalha nas minas de Susuman. É novamente hospitalizado em Belichia, com suspeita de desintéria. Depois que melhora, consegue, com ajuda do médico A.

⁴⁹ Não encontrei informações sobre este caso. No livro *O Artista da Pá* (2020), Chalámov salienta como eram comuns casos que tinham o intuito de incriminar uma grande quantidade de internos de uma só vez. É interessante pensar que há uma lógica da punição dentro de um espaço que já tem o intuito de punir.

⁵⁰ O mesmo que *agitação contrarrevolucionária*.

⁵¹ Búnin foi o primeiro escritor russo a ganhar um Prêmio Nobel de Literatura.

Práticas ilegais para a extensão das penas dos detentos eram extremamente comuns, como mostra Chalámov nos *Contos de Kolimá*. Outra prática usual era, após a libertação do condenado, não autorizar seu retorno à Rússia continental, de modo que ele continuava a trabalhar na região do campo sob o status de “trabalhador livre”.

⁵² No original: “is arrested on the same accusation, but this time gets no new term as he is already serving penalty under that article.” (SHALAMOV.RU). O artigo 58 do Código Penal soviético de 1927 fazia referência a crimes contra o Estado. Chalámov foi preso por ele, assim como milhares de outros presos considerados criminosos políticos. Mais a frente falaremos sobre isso.

M. Pantiukhov, frequentar um curso de treinamento para paramédicos que acontecia em um campo a 23km de Magadan.

Em dezembro de 1946, após completar o curso, é enviado para trabalhar como enfermeiro no departamento cirúrgico do hospital central da prisão de Levy Bereg, no vilarejo de Debin, a 400km de Magadan.

Da primavera de 1949 até o verão de 1950, trabalha como enfermeiro no povoado de Kliuch Duskania (que tem sua atividade produtiva ligada ao corte de madeira). Começa, no período, a escrever poesias que posteriormente farão parte da coleção *Contos de Kolimá*.

De 1950 a 1951, volta a trabalhar no hospital Levy Bereg. O fim da sua sentença se dá em 13 de outubro de 1951. Nos dois anos seguintes, é enviado pelo Fundo de Construção do Extremo Norte (Dalstroy) para trabalhar como enfermeiro nos vilarejos de Kiubiuma, Baragon e Liriukovan. O objetivo de Chalámov é guardar dinheiro para conseguir pagar os transportes necessários para sair de Kolimá.

Continua escrevendo poesia e, com a ajuda do médico E. A. Mamuchashvili, consegue enviar seus escritos para Moscou, especialmente para B. L. Pasternak, que o responde, inaugurando a comunicação entre os dois poetas.

Em 13 de setembro de 1953, se desvincula do Dalstroy e em 12 de novembro de 1953 retorna a Moscou e reencontra seus familiares. No dia seguinte, conhece Pasternak, que o introduz no mundo da escrita. No dia 29 do mesmo mês, consegue um emprego no departamento de construção Ozyory-Nekliuev na região de Kalinin.

Em 1954, divorcia-se de Galina Ignatievna Gudz e escreve textos que farão parte dos *Contos de Kolimá*. Neste ano, a partir do dia 23 de junho até 18 de julho de 1956, trabalha como agente de abastecimento na empresa de turfa Reshetnikov, também em Kalinin. Neste período, passa a viver no povoado de Turkmen.

Quando dispensado de suas funções na empresa de turfa, muda-se para Moscou e se casa com Olga Neklyudova. Em 1957, passa a trabalhar como *freelancer* na revista *Moskva* e consegue publicar os primeiros poemas da obra *Contos de Kolimá* no quinto número da revista *Znamia*. Nesse mesmo ano, desenvolve a doença de Ménière, que faz com que sofra de vertigens devido a problemas no ouvido interno. Por isso, até 1958 faz tratamento no hospital de Botkin.

Em 1961, publica sua primeira coletânea de poesia, chamada *Ognivo* (obra não publicada em português, cujo título pode ser traduzido por “Pedra”). Segue escrevendo os textos da coleção *Contos de Kolimá*.

Entre 1962 e 1964, trabalha como revisor *freelancer* na revista *Novyi mir*. Em 1964, é publicada sua coletânea de poemas intitulada *Shelest listev*, também sem edição lusófona cujo título pode ser traduzido por “farfalar de folhas”.

Em 1964 e no ano seguinte, finaliza dois volumes da coleção de Kolimá: *Levy bereg* e *Artist lopaty*, em português, respectivamente, *A margem esquerda* e *O artista da pá*. Em 1966, se divorcia pela segunda vez e inicia uma época de grande produção literária: organização da obra *A ressurreição do lariço* (1966 - 1967), a publicação do livro de poemas *Doroga i sudba*⁵³ (1967) e a redação de seu texto autobiográfico *Chetvertaia Vologda*⁵⁴ (1968 - 1971) e da obra *Visherskyi antiroman*⁵⁵ (1970 - 1971). Também em 1966, conhece Irina P. Sirotínskaia, escritora que o conheceu em seus últimos anos e que foi uma das principais responsáveis pela divulgação das informações biográficas de Chalámov.

Em 1972, descobre que textos de *Contos de Kolimá* estão sendo publicados no Ocidente pela editora Posev⁵⁶. Por isso, escreve uma carta para a revista *Literaturnaia gazeta* protestando contra publicações não autorizadas pelos autores. Alguns colegas de trabalho interpretam este ato como uma renúncia de Chalámov aos seus contos, e cortam laços com ele. Entretanto, no mesmo ano é aceito como membro da União de Escritores Soviéticos.

Também em 1972, publica *Moskovskie oblaka*, livro de poemas chamado em inglês de *Moscou clouds*. Nos dois anos seguintes trabalha no último volume de *Contos de Kolimá: A luvã ou KR-2*.

Em 1977, publica outro livro de poesias, *Tochka kipeniya* (em português, “ponto de ebulição”). Devido ao seu aniversário de 70 anos, é agraciado com a Ordem do Distintivo de Honra⁵⁷, mas não recebe o prêmio propriamente dito⁵⁸.

⁵³ Em português, o título poderia ser traduzido por “jornada e destino”.

⁵⁴ Em português, “a quarta Vologda”. A obra só foi publicada em espanhol e em francês.

⁵⁵ A tradução em inglês, seria: *Vishera: an antinovel*. Não encontrei publicações da obra.

⁵⁶ Não encontrei a informação se a publicação era parcial ou completa da obra.

⁵⁷ No original: “Order of the Badge of Honour”.

⁵⁸ Não encontrei mais detalhes sobre o ocorrido.

No ano seguinte, os *Contos de Kolimá* são publicados na Rússia pela editora londrina *Overseas Publications*, mas nesse caso também sem a autorização de Chalámov. A saúde do escritor começa a se deteriorar rapidamente, com perda gradativa de visão e audição. Crises da doença de Ménière e falta de coordenação motora passam a ser comuns e amigos e colegas da União de Escritores se empenham para colocá-lo em uma clínica que possa acompanhá-lo.

Em 1980, descobre que ganhou o *French PEN club prize*, mas não recebe o prêmio efetivamente⁵⁹. Entre esse mesmo ano e o seguinte, sofre um ataque cardíaco. Em momentos de “elevação”⁶⁰ recita poemas para A. A. Morozov, que posteriormente os publica em Paris, sob o título *Vestnik russkogo khristianskogo dvizheniia* (em inglês, “Herald of the Russian Christian Movement”).

Em 14 de janeiro de 1982 é transferido para uma clínica para pacientes com problemas psíquicos crônicos e falece três dias depois, em 17 de janeiro, com pneumonia lobar. É enterrado no Cemitério Kuntsevo, em Moscou.

Para construção deste capítulo, foram utilizados os três primeiros volumes dos *Contos de Kolimá*, respectivamente *Contos de Kolimá*, *A Margem Esquerda* e *O Artista da Pá*, que retratam, por meio de contos, múltiplas experiências do autor vividas em instituições punitivas no território soviético. Ao longo de suas linhas, como que eu catava os feijões podres: localizava evidências, provas dos crimes cometidos nesses espaços. Suas descrições, os diálogos, os contextos, todos eram insumos legítimos e que demonstravam, de maneira prática e tangível a violência exercida sobre os corpos.

O que eu fiz, portanto, foi encontrar provas e organizá-las... Queria entender, a partir da leitura, se as hipóteses sobre o funcionamento do Gulag se aplicavam nos micropoderes, nas lógicas mais ínfimas do cotidiano do campo. Minha pesquisa, neste momento, se dividiu em algumas etapas: localização dessas práticas nos contos, organização delas por padrões e, portanto, categorias, e leituras complementares sobre os contextos de que se tratam essas categorias.

Os trechos mapeados foram organizados em dois blocos principais: no primeiro, referências à forma como a punição no regime bolchevique prolongou técnicas da punição czarista,

⁵⁹ Não encontrei mais detalhes sobre o ocorrido.

⁶⁰ No original, “moments of uplift”.

demonstrando que a revolução não só não rompeu certas lógicas, como usufruiu delas para seu próprio governo. Sobre esse primeiro bloco, muitas fontes além de Chalámov auxiliam a comprovar este argumento.

No segundo bloco, uma análise sobre o uso dos corpos. Em Chalámov, a violência era o principal componente do texto. Situando aparições em cenas e descrições, tentei entender organizá-las em padrões. A partir daí, diversos autores contribuíram para entender os objetivos e funções que eram operados.

Reitero, então, que os *Contos de Kolimá* não foram a bibliografia principal para a investigação sobre esses problemas (a relação das técnicas punitivas soviéticas com as do governo czarista e a violência sobre os corpos nos espaços de punição), mas foram a fonte “primária”, no sentido de ter sido a primeira leitura sobre o tema, e a que proporcionou a localização de tais problemas. Foi pelo testemunho de Chalámov que se pode buscar as fontes complementares para esse estudo.

A escolha de Chalámov se deu porque além de ter vivido o Gulag de maneira concreta em sua existência, encontrei em suas linhas uma escrita primorosa. Seu relato parte de um *supertes*, “aquele que viveu algo, atravessou até o final um evento e pode, portanto, dar testemunho disso” (AGAMBEN, 2021, p. 27). Utilizá-lo como bibliografia foi essencial para não tornar a catástrofe a tal ponto absurda que nos pegamos atônitos em frente a ela. “Nós, pelo contrário, ‘não nos envergonhamos de manter fixo o olhar no inenarrável’. Mesmo ao preço de descobrirmos que aquilo que o mal sabe de si, encontramos-lo facilmente também em nós.” (AGAMBEN, 2021, p. 41).

Assim, mesmo entendendo a dificuldade de se narrar o inenarrável (SELIGMANN-SILVA, 2008), acredito que era preciso partir da fala de *supertes* do Gulag. O testemunho é a única forma de se fazer existir aqueles que foram proibidos de fazê-lo. Aquele que testemunha carrega um fardo pesado, pois fala por si e pelo outro. Mas do que isso, carrega a impossibilidade de se dizer:

As “verdadeiras” testemunhas, as “testemunhas integrais” são as que não testemunharam, nem teriam podido fazê-lo. São os que “tocaram o fundo [...]. Os sobreviventes, como pseudotestemunhas, falam em seu lugar, por delegação: testemunham sobre um testemunho que falta. [...] Quem assume para si o ônus de testemunhar por eles, sabe que deve testemunhar pela impossibilidade de testemunhar. (AGAMBEN, 2021, p. 43).

Antes de me debruçar sobre os descritos de Chalámov, entretanto, foi necessário entender o funcionamento das instituições ligadas ao sistema penal soviético na época do encarceramento dele. Neste trabalho, já se reiterou muitas vezes as dificuldades de se analisar a estrutura burocrática soviética - esta parte da pesquisa evidencia novamente essa situação.

Por fim, vale dizer que as escolhas metodológicas aqui realizadas intentam:

1. Garantir maior assertividade no entendimento e descrição dos fenômenos, características, funcionamentos, lógicas, vivências, mecanismos, etc presentes no objeto de estudo, considerando que as múltiplas dificuldades de acesso à informações referentes ao tema podem ser dirimidas se for possível uma leitura mais específica e sistemática;
2. Alcançar maior proximidade a uma *práxis*. Tentativa de aproximação de uma realidade concreta, o mais fidedigna possível às experiências humanas ocorridas no tempo-espço estudado. Com isso, talvez seja possível demonstrar respeito e consideração por cada indivíduo que vivenciou o que aqui será descrito, e que, portanto, enquanto indivíduo e enquanto coletividade, fez parte de uma perda inestimável e irreparável;
3. Encontrar padrões, continuidades e rupturas se inserimos o recorte em âmbito maior. Em outras palavras, o recorte carrega excepcionalidades mas também apresenta elementos capazes de serem encontrados facilmente em outros espaços de análise sobre o sistema punitivo como um todo.

1. A burocracia

Metodologicamente falando, é importante ressaltar que “a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) era formalmente conceituada como uma ‘federação’, mas constituía-se, de fato, em um Estado unitário, controlando todas as Unidades dentro de sua área.” (AGUIAR, 2003, p. 309). Assim, as informações aqui trazidas baseiam-se na Rússia Soviética a fim de tratar a União Soviética como um todo por três motivos. 1. A Rússia Soviética é o território político central do qual emanam as decisões para as demais repúblicas. 2. É o território em que viveu Chalámov, o que nos auxiliará a interligar os *Contos de Kolimá* com as demais fontes. 3. Não há fôlego para se fazer uma análise sobre as singularidades do sistema penal de cada uma das repúblicas soviéticas.

As leituras realizadas para a pesquisa demonstraram que havia, na União Soviética, uma “cacofonia burocrática”⁶¹. Responsabilidades ambíguas e muitas vezes exercidas por mais de uma instituição, que rapidamente se desfaziam e eram transformadas em outras, ou definitivamente extinguidas. Também os profissionais que nelas trabalhavam eram continuamente substituídos.

Para esta parte do trabalho, as instituições voltadas aos papéis jurídicos e penais durante os anos 1930 são o foco. Para isso, precisaremos, em alguns momentos, nos debruçar minimamente sobre os anos 1920. Duas são as instituições nodais quando se trata do policiamento e da punição soviéticos: a Comissão Extraordinária (Tcheka) e seus sucessores e o Comissariado do Povo de Assuntos Internos (NKVD).

Antes de mais, é preciso ter em mente que após a revolução, “o fundamento do direito penal passou a ser a defesa da ordem instituída pela revolução do proletariado e a consolidação do socialismo” (SALES, 2016, p. 619), mesmo que após outubro de 1917, o sistema punitivo soviético não tenha sido reestruturado de maneira rápida. Com o ímpeto de romper brutalmente com as estruturas burguesas, o período que se seguiu à revolução admitia a aplicação de leis já existentes desde que “não tivessem sido implícita ou explicitamente ab-rogadas [...] ou não apresentassem contraste com a consciência jurídica socialista e com os programas do partido socialista.” (SALES, 2016, p. 622).

⁶¹ Conceito criado por Michael David-Fox, na obra *Revolution of the Mind: Higher Learning among the Bolsheviks*, de 1997.

Nesse estado, em que era difícil saber o que era punível ou não, a medida era dada pela violência do exército vermelho e pela polícia revolucionária (WAGNER, 1970, p. 13). Os primeiros decretos sobre o estabelecimento de novos tribunais eram vagos e fragmentários (WAGNER, 1970, p. 13).

Há, entretanto, um movimento sólido ainda no ano de 1917 com a criação dos tribunais revolucionários especiais, que tinham o intuito de perseguir e livrar-se de todos os opositores da nova ordem (SALES, 2016, p. 14-15). Em 20 de dezembro (menos de três meses depois da revolução), a Comissão Extraordinária de Toda a Rússia para o Combate à Contrarrevolução e a Sabotagem (Tcheka) foi criada - seu papel e desenvolvimento demonstram como, desde o governo de Lênin, as instituições de caráter policialesco são as de maior influência no território soviético⁶².

[...] a criação de um comitê extraordinário conhecido como a Chrezvychaika ou Checa⁶³, à qual foram assegurados poderes [*sic*] ilimitados para investigar qualquer possível ameaça ao novo [*sic*] regime, qualquer conspiração contra o Governo [*sic*] e para tomar qualquer medida, por mais radical que fôsse [*sic*], considerada apropriada a erradicar o perigo. A Checa logo se tornou senhora da vida e da morte de milhões de cidadãos. Não estava sujeita a nenhum controle [*sic*] pelo Comissário (mais tarde, Ministro) da Justiça ou pelos tribunais. Era independente de qualquer interferência por parte de outros órgãos do governo [*sic*] e não havia recursos contra suas decisões. (WAGNER, 1970, p. 15)

Como seu próprio nome ressalta, a Comissão Extraordinária tinha o intuito de funcionar somente por período de tempo, auxiliando na consolidação do novo governo e garantindo a segurança do mesmo frente a grupos de oposição, como os socialistas revolucionários e os mencheviques. Poderia ser considerada como uma polícia secreta. Entretanto, a Tcheka tornou-se não somente permanente, como teve sua autoridade cada vez mais ampliada.

O contexto de sua permanência e expansão se dá ao final da guerra civil, em que muitos fatores deixavam o país em instabilidade: uma enorme quantidade de trabalhadores deslocou-se para os centros urbanos, epidemias e a fome aumentavam, o país estava isolado internacionalmente, a população rural estava insatisfeita e a rebelião de Kronstadt representou um forte abalo no governo recém instaurado (FINKEL, 2004, p. 303).

⁶² É interessante pensar que o mecanismo policial era também uma das principais ferramentas do governo czarista. Falaremos mais sobre isso à frente.

⁶³ Diferentes siglas são usadas para tratar da instituição. Neste trabalho, o padrão é “Tcheka”.

A instauração da Nova Política Econômica (NEP) em 1921 também encontrou grande insatisfação. Exatamente por isso, no mesmo ano, a Tcheka é orientada a intensificar as políticas de segurança e vigilância e as deportações em massa começaram a acontecer⁶⁴ (FINKEL, 2004, p. 303).

Para amenizar as críticas ao caráter violento da organização e tentar torná-la mais legítima, Lênin altera seu nome e a coloca sob jurisdição estatal em 6 de fevereiro de 1922. A nova instituição se chama Diretório Político do Estado (também traduzido como Administração Política do Estado) (GPU) e passa a fazer parte do escopo do Ministério dos Assuntos Internos (também traduzido como Ministério do Interior ou Comissariado do Povo de Assuntos Internos) (NKVD). Sobre a divisão entre essas duas organizações é preciso falar sobre algumas inconsistências teóricas⁶⁵.

Naquele momento, a subordinação da GPU não demonstrava nenhuma adversidade entre as instituições, uma vez que eram chefiadas pela mesma pessoa, o Dzerzhinskii (FINKEL, 2004, p. 304). Além disso, a GPU retorna a sua posição de autoridade extralegal em defesa do estado totalitário facilmente (FINKEL, 2004, p. 304).

Um largo movimento de repressão é organizado por Lênin, que afirma que o Código Criminal redigido em 1922 (e que entrará em funcionamento a partir do dia 1 de janeiro de 1923⁶⁶) deveria institucionalizar tanto a pena de morte quanto o exílio para os inimigos da revolução (FINKEL, 2004, p. 304). As leis criminais, que estavam enfraquecidas no período seguinte à revolução, se solidificaram com o Código e com as Constituições que se seguiram em 1924 e 1936, além das demais legislações voltadas ao âmbito criminal⁶⁷.

⁶⁴ Assim como a análise presente no primeiro capítulo demonstra, em Stálin, a ligação entre as pautas econômicas e o aumento nas práticas disciplinares e de punição, parece haver em Lênin, a mesma conduta.

⁶⁵ Sobre a história e o desenvolvimento desses órgãos ao longo dos anos, as informações são divergentes. Encontrei fontes que dizem que o NKVD foi fundado em 1934, mas é ambíguo saber se o Ministério tornou-se Comissariado na data ou se a organização como um todo foi criada em 1934. Além disso, se ela tivesse mesmo passado a existir somente em 1934, então não seria possível que o GPU estivesse sob seu comando em 1922. Para as informações trazidas sobre o tema, me baseei nas informações trazidas no texto *An Intensification of Vigilance: Recent Perspectives on the Institutional History of the Soviet Security Apparatus in the 1920s* de Stuart Finkel.

⁶⁶ Outro Código Criminal foi criado em 1926 e passou a ser válido a partir de 1 de janeiro de 1927.

⁶⁷ Todas elas podem ser encontradas com as devidas descrições na nota de rodapé 26, da página 807, do texto *Principles of Soviet Criminal Law*, de Harold J. Berman. Cito de maneira breve, elas aqui: *Princípios Fundamentais da Legislação Criminal da U.R.S.S. e das Repúblicas Constituintes* (1924), *Regulamentação sobre crimes de Estado* (1927), lei de 7 de agosto de 1932 - *Sobre a Proteção da Propriedade das Empresas Estatais, Fazendas Coletivas e Cooperativas e o Fortalecimento da Propriedade Pública (Socialista)*, *Regulamentação de crimes militares* (1924 e 1927).

Em outubro de 1922, os órgãos já tinham explicitamente como ferramenta de punição os campos de trabalho forçado⁶⁸, mas é em 1923 que a GPU (posteriormente OGPU) terá a autorização formal para sua utilização (FINKEL, 2004)⁶⁹. As jurisdições e responsabilidades do NKVD e GPU se confundiam, assim como com as do Ministério da Justiça (também traduzido como Commissariado do Povo para Justiça ou Narkomiust).

O NKVD e a GPU separam-se em 1923 e a última passa a denominar-se Direção Política Conjunta do Estado (OGPU), sendo subordinada, naquele momento, ao Conselho do Commissariado do Povo⁷⁰ (maior autoridade governamental da União Soviética). Seu Departamento Secreto especializava-se em erradicar e monitorar vários “elementos *contrarrevolucionários*”, dentre eles socialistas, anarquistas, kulaks, proletários de oposição, religiosos, intelectuais e estudantes (FINKEL, 2004, p. 308).

Segundo Bilocerkowycz (1993), em julho de 1934, a OGPU torna-se Administração Central da Segurança do Estado (GUGB) e novamente subordina-se à NKVD⁷¹. A GUGB e o NKVD foram as principais instituições responsáveis pela administração e funcionamento dos campos de trabalho forçado e prisões da União Soviética. Inclusive, de acordo com o primeiro capítulo deste trabalho, Bilocerkowycz (1993) afirma que esse sistema estava diretamente ligado com o avanço da economia pregado pelos Planos Quinquenais.

Outras duas siglas são muito referenciadas quando se fala de polícia secreta na União Soviética: NKGB e KGB, respectivamente, Commissariado do Povo para Segurança do Estado e Comitê de Segurança do Estado. Para esta pesquisa, são menos relevantes por estarem inseridas em um período posterior, principalmente a década de 1940⁷².

⁶⁸ “Os principais agentes enfatizavam que o exílio e o confinamento em campos eram medidas profiláticas e não estritamente punitivas, uma vez que seu objetivo principal era isolar elementos nocivos de segmentos da população vulneráveis à corrupção.” (FINKEL, 2004, p. 306, tradução nossa).

⁶⁹ Segundo Pipes (2019), a utilização dos campos acontecia desde 1919. Se as duas informações estiverem corretas, tudo indica que a partir de 1923 esse procedimento que já acontecia, passou a ser realizado de maneira explícita.

⁷⁰ Este é o termo utilizado no texto de Finkel, tudo indica que é equivalente ao Soviete Supremo. Os múltiplos termos encontrados nas fontes não asseguram que se tratam da mesma entidade. Aguiar (2003) também coloca a autoridade da cúpula do partido e o Politburo como autoridades de poder máximo, e a diferença entre eles não é muito evidente.

⁷¹ Depois disso, novas alterações se seguem. Em 1946, o NKVD se torna Ministério dos Assuntos Internos (MVD), a fim de amenizar o “caráter revolucionário do governo soviético” (BILOCERKOWYCZ, 1993, p. 604). Tal Ministério é extinto em 1991.

⁷² Ao longo de sua história, o aparato de segurança soviético passou por várias reorganizações. O Commissariado do Povo para Segurança do Estado surgiu em fevereiro de 1941 como resultado da reorganização da Administração Central da Segurança do Estado do Commissariado do Povo para Assuntos Internos (GUGB NKVD). Foi dissolvido e reincorporado no NKVD em julho de 1941, apenas para reaparecer na cena histórica em abril de 1943. Em 1946, o NKGB foi transformado no Ministério da Segurança do Estado (MGB), que se tornou o Comitê de Segurança do Estado (KGB) em 1954. (MELNYK, 2023, p. 82).

Há também, em Chálámov, um nome recorrente no que se refere aos mandatos de fuzilamento e encarceramento - as troikas⁷³. Também chamadas de comissões especiais, foram criadas regionalmente em 1937 e tinham autorização para aplicar penas de morte, escolher grupos de inimigos a serem alvo de perseguição, definir as cotas iniciais e finais para condenação, condenar efetivamente e estender prazos de operações para perseguições e condenações (ELLMAN, 2010, p. 916).

Segundo o texto *Regional Influences on the Formulation and Implementation of NKVD Order 00447*, sem a criação das troikas, não teria sido burocraticamente possível o enorme movimento de perseguição nos anos 1937 e 1938. Era preciso ter instituições abaixo do nível estatal com algum nível de autonomia para os encarceramentos e fuzilamentos. As troikas eram inferiores ao NKVD e à liderança do partido.

“Não havia em absoluto um “caso” propriamente dito. Nenhum inquérito era conduzido. Destinava-se à morte pelos protocolos da *troika*, a famosa instituição dos anos stalinistas.” (CHALÁMOV, 2020, p. 41).

Vamos tentar entender agora a quem se voltavam essas medidas profiláticas⁷⁴. O que era, por lei, ser um *contrarrevolucionário*⁷⁵? - tendo em mente que é “[...] grosseiramente errôneo chegar a conclusões de longo alcance sobre [*sic*] a situação na União Soviética, confiando apenas no texto das leis concernentes à administração da justiça.” (WAGNER, 1970, p. 13). Quais condutas poderiam, nesse contexto, ser consideradas crimes políticos⁷⁶? E quais as ferramentas e mecanismos jurídicos utilizados pela máquina estatal nos processos de julgamento e condenação?

O sistema penal soviético se preocupava principalmente com “atos socialmente perigosos”, que eram definidos pelos *Códigos Criminais* como: “[...] qualquer ato dirigido contra o sistema Soviético ou que infrinja a ordem legal estabelecida pelos trabalhadores e camponeses

⁷³ “Orlov era um *litiorka*, condenado por um artigo designado por letra, ou seja, por uma *troika*, ou Comissão Especial.” (CHALÁMOV, 2020, p. 146).

⁷⁴ Vide nota 68.

⁷⁵ Principal termo utilizado para condenação de crimes políticos na época.

⁷⁶ “[...] o crime político é aquele que visa atacar e, em última análise, substituir a ordem constitucional existente. [...] No entanto, num regime autoritário, a livre expressão de ideias pode ser tida como um crime. Deste modo, a noção de crime político é, em certa medida, contextual, dependendo das circunstâncias e das especificidades históricas e culturais.” (COSTA, 2016, p. 129) A definição de Costa (2016), nos ajuda a pensar numa definição mais ampla. Veremos como o conceito se dá no contexto específico mais a frente.

no período de transição ao Comunismo.” (CÓDIGO CRIMINAL SOVIÉTICO apud BERMAN, 1947). O indivíduo mais “socialmente perigoso” era, com certeza, o considerado *contrarrevolucionário*⁷⁷.

O objeto de um crime contrarrevolucionário é a própria Revolução, o poder dos Conselhos (Soviets) e Governos da União Soviética e repúblicas constituintes, a segurança externa e os ganhos econômicos, políticos e nacionais (etnográficos) da Revolução Proletária. Do lado objetivo, o crime pode consistir em traição, espionagem, rebelião armada, atos terroristas, violações dos fundamentos econômicos da URSS por atos subversivos e sabotagem contrarrevolucionária, propaganda e agitação contrarrevolucionárias, participação e *fracasso em relatar* crimes contrarrevolucionários. [...] a presença de intenção contrarrevolucionária direta é necessária para a maioria desses crimes, mas para alguns [...] *a intenção indireta é suficiente*⁷⁸. (BERMAN, 1947, p. 825, tradução nossa, grifos nossos).

Nos *Contos de Kolimá*, a condenação por *contrarrevolução* (ou agitação anti-soviética) aparecia constantemente, assim como a referência ao artigo 58, responsável pela descrição desse delito. Segundo Davies (1998), o artigo surge no *Código Criminal* de 1926⁷⁹, o que explicaria seu uso massivo na década de 1930.

No texto *The Crime of “Anti-Soviet Agitation” in the Soviet Union in the 1930’s*, Davies (1998) faz um pequeno histórico desse recurso jurídico. Segundo ela, já havia, no Código Criminal de 1922, as penas para crimes de propaganda e agitação anti-soviética, nos artigos 69, 70 e 72. “O artigo 69 referia-se à propaganda e agitação expressando um ‘chamado para derrubada do poder dos soviets...’ O artigo 70 discutia propaganda e agitação destinadas a ajudar a burguesia internacional, e o artigo 72 abrangia a preparação e posse de literatura contrarrevolucionária.” (DAVIES, 1998, p. 149, tradução nossa). O artigo 57 do documento referido fazia menção ao crime *contrarrevolucionário* com o intuito de derrubar o regime. Segundo a autora, essa era uma especificidade da acusação na época.

⁷⁷ “Em 1937, ninguém precisava explicar o que era ‘agitação contrarrevolucionária’. Elogiou um romance russo publicado no estrangeiro: dez anos por AAS [agitação anti-soviética]. Disse que as filas do sabão líquido estavam grandes demais: cinco anos por AAS. E, de acordo com o costume russo, segundo os traços do caráter russo, qualquer um que recebia cinco anos se alegrava por não serem dez. Recebia dez, se alegrava por não serem 25; recebia 25, dançava de alegria por não ter sido fuzilado.” (CHALÁMOV, 2020, p. 41).

⁷⁸ Tal qual Stálin, que temia os inimigos inconscientes do regime, a política criminal soviética condenava pela presença de uma “intenção indireta” e pelo “fracasso em relatar” um crime, mesmo que não se tenha qualquer participação no mesmo (o que inviabilizaria a própria denúncia). De modo que, paradoxalmente, poderia-se ser um criminoso sem efetivamente sê-lo.

⁷⁹ No livro *A Margem Esquerda* (2019, p. 28) uma nota da tradutora coloca que o artigo já estava no *Código Penal* de 1922. Outra observação: o Código de 1926 passa a ser aplicado em 1927.

Isso porque, em julho de 1923, em reunião do Comitê Executivo Central da Rússia⁸⁰, N. Krylenko⁸¹ defende que o artigo 57 deve ser alterado devido às condições impostas pela Nova Política Econômica, de Lênin. Sua sugestão é que o artigo se torne mais amplo, já que as efetivas derrubadas do regime já não eram tão comuns. Ele propõe que se adicionem os termos “subversão” e “tentativa de enfraquecimento”, além de “derrubada” (DAVIES, 1998).

Ele também propôs que a definição de ação contrarrevolucionária deveria se estender àquilo que, embora não diretamente estivesse voltado para a derrubada do poder soviético, continha dentro de si um ataque consciente às principais conquistas econômicas ou políticas da revolução. Isso era conhecido como possível (eventual) intenção. Krylenko explicou que esta interpretação ampla era necessária para “a elasticidade da nossa política punitiva na luta com formas ocultas de atividade contrarrevolucionária que têm prevalecido até certo ponto.” (DAVIES, 1998, p. 150, tradução nossa).

Essa proposta foi a base para a criação do artigo 58 no posterior *Código Criminal*⁸². Em fevereiro de 1927, também as descrições de crimes de estado foram incorporadas. Formas de agitação *contrarrevolucionária* e propaganda foram descritas no artigo 58.10⁸³. Já o uso das expressões “derrubada, subversão e enfraquecimento” ficaram do artigo 58.1. O 58.8 englobava a efetiva execução de atos terroristas. O parágrafo 14 do artigo referia-se a “sabotagem contrarrevolucionária” (CHALÁMOV, 2020, p. 312).

Em alguns de seus contos, Chalamov traz algumas pistas sobre a diferença entre os parágrafos do artigo 58. No conto *Lida*, do livro *A Margem Esquerda* (2019), por exemplo, ele cita a sigla “KRTD”. Em mais de um de seus textos ele fala sobre aqueles que “eram marcados com a letra “T”. Uma nota da tradutora nos ajuda a entender:

A sigla KRD indicava o primeiro parágrafo do artigo 58, “atividade *contrarrevolucionária*”. A variante KRTD, também do artigo 58.1, representava uma condenação por “atividade trotskista *contrarrevolucionária*” [...]. Os condenados por trotskismo sofriam ainda mais do que os outros presos, pois eram proibidos de fazer qualquer trabalho que não fosse braçal. (CHALÁMOV, 2019, p. 163, grifos nossos).

⁸⁰ Em inglês, *All-Russian Central Executive Committee*. A autora usa a sigla “VTsIK”.

⁸¹ Só consegui informações robustas sobre ele na sua página da Wikipédia: “Exerceu uma variedade de cargos no aparato estatal soviético, chegando a ser Comissário do Povo para a Justiça da União Soviética e procurador geral da República Socialista Federativa Soviética da Rússia. Foi um importante dirigente desportivo, responsável pela promoção do apoio estatal ao xadrez na União Soviética.”. Link: https://pt.wikipedia.org/wiki/Nikolai_Krylenko.

⁸² O artigo 35 do documento determinava a prisão de pessoas ou grupos considerados “socialmente perigosos” (CHALÁMOV, 2020, p. 291).

⁸³ “A ‘agitação’ era considerada a atividade de espalhar qualquer ideia entre as massas, enquanto a ‘propaganda’ era entendida como a transmissão de muitas ideias entre um círculo definido e limitado de pessoas, e até mesmo entre indivíduos. Ambos poderiam ser realizados em público ou privado, mas a agitação era geralmente pública e a propaganda, privada.” (DAVIES, 1998, p. 150, tradução nossa).

No conto *O Melhor Elogio*, também no *A Margem Esquerda* (2019), Chalamov faz referência a outro parágrafo do artigo: “Falkovski, cujo crime foi qualificado como 58.10, agitação política; material: cartas de Falkovski à noiva e cartas dela ao noivo. Uma correspondência pressupõe duas ou mais pessoas. Ou seja, 58.11 - organização - o que agravou muito o caso.” (CHALÁMOV, 2019, p. 112). No conto *Esperanto* (no mesmo livro supracitado), ele cita o parágrafo 6, que caracterizaria atos de espionagem.

Não tive acesso ao texto completo do artigo 58, mas sua recorrência era alarmante nos anos 1930, em especial nos anos de 1937 e 1938, em que “o amplo uso do artigo 58.10 era aceito e, inclusive, compulsório” (DAVIES, 1998, p. 159, tradução nossa). Em outros períodos, Davies (1998) demonstra que seu uso variou. De qualquer maneira, a autora também enfatiza, logo no início do texto que a descrição do artigo era “suficientemente ambígua para permitir uma variedade de interpretações” (DAVIES, 1998, p. 150).

Apesar de não o ter encontrado especificamente referenciado nos códigos criminais, também o termo *inimigo do povo*⁸⁴ era corriqueiro na bibliografia pesquisada. O termo é curioso: o criminoso político não teria cometido um ato somente contra o Estado, contra a revolução, mas também contra o *povo*, todas as pessoas pertencentes à nação soviética. Essa é a temática do criminoso como inimigo social.

A partir do século XVIII, assiste-se à formulação da ideia [...] de que o crime é aquilo que prejudica a sociedade, ou seja, de que é um gesto por meio do qual o indivíduo, rompendo o pacto social que o liga aos outros, entra em guerra contra sua própria sociedade [...]. O criminoso é o inimigo social, e, desse modo, a punição não deve ser a reparação do prejuízo causado a outrem nem o castigo da culpa, mas uma medida de proteção, de contraguerra que a sociedade tomará contra este último. (FOUCAULT, 2020, p. 31)

Interessante ressaltar que apesar dos estudos de Foucault em *Vigiar e Punir* (2014) e em *A Sociedade Punitiva* (2020) focarem em estados modernos capitalistas, muitas das tecnologias de poder ali presentes estão claramente em uso na sociedade soviética, como a vigilância, exercida pelos corpos policiais e exercida como um dever pela própria população. Todos os cidadãos eram, ao mesmo tempo, suspeitos e policiais. Todos tinham o dever de delatar para

⁸⁴ “Os presos comuns faziam reuniões, uma vez que aqueles que haviam cometido crimes comuns ou de trabalho, assim como os ladrões reincidentes, eram considerados ‘amigos do povo’, pessoas sujeitas a correção, não a ações punitivas. Diferentemente dos ‘inimigos do povo’, condenados de acordo com o artigo 58.” (CHALÁMOV, 2020, p. 20).

as autoridades quem quer que colocasse em risco os interesses do Estado e do partido (WAGNER, 1970, p. 16). E como já trazido, o fracasso nessa delação era também um crime.

Outra ferramenta jurídica muito útil para o funcionamento do sistema aqui descrito era o princípio de *analogia*⁸⁵, descrito pelo Artigo 16 do *Código Criminal*⁸⁶: “se um ato socialmente perigoso não está estritamente previsto pelo presente código, os fundamentos e limites de responsabilidade para ele devem ser determinados de acordo com os artigos do código que preveem aqueles crimes mais semelhantes a ele em tipo.” (CÓDIGO CRIMINAL apud BERMAN, 1947, p. 810).

Em outras palavras, um ato que não é considerado um crime pode ser penalizado em um tribunal da mesma maneira, o juiz tendo, para isso, o princípio da analogia. De forma que, para conceber a pena de um crime não previamente estabelecido, ele deveria encontrar a descrição de outro que mais se aproxime do ato julgado.

O texto de Wagner (1970), discorre muito bem sobre o funcionamento dos tribunais, cujo poder era delegado pelo Soviete Supremo, único órgão que tinha a autoridade final para cassar uma decisão judicial (WAGNER, 1970, p. 19). “A Lei de Organização Judiciária russa, de 1922, estêve [*sic*] em vigor durante a época stalinista, que começou pouco depois da morte de LENIN [*sic*], em janeiro de 1924.” (WAGNER, 1970, p. 27).

Dentre muitas descrições, vale ressaltar alguns dos mecanismos utilizados nos processos judiciais⁸⁷: confissões obtidas por torturas⁸⁸, testemunhos fabricados⁸⁹ e promotores orientados pelo governo a condenarem determinados réus independentemente do desdobramento do caso (WAGNER, 1970, p. 20). Mais do que isso, havia casos em que os

⁸⁵ Alguns textos traduzem por “associação”.

⁸⁶ O texto não fala se o Código é de 1923 ou de 1927.

⁸⁷ “- Os métodos do interrogatório são um segredo de Estado rigorosamente guardado. Ajudaria os nossos inimigos se soubessem como seriam interrogados.

- Há certamente normas que devem ser seguidas em qualquer interrogatório.
- Efetivamente há normas - aquiesceu o Corvo -, mas são segredo de Estado. [...] Os pormenores que resultaram na prisão de Mandelstam são um segredo de Estado. [...]
- Há alguma coisa que não seja um segredo de Estado? [...]
- A resposta, obviamente, é sim. Mas o que não é um segredo de Estado é segredo de Estado.” (LITTELL, 2010, p. 137).

⁸⁸ “A repressão às pessoas presas ao acaso, inocentes, era muito simples. Em vez de passar um sermão, de advertir, eles os torturavam, e depois das torturas davam dez, vinte anos em ‘acampamentos distantes’ - de trabalhos forçados ou de prisão. Restava a eles apenas morrer. E eles morriam [...]” (CHALÁMOV, 2020, p. 272).

⁸⁹ “- Tem perguntas para o tribunal?

- Tenho. Por que na lavra Djelgala já levaram a julgamento três acusados do artigo 58, e as testemunhas são sempre as mesmas?

- Sua pergunta não tem relação com o caso.” (CHALÁMOV, 2019, p. 209).

réus eram julgados sem estarem presentes no próprio julgamento⁹⁰ ou sem um advogado de defesa; condenações à morte não podiam ser recorridas e eram imediatamente executáveis; as penas podiam ser impostas antes de entrarem em vigor; familiares eram também punidos⁹¹ por crimes cometidos por alguém de seu núcleo, mesmo que não soubessem da intenção do réu de cometê-lo; os advogados de defesa não tinham nenhuma responsabilidade de sigilo, pelo contrário, tinham o dever de comunicar às autoridades caso percebesse a intenção ou prática de crime *contrarrevolucionário* (WAGNER, 1970).

Não era fácil não ser criminoso na União Soviética.

⁹⁰ “- Pode haver um julgamento secreto, embora a lei não exija que ele esteja presente ou tenha acesso às provas de acusação, pelo que me disse o camarada interrogador.” (LITTELL, 2010, p. 152).

⁹¹ “Era uma sigla bem comum no ano de 37: ‘condenado como membro da família’, e nada mais. Desta maneira, receberam ‘sentenças’ filhos, pais, mães, irmãs e outros parentes dos condenados.” (CHALÁMOV, 2020, p. 153).

2. Uma análise a partir de Chalamov

2.1 Continuidades e rupturas com o sistema punitivo czarista⁹²;

[...] a experiência heroica de preso político dos tempos do tsar parecia inútil para a nova vida que estava indo por um novo caminho. E de repente ficou claro que o caminho não era novo em absoluto [...].

*Varlam Chalamov*⁹³

Ao ler os *Contos de Kolimá*, as três semelhanças que saltam aos olhos entre a punição czarista e soviética são o escorbuto, a polícia e a tortura. Porém, ao ler outras bibliografias sob a temática, ainda outras similaridades surgiam e de maneira ainda mais nítida.

Na obra *Que fazer?*, Lênin escreve sobre as violências da polícia política do czarismo, a perseguição aos proletários e revolucionários e quais as mais efetivas formas de lutar contra ela. É interessante observar que, segundo ele, a luta contra a polícia política é uma luta contra a autocracia, sendo o maior risco no que tange essa questão, a transformação dessa instituição em polícia secreta⁹⁴ (LÊNIN, 2020). Lênin coloca que deve haver um grupo seletivo de revolucionários qualificados o suficiente para que possam combater mais efetivamente as ferramentas opressivas do czar. Indo, de certa maneira, contra essas suas próprias colocações, Lênin cria a Tcheka (polícia secreta do governo soviético) em 1917 para combater e exterminar os inimigos políticos do recém instaurado governo.

O governo bolchevique como um todo (sendo que esse processo se inicia em Lênin) depende da polícia para manutenção de sua autoridade, assim como o czarismo⁹⁵. Mais curiosamente

⁹² Os czares russos dos séculos XIX e XX foram, respectivamente: Alexandre I (1801-1825), Nicolau I (1825-1855), Alexandre II (1855-1881), Alexandre III (1881-1894) e Nicolau II (1894 a 1917).

⁹³ (CHALÁMOV, 2019, p. 113)

⁹⁴ A utilização do termo “secreta” é confusa, pois a Okhrana era já uma polícia secreta da época czarista que agia contra e se infiltrava nos movimentos revolucionários, inclusive no partido bolchevique de Lênin (WARD, 2014).

⁹⁵ E assim como de qualquer Estado. “Daí a idéia [*sic*] de que o instrumento de justiça seja acompanhado por um órgão de vigilância que lhe seja diretamente ordenado, e permita impedir os crimes, ou, se não cometidos, prender seus autores; polícia e justiça devem andar juntas como duas ações complementares de um mesmo processo — a polícia assegurando ‘a ação da sociedade sobre cada indivíduo’, a justiça, os direitos dos

ainda, considerando o discurso de Lênin, a estrutura da Tcheka foi completamente baseada na da Okhrana⁹⁶:

Uma vez no poder, esses mesmos líderes bolcheviques [Lênin, Trotsky, Stálin e Dzerjinski] reconheceram a utilidade de uma pequena organização de elite que poderia ser utilizada para combater opositores políticos e proteger o novo regime das ameaças gerais à revolução. No entanto, em vez de criar uma nova força policial política a partir do zero, a primeira polícia secreta soviética, a Checa, se inspirou fortemente nas técnicas e táticas que a Okhrana havia implementado durante seu tempo de operações. Como seu antecessor, a Checa utilizou vigilância externa, contou com inspeções [*perlustration*] e criptologia, e aperfeiçoou a capacidade de penetrar nas organizações da oposição através de informantes secretos e agentes provocadores. Ao desenvolver e aperfeiçoar os mesmos métodos usados pela Okhrana, a Checa rapidamente se tornou uma força policial política eficaz e bastante temida. (WARD, 2014, p. 38, tradução nossa).

Inclusive, segundo Ward (2014), o tamanho e a autoridade da Tcheka superaram largamente os da Okhrana. O órgão, que começou como um pequeno núcleo de investigação, ganhou cada vez mais força, tendo direito de prender e deter suspeitos, interrogar e torturar para conseguir confissões e realizar execuções (WARD, 2014). Lênin inclusive reiterava seu caráter preventivo⁹⁷ e dizia que o uso do terror era necessário como uma forma de “acertar as contas” com o czarismo (WARD, 2014).

Na obra *Minha Desilusão na Rússia* (volume 1), Goldman (2017) escreve sobre uma conversa com Korolenko⁹⁸, que diz que “se os carrascos do czar tivessem o poder não apenas de prender, mas também de nos fuzilar, a situação seria como a presente [sob o governo de Lênin].” (KOROLENKO apud GOLDMAN, 2017, p. 214). Goldman (2017, 2018) também exemplifica diversos casos em que pessoas perseguidas pelo czar voltam a ser perseguidas no regime leninista, mesmo que em 1917 os portões das prisões czaristas tenham se aberto (CHALÁMOV, 2020, p. 345).

indivíduos contra a sociedade; assim cada crime virá à luz do dia, e será punido com toda certeza.” (FOUCAULT, 2020, p. 95).

⁹⁶ “A Okhrana foi criada em 1881 em resposta ao assassinato de Alexandre II. Sua principal missão era proteger o czar, a família real e a própria autocracia russa. Com o tempo, se tornou uma campanha que englobava todo o Império contra revolucionários, terroristas e variados grupos étnicos minoritários em busca de independência.” (FISHER, 2010, s. p., tradução nossa).

⁹⁷ Esse aspecto nos lembra a colocação de Stálin citada anteriormente neste trabalho: “ele [Stálin] não só temia inimigos *escondidos*, que ainda não teriam se revelado; ele também temia inimigos *inconscientes* - aqueles que ainda nem mesmo se conheciam, que acreditavam serem leais.” (HARRISON, 2008, p. 8 apud MILLER, SMITH, 2015, p. 6, tradução nossa).

⁹⁸ Escritor crítico ao regime czarista que foi exilado para a Sibéria. É considerado por Tolstói “um dos principais contistas da literatura de língua russa”.

Goldman (2017, 2018) e Arendt⁹⁹ (2004) também reiteram a proximidade entre as complexas estruturas burocráticas que dificultam o funcionamento prático das relações nos dois governos. As dificuldades impostas por uma burocracia labiríntica e sem fundamentos legais está presente em diversos contos de Chalamov (2018, 2019, 2020). Essa lógica é evidenciada no último volume, em que o autor escreve vários textos sobre sua tentativa de retorno ao continente depois dos anos de detenção no Extremo Norte.

O conto *Meu Processo*, do livro *A Margem Esquerda* (terceiro volume dos *Contos de Kolimá*), também conta o inferno dantiano pelo qual passou Chalamov com relação às suas condenações, assim como muitas outras pessoas que sofriam com a “costura de casos”¹⁰⁰ (CHALÁMOV, 2019, p. 193). “A investigação estava chegando ao fim, e eu não conseguia de jeito nenhum entender de que estavam me acusando.” (CHALÁMOV, 2019, p. 204). Segundo as autoridades, ele estava sendo acusado de “apologia às armas de Hitler”, tendo falado com aprovação sobre a ofensiva dos alemães (mesmo que Chalamov não soubesse nada sobre o ocorrido) e também por ter dito que Búnin era um grande escritor russo (CHALÁMOV, 2019, p. 201 - 202).

Há um exemplo concreto dessa similaridade entre ferramentas burocráticas czaristas e bolcheviques: o uso de uma documentação interna, chamada pelos textos de “passaportes”, que auxiliam o governo a controlar e vigiar o fluxo interno de pessoas e suas ações. Segundo Ward (2014), a Okhrana criou um sistema de passaportes internos para registro de pessoas que passassem pelas cidades, enquanto o regime bolchevique utilizava-os para registrar seus contextos econômico-sociais, nacionalidade e outras características (GREGORY, SCHRÖDER, SONIN, 2010, p. 40).

Outro aspecto que denota continuidade entre os dois governos é a estrutura física dos espaços de encarceramento. Muitas prisões czaristas foram reutilizadas pelos bolcheviques, como a Butírskaia (uma das mais antigas e maiores prisões russas, fica em Moscou e sua origem remonta à época de Catarina II. Chalamov, Mandelstam e Soljenítsin passaram por ela), e a fortaleza de Pedro e Paulo (de São Petersburgo, fundada em 1703, sob o governo de Pedro, o

⁹⁹ “Por volta de 1930, os últimos vestígios das antigas instituições comunais haviam desaparecido: em seu lugar existia uma burocracia partidária firmemente centralizada, cujas tendências para a russificação não eram muito diferentes daquelas do regime czarista, exceto que os novos burocratas já não tinham medo de quem soubesse ler e escrever.” (ARENDR, 2004, p. 369-370).

¹⁰⁰ Quando as penas terminavam, as chefias faziam o possível para condenar novamente os encarcerados, criando situações que poderiam ser consideradas infrações ou inventando-as e comprando testemunhas.

Grande. Foi usada como prisão e local de execução pelos bolcheviques nos anos 1920. Foram mantidos ali Bakunin e Kropotkin).

Por sinal, a rede de campos de punição czarista, chamada *katorga*, foi a estrutura para criação do Gulag: “Katorga foi um sistema prisional da Rússia Imperial. Os prisioneiros eram mandados a remotos campos desabitados da Sibéria e forçados ao trabalho escravo. Este sistema começou no século XVII e foi apropriado pelos bolcheviques depois da Revolução Russa e transformados no gulag.” (GOLDMAN, 2017, p. 119). Com relação à forma de punição, o sistema czarista se utilizava, como os bolcheviques, dos campos e prisões, além do exílio, que era, talvez a pena mais comum¹⁰¹ (isso porque era uma maneira de povoar e “russificar” regiões como a Sibéria).

No encarceramento e no processo judicial, alguns métodos se diferenciavam¹⁰², outros somente se alteravam, outros mantinham-se exatamente iguais¹⁰³. Chalámov coloca: “A época de Dostoiévski era outra e os trabalhos forçados daquele tempo ainda não tinham alcançado o extremo de que se fala aqui.” (CHALÁMOV, 2018, p. 152).

Nos tempos de Dostoiévski¹⁰⁴, nos banhos davam uma selha de água quente [...]. Esse padrão se manteve até os dias de hoje. Uma selha de madeira, com água não muito quente, e pedacinhos pungentes de gelo, que grudavam nos dedos, amontoados num barril e disponíveis à vontade. A selha é só uma; não dão uma segunda tina para separar a água. A água quente, portanto, esfria com os pedacinhos de gelo, e é só com essa porção de água que o detento deve lavar a cabeça e o corpo. (CHALÁMOV, 2020, p. 250).

O corpo é sempre o objeto da punição. É um espaço de intervenção sob o qual as técnicas de poder podem se aplicar. Em Chalámov, alcança-se um extremo, uma espécie de suplício que é constante, não mais na praça pública, mas no cotidiano do campo punitivo. É um suplício prolongado que não tem como objetivo, necessariamente, a morte. Parece haver a tentativa de criação de uma vida enfraquecida, fragilizada, indefesa, quebradiça, pela qual já não se pode

¹⁰¹ GENTES, Andrew A. Vagabondage and the Tsarist Siberian exile system: power and resistance in the penal landscape. *Central Asian Survey*, [s. l.], p. 407-421, 2011. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02634937.2011.602547?journalCode=ccas20>. Acesso em: 26 ago. 2023.

¹⁰² “Os trabalhos forçados são um regime que muda em função das circunstâncias e do caráter do autocrata. Consideravam-se como trabalhos forçados ‘perpétuos’, nos tempos do tsar, vinte anos de pena com dois anos de grilhões nos braços e quatro anos nos pés.” (CHALÁMOV, 2020, p. 343).

¹⁰³ “No fim das contas, o encarregado-chefe - assim eram chamados alguns cargos das minas em 1937, como nos tempos do tsar [...]” (CHALÁMOV, 2020, p. 13).

¹⁰⁴ Escritor russo de ampla produção, nascido em 1821. Foi preso e condenado à morte em 1849, mas teve sua pena alterada para quatro anos de trabalhos forçados na Sibéria.

lutar, mas que, tal qual migalhas de existência, ainda viabilizam a resposta a ordens de trabalho e disciplina.

Em Chalamov, o “muçulmano”¹⁰⁵ existe sempre enquanto possibilidade imanente. É como se os corpos, nos *Contos de Kolimá*, estivessem em um estágio anterior, ou melhor, em permanente transição a esse estado de máxima fraqueza, de morte em vida. Quando efetivamente transitam, e a morte chega em um sussurro, novos corpos iniciam os nove círculos.

Durante o contexto imperial, por exemplo, as chibatadas, os cortes nas narinas e incisões nas feridas (GENTES, 2011). No contexto stalinista, os espancamentos, as torturas¹⁰⁶, a violação de direitos, as mortes e a perseguição. Cada governo com seus instrumentos específicos para produção de uma mesma técnica de punição, que passa pela violência física (mas não somente) dos corpos.

2.2 A violência como ferramenta de punição

Durante muitos meses, dia e noite, nas chamadas matutinas e noturnas, liam-se inúmeras ordens de fuzilamento. Num frio de cinquenta graus negativos, a banda musical dos presos comuns tocava uma fanfarra antes e depois da leitura de cada ordem.

*Varlam Chalamov*¹⁰⁷

A questão do corpo punido na União Soviética é extremamente complexa. Pois o corpo ali não é somente marcado, disciplinado, violado por mecanismos de conduta. É um corpo facilmente substituível. A morte parece ser um recurso necessário para a gestão da vida

¹⁰⁵ Conceito trazido por Agamben na obra *O que resta de Auschwitz* (2008) por meio de Primo Levi. O termo era utilizado para denotar as vítimas dos campos de concentração que estavam a tal ponto exaustas, violentadas, em sofrimento, que já não tinham consciência, eram como cadáveres em vida. Eram chamados de “muçulmanos” pelos demais por ficarem em posição similar aos fiéis islâmicos quando em oração (AGAMBEN, 2008). Essas figuras estão diretamente ligadas a outro conceito agambeniano, o de “vida nua” – a vida humana reduzida ao biológico, o fim de toda dignidade inerente ao homem.

¹⁰⁶ A tortura policial sendo, inclusive uma ferramenta recuperada do czarismo: “A Tcheka especialmente estava fazendo um trabalho terrível, tendo ressuscitado os antigos métodos czaristas, incluindo a tortura.” (GOLDMAN, 2017, p. 127)

¹⁰⁷ (CHALÁMOV, 2020, p. 39)

naquele contexto. É pelo fato de a vida e, portanto, o corpo tornarem-se descartáveis que a excepcionalidade¹⁰⁸ consegue tornar-se o regime vigente. Uma espécie de guerra do Estado contra seus próprios cidadãos¹⁰⁹.

A disciplina precisa do corpo para agir, pois “no ato de matar, de fato, o poder se autossuprime: a morte do outro põe fim à relação social.” (SOFISKY apud AGAMBEN, 2021, p. 55). Em outros termos, “uma relação de poder se articula [...] sobre dois elementos que lhe são indispensáveis [...] que o ‘outro’ (aquele sobre o qual ela se exerce) seja reconhecido e mantido até o fim como o sujeito de ação; e que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis.” (FOUCAULT, 1995, p. 243).

Com as mortes em massa, talvez se passasse uma mensagem de medo, de dominação. Mas elas também representavam o fim da relação de poder e, portanto, do uso dos corpos para fins quaisquer. Era um paradoxo teórico encontrar tantas mortes¹¹⁰ em Chalamov. Pois se, mesmo que em partes, o Gulag tivesse intuítos econômicos, a constante renovação de mão de obra poderia ser custosa ou sem sentido... Não seria mais perturbadora a permanência da violência em vida do que seu fim pela morte? Como ferramenta de domínio político, o esgotamento físico não seria mais amedrontador do que a morte?

Segundo Hannah Arendt (1989), esse processo teria a ver com a massa populacional desses países pois “somente onde há grandes massas supérfluas que podem ser sacrificadas sem resultados desastrosos de despovoamento é que se torna viável o governo totalitário [...]”. (ARENDR, 1989, p. 361).

Se as noções foucaultianas de punição e disciplina nos auxiliaram até o momento, será preciso agora articulá-las com outras concepções, pois o uso dos corpos nesses espaços não nos é evidente sob essas leituras. Mas acredito que haja, como ponto de partida, uma ideia

¹⁰⁸ “*O campo é o espaço que se abre quando o estado de exceção começa a tornar-se regra [...]. Na medida em que os seus habitantes foram despojados de todo estatuto político e reduzidos integralmente à vida nua, o campo é também o mais absoluto espaço biopolítico jamais realizado, no qual o poder não tem diante de si senão a pura vida sem qualquer mediação.*” (AGAMBEN apud GAGNEBIN, 2021, p. 9).

¹⁰⁹ “Assim, a guerra civil não pode em caso algum ser considerada algo exterior ao poder, interrompido por ele, mas sim uma matriz em cujo interior os elementos do poder atuam [...] a guerra civil é, ao contrário, aquilo que assombra o poder: assombrar não no sentido de causar medo, mas no de que a guerra civil habita, permeia, anima e investe o poder integralmente. Encontram-se os signos disso na forma da vigilância, da ameaça, da posse da força armada, enfim, de todos os instrumentos de coerção que o poder efetivamente estabelecido adota para exercer-se. O exercício cotidiano do poder deve poder ser considerado uma guerra civil: exercer o poder é de certa maneira travar a guerra civil [...]”. (FOUCAULT, 2020, p. 30 – 31)

¹¹⁰ Gosto muito de uma frase de Agamben do livro *O que resta de Auschwitz*, em que ele diz: “Em Auschwitz não se morria: produziam-se cadáveres.” (AGAMBEN, 2021, p. 78).

interessante em *A Sociedade Punitiva*. Essa ideia é um dos quatro princípios da pena, apresentados por Foucault em sua aula de 24 de janeiro de 1973:

[...] cada sociedade, segundo suas necessidades, pode modular a escala de suas penas, pois a pena já não deriva intrinsecamente da importância da culpa, mas deriva apenas da utilidade social. Quanto mais fraca uma sociedade, mais facilmente ela é posta em perigo por um crime, e mais pesada é a penalidade [...] Portanto, teremos como primeiro princípio o da relatividade das penas, relatividade não associada ao indivíduo, mas ao estado da sociedade. (FOUCAULT, 2015, p. 62).

Considerando a relatividade das penas, se o regime soviético necessitava de penas tão árduas, era porque sua estrutura política corria sérios riscos. Mas qual era a ameaça constante dessa sociedade totalitária? Muito provavelmente a possibilidade de não ser mais totalitária. O paradoxo do totalitarismo reside no fato de sua fragilidade ser o seu próprio funcionamento.

“Sua idéia [*sic*] de domínio - a dominação permanente de todos os indivíduos em toda e qualquer esfera da vida - é algo que nenhum Estado ou mecanismo de violência jamais pôde conseguir, mas que é realizável por um movimento totalitário constantemente acionado.” (ARENDT, 1989, p. 375). Pela “exigência de lealdade total, irrestrita, incondicional e inalterável de cada membro individual” (ARENDT, 1989, p. 373), “qualquer atentado à legalidade, um roubo, a menor das fraudes é um atentado não aos interesses privados, mas sim à sociedade inteira, à propriedade do povo, à produção socialista, ao corpo político.” (FOUCAULT, 2003, p. 190).

O totalitarismo, por precisar ser ininterruptamente reafirmado, é muito custoso. São necessários diversos mecanismos: propaganda, estruturas hierárquicas específicas, a criação de uma ficção oficial¹¹¹, a noção de expansão territorial, etc. Dentre eles, uma violência que retorna à própria população. Fato curioso, pois todo o discurso marxista é baseado na ideia de uma violência que é necessária por ser revolucionária, no sentido de que é acionada com fins específicos, para com um inimigo específico: o de classe, ou seja, a burguesia. “O proletariado precisa do poder político, da organização centralizada da força, da organização da violência, para reprimir a resistência dos exploradores e *dirigir* a massa enorme da população - os camponeses, a pequena burguesia, os semiproletários - na ‘edificação’ da economia socialista.” (LÊNIN, 2007, p. 49).

¹¹¹ ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

Apesar disso, o governo bolchevique utilizou-se de diversas violências contra cidadãos comuns. No totalitarismo, o domínio deve ser *total*. Por isso a preocupação com os pensamentos, com as intenções indiretas, com os vínculos familiares... O uso da violência na União Soviética não é posterior ao ato perigoso, é anterior a ele, é uma violência preventiva. Se alguém for condenado ou fuzilado antes de cometer um crime, então haverá *total* certeza que ele não foi e não será cometido. É um raciocínio cuja execução é dispendiosa, mas que, sob a vista dos soviéticos, parece ter grande eficácia.

Nos campos soviéticos em si, não somente a violência estava presente, mas também um controle total sobre a vida e a morte. Além, portanto, de um mecanismo disciplinar, um outro tipo de funcionamento que incidia não sobre o corpo que deveria continuar vivo, mas sobre aqueles que deveriam morrer.

Para entendimento dessa lógica, foi inevitável entrar em contato com novas leituras. Era preciso encontrar uma técnica de poder que perpassasse por essas categorias de vida e morte.

[...] dizer que o soberano tem direito de vida e de morte significa, no fundo, que ele pode fazer morrer e deixar viver: em todo caso, que a vida e a morte não são desses fenômenos naturais, imediatos, de certo modo originais ou radicais, que se localizariam fora do campo do poder político. Quando se vai um pouco mais além e, se vocês quiserem, até o paradoxo, isto quer dizer no fundo que, em relação ao poder, o súdito não é, de pleno direito, nem vivo nem morto. Ele é, do ponto de vista da vida e da morte, neutro, e é simplesmente por causa do soberano que o súdito tem direito de estar vivo ou tem direito, eventualmente, de estar morto. Em todo caso, a vida e a morte dos súditos só se tornam direitos pelo efeito da vontade soberana. Aí está, se vocês quiserem, o paradoxo teórico. Paradoxo teórico que deve se completar, evidentemente, por uma espécie de desequilíbrio prático. Que quer dizer, de fato, direito de vida e de morte? Não, é claro, que o soberano pode fazer viver como pode fazer morrer. O direito de vida e de morte só se exerce de uma forma desequilibrada, e sempre do lado da morte. O efeito do poder soberano sobre a vida só se exerce a partir do momento em que o soberano pode matar. Em última análise, o direito de matar é que detém efetivamente em si a própria essência desse direito de vida e de morte: é porque o soberano pode matar que ele exerce seu direito sobre a vida. (FOUCAULT, 2019, p. 202).

Aparece aqui a temática do biopoder, uma tecnologia que “[...] se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global [...]” (FOUCAULT, 2019, p. 204). Essa ideia vai de encontro com o que colocamos de Arendt (1989) mais acima: os totalitarismos funcionam muito bem em países com grandes massas populacionais, pois assim a perda de vidas é muito menos dispendiosa.

Reconhece-se que há, portanto, uma duplicidade: uma disciplinarização dos corpos por meio de uma violência constante (não somente física, mas também psicológica e moral) que não tem como objetivo final a morte, mas o deixar viver sob condições específicas de conduta e obediência; e uma ferramenta que faz morrer aos milhares¹¹².

Segundo Foucault, essa articulação entre disciplina e biopoder constitui a *norma*. No texto *O sentido da biopolítica para Michel Foucault*, Danner (2010) coloca:

Foi a norma que conseguiu estabelecer um elo entre o elemento disciplinar do corpo individual (disciplinas) e o elemento regulamentador de uma multiplicidade biológica (biopoder). A norma é tanto aquilo que se pode aplicar a um corpo que se deseja disciplinar como a uma população que se deseja regulamentar. A sociedade de normalização é uma sociedade onde se cruzam a norma disciplinar e a norma da regulamentação. Para Foucault, foi essa sociedade de normalização que conseguiu cobrir toda essa superfície que vai do orgânico ao biológico, do corpo à população, mediante a instauração dessas duas tecnologias, a disciplinar e a regulamentadora. (DANNER, 2010, p. 156).

Mas se Foucault (2019) acredita que a máxima “fazer morrer e deixar viver” muda para “fazer viver e deixar morrer”, ele também discorre sobre a presença dos extermínios em massa nos Estados modernos, especialmente nos totalitários (assim como Arendt, ele foca nos exemplos nazista e bolchevique) que, para justificar esse uso, utilizam-se do *racismo*¹¹³. Racismo que “assegura a função de morte na economia do biopoder, segundo o princípio de que a morte dos outros é o fortalecimento biológico da própria pessoa na medida em que ela é membro de uma raça ou de uma população, na medida em que se é elemento numa pluralidade unitária e viva.” (FOUCAULT, 2019, p. 217).

Se na Alemanha nazista essa ferramenta está intimamente ligada a um extermínio principalmente (mas não somente) étnico, com o argumento de que era necessário fortalecer a raça ariana, na União Soviética ela parece funcionar de outra maneira. Primeiro, porque como já visto na primeira parte deste trabalho, os inimigos do regime se alteravam a depender da circunstância do momento¹¹⁴ tendo, alternadamente caráter étnico, de classe, político, etc. Segundo, porque o argumento utilizado não era biológico. A morte do outro não tornava a

¹¹² “Ao meu redor tinha morrido mais gente do que em qualquer batalha de guerra. Morreram sem qualquer guerra, antes de qualquer guerra.” (CHALÁMOV, 2019, p. 95)

¹¹³ “Com efeito, o que é o racismo? É, primeiro, o meio de introduzir, afinal, nesse domínio da vida de que o poder se incumbiu, um corte: o corte entre o que deve viver e o que deve morrer.” (FOUCAULT, 2019, p. 214).

¹¹⁴ “O conceito de ‘oponente objetivo’, cuja identidade muda de acordo com as circunstâncias do momento — de sorte que, assim que uma categoria é liquidada, pode declarar-se guerra à outra —, corresponde exatamente à situação de fato reiterada muitas vezes pelos governantes totalitários [...]” (ARENDE, 1989, p. 475).

população biologicamente mais pura ou mais forte. A morte em massa só poderia justificar um ideal: a revolução. Com “r” maiúsculo para os bolcheviques.

Era a morte de todo e qualquer (possível) inimigo da revolução que garantia a segurança do regime. É por esse motivo que predomina a acusação de *contrarrevolucionário*. Ser contrário à revolução é ser contrário ao governo instaurado em sua defesa. O crime *contrarrevolucionário*, ou a obsessão em sua invenção, evidencia um nódulo na estrutura soviética. Foi sob a justificativa de um ideal maior, a revolução, que o governo pôde manter-se bamboleante sob uma cordilheira de cadáveres.

[...] cada vez que um socialismo insistiu, no fundo, sobretudo na transformação das condições econômicas como princípio de transformação e de passagem do Estado capitalista para o Estado socialista (em outras palavras, cada vez que ele buscou o princípio da transformação no plano dos processos econômicos), ele não necessitou, pelo menos imediatamente, de racismo. Em compensação, em todos os momentos em que o socialismo foi obrigado a insistir no problema da luta, da luta contra o inimigo, da eliminação do adversário no próprio interior da sociedade capitalista; quando se tratou, por conseguinte, de pensar o enfrentamento físico com o adversário de classe na sociedade capitalista, o racismo ressurgiu, porque foi a única maneira, para um pensamento socialista que apesar de tudo era muito ligado aos temas do biopoder, de pensar a razão de matar o adversário. Quando se trata simplesmente de eliminá-lo economicamente, de fazê-lo perder seus privilégios, não se necessita de racismo. (FOUCAULT, 2019, 221).

É graças ao racismo de estado¹¹⁵, esse mecanismo de perseguição em massa de um estado contra sua própria população, que se pôde instaurar um cenário de constante vigilância¹¹⁶, do outro sobre si e de si sobre os outros. A denúncia era *dever* do cidadão, de modo que todos eram, de certa maneira, agentes policiais (ARENDT, 1989, p. 481). É claro que em um regime como o bolchevique, a denúncia poderia ser considerada também uma defesa contra sua própria possibilidade de culpa¹¹⁷. Arendt também explica isso:

A “culpa por associação” é uma invenção engenhosa e simples; logo que um homem é acusado, os seus antigos amigos se transformam nos mais amargos inimigos: para

¹¹⁵ Termo presente na obra *Em Defesa da Sociedade* (2019). Trata da utilização do racismo por estados contra determinados grupos.

¹¹⁶ “Assim, o controle social é exercido ao mesmo tempo a partir de fora, pois é um estrato marginalizado que recebe por transferência algumas funções delegadas pelo aparato estatal, e a partir de dentro, uma vez que esse controle é exercido por meio de uma ideologia supostamente comum.” (FOUCAULT, 2020, p. 116).

¹¹⁷ “- Mandaram apresentar uma declaração contra você.

- Contra mim?

- Sim.

- E você?

- Eu apresentei. Podia fazer o quê?

‘Realmente’. pensou Andréiev. ‘Podia fazer o quê?’

- E o que é que você escreveu lá?

- Bom, escrevi o que disseram. Que você elogiou Hitler...” (CHALÁMOV, 2020, p. 230).

salvar a própria pele, prestam informações e acorrem com denúncias que “corroboram” provas inexistentes, a única maneira que encontram de demonstrarem a sua própria fidelidade. Em seguida, tentam provar que a sua amizade com o acusado nada mais era que um meio de espioná-lo e delatá-lo como sabotador, trotskista, espião estrangeiro ou fascista. Uma vez que o mérito é “julgado pelo número de denúncias apresentadas contra os camaradas”, é óbvio que a mais elementar cautela exige que se evitem, se possível, todos os contatos íntimos — não para evitar que outros descubram os pensamentos secretos, mas para eliminar, em caso quase certo de problemas futuros, a presença daqueles que sejam obrigados, pelo perigo da própria vida, à necessidade de arruinar a de outrem. (ARENDT, 1989, p. 372-373).

Devido a esse sistema de vigilância e denúncia¹¹⁸, e de princípios em constante alteração no que se tratava de grupos a serem perseguidos, nunca “se podia excluir o abalo e a mudança: no limite, alguma coisa podia acontecer. Digamos que o terror é sempre reversível: ele remonta fatalmente àqueles que o exercem. O medo é circular.” (FOUCAULT, 2003, p. 196).

Nos campos, a disciplina se ligava diretamente ao trabalho dos detentos. E, apesar de o trabalho ter uma justificativa econômica, o seu uso como ferramenta moral de “recuperação” era herança do regime burguês¹¹⁹ no bolchevismo. Interessante pensar que o trabalho enquanto prática para a melhora moral do indivíduo era de tal maneira violenta, que nada se “recuperava”, o que se criava era uma aversão completa e total ao ato de trabalhar¹²⁰.

A Rússia especialmente, cujos campos de concentração são em geral descritos como campos de trabalho forçado, porque a burocracia soviética preferiu honrá-los com esse nome, revela com mais clareza que o trabalho forçado não é a questão fundamental; o trabalho forçado é a condição normal de todos os trabalhadores russos, já que eles não têm liberdade de movimento e podem ser arbitrariamente convocados para trabalhar em qualquer lugar a qualquer momento. (ARENDT, 1989, p. 495).

A defesa do conceito de “trabalho” como central aos marxistas parece se aplicar também na análise das tecnologias de poder presentes na União Soviética. Parece paradoxal a ideia de

¹¹⁸ “A vigilância, inculcada implacavelmente, se transformara em uma mania de espionagem, uma doença que dominara todo o país. A cada detalhe, bobagem ou deslize era atribuído um sentido negativo e oculto, sujeito a interpretação em gabinetes de investigação.” (CHALÁMOV, 2019, p. 138).

¹¹⁹ “Isso é algo que já estava inscrito no sistema penal europeu no século XIX: se alguém cometia um delito ou um crime, era, se pensava, porque ele não trabalhava. Se ele tivesse trabalhado, quer dizer, se ele tivesse sido enquadrado no sistema disciplinar que fixa o indivíduo ao seu trabalho, ele não teria cometido o delito. Então como se vai puni-lo? Pois bem, com o trabalho. Mas o que há de paradoxal é que esse trabalho apresentado como desejável e como meio de reinserção do delinquente [*sic*] na sociedade, servir-se-ão dele como de um instrumento de perseguição física, impondo ao condenado, de manhã à noite, o trabalho mais insípido, monótono, brutal, cansativo, extenuante e, no limite, mortal.” (FOUCAULT, 2003, p. 197).

¹²⁰ “No campo, o trabalho mata, e por isso qualquer um que louve essa labuta do campo é um que louve essa labuta do campo é um canalha ou um idiota.” (CHALÁMOV, 2020, p. 113).

que todos devem trabalhar pela glória e pela honra, em nome da revolução, mas se não o fizerem, serão punidos com o trabalho. “[...] Será que esse trabalho desalienado, não explorador, socialista, deve ser detestável a ponto de só se poder fazê-lo entre arames farpados, e com cães nos calcanhares?” (FOUCAULT, 2003, p. 197).

E mais: nos campos, qualquer tipo de falta no trabalho era também motivo de punição¹²¹. “A recusa ao trabalho no campo é um crime que se pune com a morte. Fuzilam depois de três recusas, de três não comparecimentos.” (CHALÁMOV, 2020, p. 84). Mas o campo já era o espaço de punição: duplo paradoxo. Por isso, havia outros espaços para punição dos já punidos¹²². Chalámov os chama de “xadrez¹²³” dos campos. Além deles, há um outro espaço que persiste como constante possibilidade de punição: o corpo¹²⁴.

O corpo é o alvo, é espaço de intervenção, campo total de possibilidades - e o socialismo soube disso muito bem. O “trabalho”, como cerne das discussões marxistas, é corpulento e feroz - não deixa ver o rastro que esconde atrás de si. Esse rastro é o corpo. E quanto não foi feito a ele em nome da honra, da glória, da bravura, do heroísmo, do trabalho e da revolução...

¹²¹ “Quando alguém não ia [ao trabalho], dois carcereiros robustos o pegavam pelos braços e pelas pernas, sacudiram e jogavam para baixo. Lá em baixo estava à espera um cavalo atrelado a um trenó de reboque. Amarravam os que se recusavam ao reboque e levavam para o lugar de trabalho.” (CHALÁMOV, 2019, p. 200).

¹²² “[...] existem as medidas ‘profiláticas’: detenções, reclusão em zonas de punição - essas prisões dentro da prisão -, transferências dos mais suspeitos de um lugar para outro.” (CHALÁMOV, 2020, p. 269 - 270).

¹²³ “Na taiga, às pressas, usaram troncos para construir um xadrez, e o ferreiro Moissei Moisséievitch Kuznetsov recebeu a encomenda de uma fechadura de ferro para esse xadrez; a esposa do chefe doou seu próprio cadeado. O cadeado foi muito útil. Todo dia um dos presos era colocado no xadrez.” (CHALÁMOV, 2020, p. 95).

¹²⁴ “Foi Kisseliov, Pável Dmítrievitch Kisseliov, quem ressuscitou, em Arkagala, a cela de gelo dos tempos de 1938, talhada em rocha, no *permafrost*, uma cela de gelo. No verão, as pessoas eram despidas até ficarem só com a roupa de baixo - de acordo com as recomendações de verão do gulag - e colocadas nessa cela descalças, sem chapéu, sem luvas. No inverno, eram colocadas de roupa - de acordo com as recomendações de inverno.” (CHALÁMOV, 2020, p. 103).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o governo de Stálin, encontram-se em evidência técnicas de poder como perseguição, encarceramento, tortura, violências física e psíquica de extensos grupos populacionais. E apesar terem tido um apogeu no seu governo, elas já existiam no governo de Lênin, justificadas em nome da revolução e do fortalecimento do regime imposto no período.

Essas técnicas, em um primeiro momento vistas como repressivas (pois visavam impedir a realização de ações), estavam vinculadas a outras que, após uma análise mais minuciosa e acompanhada de Foucault, puderam ser entendidas como formas positivas, pois pretendiam estimular comportamentos¹²⁵ da população. Uma articulação entre obediência, disciplina e vigilância aconteceu durante os Planos Quinquenais¹²⁶, mas também durante a Nova Política Econômica (NEP) de Lênin. Articulação necessária entre técnicas que se fez indispensável para garantia da expansão econômica e da estabilidade do governo.

Uma análise sobre o Gulag confirmou esse funcionamento mas trouxe uma nova questão, pois essas técnicas necessitavam de corpos vivos, que pudessem reagir a determinado estímulo – por exemplo, as técnicas de disciplinarização dos trabalhadores intentavam que trabalhassem mais, as torturas queriam obter confissões (verdadeiras ou inventadas), a perseguição política queria aumentar o medo e, portanto, a fidelidade ao partido, etc. Sem vida em uma das partes, a relação de poder cessa, conquista seu ponto de mais alto desempenho que é simultaneamente seu fim. Como se justificaria assim, nos campos do Gulag, a produção de cadáveres em massa?

Esse fenômeno estava diretamente ligado a uma outra técnica, uma que tratava das categorias de vida e morte, que ocupava-se de uma população enquanto aglomerado biológico. É o que Foucault nos apresenta como biopoder. A presença dessa técnica não anulava as demais – associava-se a elas. O sistema bolchevique, inclusive, só pôde funcionar graças a esta articulação. Como engrenagens de uma mesma máquina, obediência, disciplina, vigilância, biopoder – que por sua vez se ramificavam em violência, perseguição, tortura, denúncias,

¹²⁵ Apesar de não haver fôlego para essa discussão no trabalho, poderia-se dizer que essa é a discussão foucaultiana sobre as técnicas de governo.

¹²⁶ “A última e mais frequente ‘rubrica’, de acordo com a qual fuzilaram muitíssimas pessoas, era ‘Pelo não cumprimento da cota’. Por conta desse crime, foram fuziladas brigadas inteiras no campo. Havia até um fundamento teórico. Nessa época, pelo país inteiro, o plano estatal ‘atingiu’ até mesmo as máquinas, nas fábricas e indústrias. Na Kolimá prisional, o plano atingiu as galerias, os carrinhos, as picaretas. O plano estatal era a lei! O não cumprimento do plano estatal era um crime *contrarrevolucionário*.” (CHALÁMOV, 2020, p. 43 - 44, grifo nosso).

corrupção, encarceramento, trabalho forçado, imposição de fome, separação de famílias, etc – operavam de maneira conjunta e correlata. Seus resultados não podiam ser localizados separadamente, mas sempre enquanto efeito comum sobre os corpos.

Se a análise de Foucault sobre o sistema carcerário carrega diferenças com relação ao Gulag, sua investigação sobre as técnicas de poder se aplica inteiramente ao regime bolchevique, que não somente manteve o uso das técnicas de poder do regime burguês-capitalista, como levou-as ao extremo¹²⁷. Ou seja, mesmo que o estudo foucaultiano investigue cenários majoritariamente europeus e capitalistas, o exercício das ferramentas de poder parece ser o mesmo no contexto socialista soviético.

A revolução bolchevique, apesar de ter carregado a proposta de uma mudança radical de sociedade, preservou em seu âmago tecnologias de poder que faziam funcionar o regime anterior e os regimes capitalistas ocidentais. Isso porque o discurso socialista se debruçou sobre o problema da produção econômica como fonte dos problemas sociais, sem destacar a problemática das relações de poder inerentes ao conjunto social. Se podemos dizer que os bolcheviques alteraram a forma de se gerir a propriedade em comparação ao modo capitalista, não podemos afirmá-lo com relação à mecânica do poder (FOUCAULT, 2003, p. 202).

Essa lacuna talvez seja estratégica. A gestão dessas técnicas por regimes capitalistas se provou duradoura e eficiente. Sua assimilação garantiu que fosse viável a complexa mudança no modelo econômico de produção e propriedade em um contexto instável pós-revolução além da imposição e permanência do novo governo.

Se esses mecanismos são mais ou menos violentos, essa é outra discussão. Mas certamente podemos dizer que eles existiram sob diferentes formas ao longo da História. E que suas vítimas, daquele tempo e de todos os outros, formam uma paisagem de destroços. Para os bolcheviques, ela se chamava revolução.

Conto agora algumas histórias, talvez mesmo fábulas, que não convém aos filósofos e historiadores. Historietas do protagonista-corpo que se apresenta em partes: olhos, mãos, pernas – decepado, ferido, sobrevivente. Arrastado por um trenó no Extremo Norte, o tempo

¹²⁷ Tais quais “a organização de grandes partidos políticos; o surgimento de aparatos policiais; os campos de trabalho e seus instrumentos de repressão; o controle disciplinar do tempo e dos espaços, visando adestrar os corpos humanos; entre outros mecanismos” (FOUCAULT apud CAMILO, FURTADO, 2016, p. 37).

lhe foi cruel. Chega até nós somente um longínquo rastro vermelho na neve branca ou, em alguns casos, o apêndice que foi amarrado ao transporte.

As breves existências que seguem me foram sussuradas por vozes entrecortadas ao longo desta pesquisa. Existências que tiveram o infortúnio de se encontrar com o poder – “o poder que espreitava essas vidas, que as perseguiu, que prestou atenção, ainda que por um instante [...] e que as marcou com suas garras, foi ele que suscitou as poucas palavras que disso nos restam.” (FOUCAULT, 2003, p. 207).

O que delas resta foi organizado aqui de maneira que me coube, as vezes em poucos acontecimentos, as vezes sem nenhum que não seja sua morte. Um abrigo precário de palavras (FOUCAULT, 2003) que resistiu às tempestades russas sob a forma do vestígio.

Talvez, humildemente, se possa dizer que se faz aqui uma política da resistência – não eu, mas essas vozes que sobressaem ao pesado fardo da História. Resistência ao dar nome, ao urrar mesmo que em curtos lapsos aquilo que foi feito delas. Muitas, milhares delas, não estão aqui.

Foi custoso juntar os pedaços de informações que eu encontrava para criar uma imagem completa. Como juntar os cacos de um espelho quebrado. Alguns cacos já não existem mais... Mas olhemos fixamente para seus restos, para a “inevitável imagem imposta pelo espelho”¹²⁸. Talvez seja ainda possível enxergar não pelo reflexo, mas por suas rachaduras.

Eugenia Ginzburg (20/12/1904 - 25/05/1977). Nascida em Moscou. Seu pai era farmacêutico e sua família, judia. Gradua-se em História e trabalha como assistente de professor na cidade de Cazã, também na Rússia. Na cidade, também atua ativamente como membro do partido comunista.

Aos 20 anos, casa-se pela primeira vez e tem um filho. Divorcia-se e casa-se novamente em 1930 com um membro do alto escalão do partido, Pavel Aksyonov. Com ele, tem um filho em 1932.

Em 1937, é expulsa do partido e condenada por participar em um grupo terrorista trotskista *contrarrevolucionário*. Ela nunca mais pôde reencontrar seu filho mais velho ou marido. Seu filho mais velho morre no cerco a Leningrado na Segunda Guerra, seu marido é condenado e

¹²⁸ FOUCAULT, Michel. **O Corpo Utópico, as Heterotopias**. São Paulo: N-1, 2013.

levado pelas autoridades logo após sua própria prisão. Pavel também morre durante o encarceramento de Ginzburg.

Após certo tempo em uma prisão, Eugenia é transferida para campos em Kolimá, onde trabalha como enfermeira. Lá, conhece seu terceiro marido, o médico Dr. Anton Walter (que era também detento¹²⁹). Sua sentença termina em 1947, mas ela permanece em exílio em Magadan, onde pôde trabalhar como professora e acompanhar Walter, com o qual adota uma menina chamada Tonya. Seu filho mais novo, do segundo casamento, se junta a eles após 12 anos sem ver a mãe.

Em 1949, ela é novamente condenada e proibida de voltar à Moscou. É reabilitada em 1955 e passa a viver em Lvov. Quando o marido falece, muda-se para Moscou. Na capital, escreve uma obra composta por dois volumes de memórias chamada *Into the Whirlwind* (em português seria algo como “o turbilhão”). Os volumes se chamam, em inglês, *Harsh Route* ou *Steep Route* (em português, “rota árdua” ou “rota íngreme”). Sua publicação não pôde ser feita na União Soviética.

Não foi possível encontrar informações sobre sua morte.

George Bien (1928 - 16/06/2005). Nascido em Budapeste, Hungria, em família de origem judia que havia se convertido ao cristianismo em 1919. George só soube de sua ancestralidade judaica anos depois. Seu pai, médico cardiologista, foi acusado de espionagem e detido, morrendo seis meses depois em um campo de trabalho forçado de febre tifóide na Ucrânia. George, por sua vez, foi detido com 16 anos, por criar um rádio de ondas curtas em casa. Tudo isso aconteceu durante a ocupação soviética na Hungria, após o término do domínio nazista.

Passa por diferentes instituições do sistema punitivo soviético - de Budapeste é enviado para a Áustria, depois para uma prisão em Odessa, na Ucrânia, e posteriormente em campos de trabalhos forçados na região do mar Negro. Em 1946, é enviado para um campo de mineração de ouro em Magadan, na região de Kolimá.

Stálin morre em 1953 e Bien retorna para sua casa em 1955. No final de 1956, se muda para os Estados Unidos, onde passa todo o restante de sua vida. Trabalha em diversos ramos, mas

¹²⁹ O texto deixa implícito que sua condenação foi por motivos étnicos.

passa a ser conhecido na área de tintas para impressão. Morre em 2005 devido a um câncer no pâncreas.

Margarete Buber Neumann (21/10/1901 - 06/11/1989). Nascida em Potsdam, Alemanha. Extremamente envolvida nas pautas comunistas, trabalha ativamente no Partido Comunista Alemão, mais até do que como professora, sua formação oficial. Tem duas filhas do primeiro relacionamento. Devido à ascensão nazista, as meninas, que no momento eram criadas pelos avós paternos, vão viver em Israel.

Posteriormente conhece Heinz Neumann, na época representante da Comintern da Rússia Soviética. Eles se casam e trabalham juntos em prol da causa comunista em diversos países como Alemanha, Espanha e França.

Os dois se mudam para a União Soviética, sob nomes falsos, em 1935. Heinz Neumann sumiu em 1937 e nunca mais seu paradeiro foi identificado. Margarete foi encarcerada em 1938 com pena relativa à *agitação anti-soviética*.

Fica dois anos em um campo na Sibéria. Em 1940, sob o pacto de não agressão entre Hitler e Stálin, é enviada para o campo de concentração de Ravensbrück, no qual fica cinco anos. Com o fim da Segunda Guerra, em 1945, é finalmente libertada.

Maria Spiridónova (16/10/1884 - 11/09/1941). Nascida em Tambov, Rússia. Seu pai era banqueiro. Estuda odontologia em Moscou. É ativa no partido socialista revolucionário. No ano de 1906, mata a tiros o inspetor policial Gavril Luzhenovsky, o qual havia ordenado forte repressão a uma manifestação camponesa em 1905. É detida e sofre graves violências dos policiais.

Seu julgamento acontece no dia 11 de março e sua pena é o enforcamento, posteriormente alterado para exílio permanente na Sibéria. Após a Revolução de 1917, é libertada e poucos anos depois novamente encarcerada pelos bolcheviques. Na época, estava com tifo, então fica no hospital de uma prisão. Depois, é transferida para uma instituição para doentes mentais. Ali, Maria realiza uma greve de fome em protesto.

Em 1937, é novamente presa por Stálin. No dia 11 de setembro de 1941 é executada com outros 162 prisioneiros políticos na floresta de Medvedev.

Alla Tumanova foi detida em 1951, quando tinha 17 anos. Na época, estudante do *Lenin State Pedagogical Institute*, foi acusada de participar de um grupo anti-soviético. Com ela, outros dezesseis estudantes foram detidos e três foram mortos. Alla foi condenada a 25 anos de trabalhos forçados. No campo, sua tarefa era arrastar os resíduos de perto da mina de carvão. Devido à morte de Stálin, sua pena é reduzida e ela é libertada em 1956. Muda-se para o Canadá com esposo e filho em 1956.

Anna Larina (27/01/1914 - 24/02/1996). Filha adotiva do revolucionário comunista Yuri Larin, sempre esteve próxima das grandes figuras da Revolução de 1917, dentre elas Lênin e Stálin. Foi este último que entregou a primeira carta de amor de Anna à seu futuro esposo, Nikolai I. Bukharin - posteriormente condenado, encarcerado e morto. Em 1937, após o encarceramento de Bukharin, Anna também foi condenada por ser esposa de um inimigo do povo, passando vinte anos de sua vida entre campos e exílio. Escreve a obra *This I Cannot Forget*, uma autobiografia sobre as terríveis experiências de sua vida. Morre em 1996, vítima de um câncer de pulmão.

Alexander Dolgun (29/09/1926 - 28/08/1986). Estadunidense, nascido no Bronx, em Nova York. No início da década de 1930, Alexander e seus pais se mudam para União Soviética devido ao emprego do pai, Michael Dolgun. Em 1943, com 16 anos, Alexander consegue um emprego na Embaixada dos Estados Unidos em Moscou.

É detido em 1948 sob acusação de espionagem. Torturado no interrogatório - questionado intermitentemente durante dois dias e duas noites. Durante o período na prisão Lefortovo, em Moscou, fica em uma “cela psíquica” em que todas as paredes eram pintadas de preto. Quando ficou na prisão de Sukhanovka, era espancado todos os dias exceto aos domingos. Alexander I. Solzhenitsyn escreve em *Arquipélago Gulag* que Dolgun foi o único de quem ouviu falar que saiu vivo de um interrogatório em Sukhanovka.

Sua condenação foi de 25 anos em campos de trabalhos forçados, e por isso é transferido para Dzhezkazgan, uma cidade de mineração de cobre no Cazaquistão. É nominalmente chamado pelo Coronel Mikhail Ryumin de volta à prisão de Sukhanovka como parte da Conspiração dos Médicos¹³⁰. Ryumin torturou-o e espancou-o pessoalmente para que Dolgun admitisse envolvimento em diversas traições à União Soviética.

No total, passou oito anos encarcerado. É libertado em 1956, devido à anistia após a morte de Stálin. Descobre que seu pai e sua mãe foram torturados com o intuito de incriminá-lo. Consegue autorização para voltar aos Estados Unidos em 1971. Em 1975 publica *Alexander Dolgun's Story: An American in the Gulag*.

Morre em 1986, com 59 anos, de insuficiência renal.

Óssip Mandelstam (15/01/1891 - 27/12/1938). Nascido em Varsóvia, na Polônia, em uma família de origem judia. Muda-se para São Petersburgo ainda criança. Frequenta palestras na Sorbonne. Estuda Literatura na Alemanha e Filosofia em São Petersburgo.

Escritor de grande produção, passa a participar da Corporação dos Poetas a partir de 1912. Dominando inglês, francês e alemão, trabalha como tradutor. A partir da década de 1920, Mandelstam demonstra seu descontentamento com o regime stalinista na obra *A Quarta Prosa*.

É no início dos anos 1930 que escreve e recita seu epigrama anti-stalinista, devido ao qual é detido em maio de 1934. É enviado para a região dos Urais. De junho do mesmo ano até maio de 1937 ficou exilado em Vorónej. Depois, proibido de viver em Moscou, mora no povoado de Saviolovo.

Em março de 1938, é novamente detido e condenado a 5 anos de trabalhos forçados por atividades *contrarrevolucionárias*. Morre no mesmo ano, de tifo, em um campo de trânsito em Vladivostok a caminho da Sibéria Oriental. A localização de seu túmulo é desconhecida

¹³⁰ “[...] em 4 de abril de 1953, o *Pravda* realizou uma declaração proeminente de Lavrenty Beria, o infame chefe da polícia secreta de Stálin, exonerando nove médicos soviéticos (sete deles judeus) que haviam sido acusados de ‘destruição, espionagem e atividades terroristas contra os líderes ativos do governo soviético’. O povo soviético, especialmente judeus, ficaram surpresos ao saber que apenas um mês após a morte de Stálin a nova liderança agora admitiu que as acusações haviam sido inteiramente inventadas por Stálin e seus seguidores. Sete dos médicos foram imediatamente libertados - dois já haviam morrido nas mãos de seus carcereiros.” (CLARFIELD, 2002, p. 1487).

até os dias atuais. Seu nome foi proibido de ser citado na União Soviética durante vinte anos após sua morte.

Isaac Bábel (13/07/1894 - 27/01/1940). Nascido em Odessa, atual Ucrânia, de família judaica. Estuda no Instituto Comercial e Financeiro de Kíev e escreve muito durante a vida, inclusive como jornalista.

Foi fiel ao regime stalinista após a Revolução de 1917: trabalha como tradutor na Tcheka, trabalha no Comissariado do Povo para a Educação, participa das expedições organizadas pelo governo para requisição de alimentos no campo e faz a cobertura do conflito entre Rússia e Polônia. No conflito, também luta nos anos de 1920 e 1921. Em 1930, já é escritor consagrado - o que não o impede de ser condenado em maio de 1939 sob acusação de espionagem e atividades antissoviéticas. É fuzilado no ano seguinte.

Jacques Rossi (10/10/1909 - 30/06/2004). Nascido em Lyon, na França, em uma família abastada. Desde jovem, é um comunista assíduo e integra o partido comunista polonês aos 17 anos. Aos 20, torna-se agente secreto da Internacional Comunista (Comintern).

Em 1937, durante uma missão na Espanha, Rossi é convocado de volta a Moscou e acusado de espionagem para a França e a Polônia. É condenado a oito anos de prisão na Butírskaia. Em 1947, consegue uma condicional. Em 1948, é novamente sentenciado, dessa vez com uma pena de 25 anos por espionagem para França, Inglaterra e Estados Unidos.

Ele é libertado em 1956.

Olga Adamova-Sliozberg (01/08/1902 - 05/12/1991). Nascida na cidade de Samara, anteriormente chamada Kuibyshev, sexta maior cidade russa. Trabalha como economista em um ministério do governo. Tinha filhos. Foi considerada inimiga de estado, devido à prisão de seu marido, professor de biologia, por atividades *contrarrevolucionárias*.

Condenada a oito anos de isolamento estrito. Passou por diversas prisões: Lubyanka, Solovki, Butírskaia, Kasanskaya e Vladimírskaia. Também ficou no campo de Magadan, na região de

Kolimá. Libertada em 1946, é novamente encarcerada em 1949 na prisão de Butírskaia, em Moscou. Depois, é exilada no Cazaquistão e só pode retornar ao país natal em 1954.

Autora do livro *My Journey: How One Woman Survived Stalin's Gulag*, que ela escreveu depois do encarceramento, uma vez que lápis e canetas não eram permitidos. Ela enterra a primeira versão no jardim da casa de família, mas após sua nova prisão e exílio, não mais encontra a obra. Reescreve tudo outra vez. O livro só foi publicado oficialmente na Rússia em 2002.

Alexander Issaiévich Soljenítsin (11/12/1918 - 03/08/2008). Nascido em em Kislovodsk, na Rússia. Seu pai morre como oficial durante a Primeira Guerra, seis meses antes de seu nascimento. É criado pela mãe, datilógrafa e estenógrafa. Alexander sempre gostou de escrever, mas seus manuscritos juvenis não eram aceitos e ele não tinha recursos para ir até Moscou, onde teria mais chances de ser conhecido. Estuda Física e Matemática na Universidade de Rostov e, posteriormente, à distância, no Instituto de História-Filosofia-Literatura de Moscou. Participa da Segunda Guerra desde seu início, em diferentes funções.

É encarcerado pela primeira vez em fevereiro de 1945, devido à uma troca de correspondência com uma amigo, em que criticava Stálin sob um pseudônimo. Também alguns de seus escritos foram considerados provas. Para o julgamento, esses materiais não foram considerados suficientes e Alexander foi condenado com uma sentença considerada comutada, de oito anos em campos de trabalhos forçados.

Em 1946, como matemático, foi levado para o sistema de institutos de pesquisa do Ministério da Administração Interna, ficando anos em prisões especiais. Em 1950, é enviado para um recém criado campo especial para alguns políticos. Um mês após o fim de sua pena, recebe o decreto de seu exílio no Cazaquistão, onde desenvolve um câncer e fica de 1953 a 1956. Foi professor em uma escola rural e escreveu muito.

Dentre diversos prêmios literários que ganha, está o Prêmio Nobel de Literatura de 1970, o qual ele não foi receber por medo de ser proibido de voltar para casa. Um de seus mais famosos livros, *O Arquipélago Gulag* traz diversas denúncias ao sistema punitivo soviético e fez com que o autor fosse considerado um traidor do regime, perdesse sua cidadania e fosse

expulso da União Soviética em 1974. Viveu na Suíça e nos Estados Unidos e morreu em 2008 vítima de uma insuficiência cardíaca.

Alla Andreeva¹³¹ forma-se no Instituto de Formação Avançada para Artistas em 1938 e trabalha como artista. Em 1947, ela é presa por causa do caso de seu marido, o escritor Daniil Andreev, que criticou publicamente o sistema soviético. Andreeva é condenada a 25 anos em campos de segurança máxima. No total, ela passa nove anos em campos na Mordóvia.¹³²

Gustav Herling (20/05/1919 - 04/07/2000). Nasce em Kielce, na Polônia. Estuda Literatura Polonesa na Universidade de Varsóvia. Com a invasão alemã na Polônia em setembro de 1939, ele e seus amigos criam uma das primeiras organizações anti-nazistas na Varsóvia. No mesmo mês acontece uma invasão soviética e o país fica dividido entre os dois governos.

Em 1940, Herling vai para a parte soviética da Polônia, mas ali é preso pelo NKVD sob a acusação de ser um espião alemão. O pretexto para essa afirmação era que seu nome, quando transcrito para o russo, soava similar ao deputado¹³³ de Hitler, Herman Goering.

Torturado durante o interrogatório, foi condenado a cinco anos de trabalho forçado. Fica em campos em Kargopol, Yertsevo e Arkhangelsk, descarregando caminhões e trabalhando com o corte de madeira.

Em junho de 1941, a Alemanha invade a União Soviética e Stálin, por esse motivo, dá anistia aos poloneses presos, mas Herling só é liberado após fazer uma greve de fome.

Em 1942, alista-se no exército polonês e vai para diversos países com essa função. Ganha a maior honraria militar polonesa, chamada *Virtuti Militari*. Após a guerra, vive em Roma, Londres e Munique. Em Roma, funda a revista *Kultura*, com textos críticos sobre cultura e arte, importante símbolo da intelectualidade polonesa no período pós-guerra. Após a morte de sua primeira esposa em 1952, muda-se para Nápoles e casa-se com Lidia Croce em 1955.

¹³¹ Também encontrei ocorrências de seu nome como Alla Aleksandrovna e Anna Andreeva.

¹³² Texto original no link: <https://gulaghistory.org/exhibits/days-and-lives/prisoners/4.html>. Não encontrei mais informações sobre ela.

¹³³ “Deputy” no original. Pode ser traduzido como deputado, adjunto, seria alguém que trabalhava próximo de Hitler.

Escreve obras tais quais: *The Living and the Dead* (1945), *Phantoms of the Revolution* (1969), *The Second Coming* (1963), e *The Island: Three Tales* (1967) - em português, os títulos podem ser traduzidos como, respectivamente “o vivo e o morto”, “fantasmas da revolução”, “a segunda chegada” e “a ilha: três contos”. Sua principal obra, considerada ainda mais intensa que *A Casa dos Mortos*, de Dostoiévski, é *A World Apart* (“um mundo à parte”, sem tradução para o português). Em território, ter uma posse deste livro era motivo para punição.

Considerado um dos maiores escritores contemporâneos europeus, morre aos 81 anos de hemorragia cerebral.

Lev Kopelev (09/04/1912 - 18/06/1997). Nascido em Kiev, na Ucrânia, em uma família russa e judia de classe média. Durante a juventude, participa do movimento comunista, do qual frequentemente é expulso - em uma das vezes, porque seu primo foi acusado de crimes *contrarrevolucionários* de caráter trotskista.

Aprende alemão durante a graduação em Línguas Estrangeiras, em Moscou. Realiza doutorado também na capital, no Instituto de História, Filosofia e Literatura.

Em 1941, com a invasão alemã à União Soviética, integra o exército vermelho em uma unidade de propaganda na Prússia Oriental. Durante um conflito em 1945, tenta impedir soldados soviéticos de pilharem casas e estuprarem mulheres. É condenado a 10 anos em campos de trabalho forçado por causa disso. Em sua prisão em Moscou, dividiu cela com Aleksandr I. Solzhenitsyn, autor de *Arquipélago Gulag*.

Apesar de sua condenação, segue acreditando na proposta comunista. É libertado e reabilitado em 1954 e manteve sua filiação ao partido até 1968, quando é expulso por publicamente protestar contra a invasão soviética à Checoslováquia.

Torna-se um grande especialista em cultura alemã no âmbito acadêmico e literário e faz parte da União de Escritores Soviéticos até ser expulso, em 1977. Tem dois casamentos: o primeiro com Miss Orlova (em 1956) e o outro com Maria Leonene. Quando um colega seu é exilado e sua cidadania soviética revogada em 1980, decide mudar-se para a Alemanha.

Publica vários livros sobre a Rússia e sobre sua própria experiência, sendo o principal deles *To Be Preserved Forever* (em português, “a ser preservado para sempre”). Morre com 85 anos devido a uma doença no coração.

Jozef Bobalik (1928 - 26/03/2021). Nascido no vilarejo de Lukov, na Eslováquia. Apesar de bom aluno, Jozef abandona os estudos e passa a exercer trabalhos rurais com 15 ou 16 anos. Em 1947, ele migra com sua família para a União Soviética, onde acreditam que encontrarão um solo fértil e melhores oportunidades. Não foi o que encontraram.

Apesar das condições difíceis, permanecem na Ucrânia, na pequena cidade de Mirohošć, Jozef queria retomar os estudos. Em 18 de fevereiro de 1948, participa da despedida de solteiro de um amigo. Três homens uniformizados entram e perguntam quem sabe ler ucraniano. Jozef é indicado pelos demais e sob a ameaça de uma pistola, ele lê um folheto entregue pelo mesmo homem. O texto terminava em “morte à Stálin!”.

Alguns meses depois do ocorrido, Jozef é preso e sentenciado a dez anos de encarceramento. Após um ano na prisão de Dubno, sua pena é oficialmente de dez anos, além de dois anos de privação de direitos.

Trabalha em campos em Ozerlag, Magadan e Ust-Kuyga. É libertado em 1955¹³⁴.

Joseph Scholmer foi um médico que trabalhava para a Autoridade Central de Saúde em Berlim, quando foi acusado de ser um agente da Gestapo e dos Serviços Secretos americanos e britânicos em maio de 1949. Ele passou os anos de 1949 a 1953 em um campo em Vorkuta. Designado para trabalhar no pátio de madeira, Scholmer logo percebeu que nunca seria capaz de alcançar a cota de trabalho e pediu a um companheiro de prisão para esmagar sua mão para que ele fosse considerado incapaz de realizar trabalhos pesados. Ele foi então designado para ajudar nos enterros de prisioneiros mortos e assistiu os guardas quebrarem os crânios dos cadáveres para garantir que estavam realmente mortos.¹³⁵

¹³⁴ No original, diz-se que o motivo foi a libertação do serviço ao ar livre do Yakut ASSR.

¹³⁵ Texto original no link: <https://gulaghistory.org/exhibits/days-and-lives/prisoners/26.html>.

Thomas Sgovio (07/10/1916 - 03/07/1997). Nascido na cidade de Buffalo, nos Estados Unidos. Seu pai é deportado para a União Soviética em 1935 devido a suas atividades políticas e sua família o acompanha. Thomas tinha 19 anos e assim que chega, abre mão de seu passaporte estadunidense.

Após três anos em Moscou, entretanto, tenta recuperar o documento e vai até a Embaixada dos Estados Unidos no dia 12 de março de 1938. Ao sair, é preso por agentes do NKVD. Fica na prisão de Butírskaia e depois na prisão de Taganka, também em Moscou. Os inquéritos davam a entender que sua prisão estava ligada somente ao fato de sua ida à embaixada. Então, é sentenciado por uma *troika* a trabalhos forçados como “elemento socialmente perigoso”.

Alguns anos depois seu caso é revisado. O promotor disse que Sgovio não negava sua aplicação para ir à embaixada e, portanto, não havia motivos para mudança na sua sentença.

Sgovio é levado aos campos de trabalho forçado em Kolimá e cumpre 16 anos de pena. Após sua libertação, é obrigado a permanecer em solo soviético. Retorna para os Estados Unidos em 1960.

Nina Gagen-Torn (1901-04/06/1986): encarcerada e exilada. Yevgeny Gurevich (1931-1952): executado. Boris Slutsky (1932-1952): executado. Vladlen Furman (1931-1952): executado. Tamara Lazarevna (1932-): pena de encarceramento de 10 anos. Galina Smirnova (1931-): pena de encarceramento de 10 anos. Nina Uflyand (1934-): pena de encarceramento de 10 anos. Irena Arginskaya (1932-): pena de encarceramento de 25 anos. Ida Vinnikova (1931-): pena de encarceramento de 25 anos. Felix Voin (1931-): pena de encarceramento de 25 anos. Grigory Mazur (1931-): pena de encarceramento de 25 anos. Vladimir Melnikov (1932-): pena de encarceramento de 25 anos. Yekaterina Panfilova (1932-): pena de encarceramento de 25 anos. Alla Reif (1931-): pena de encarceramento de 25 anos. Maya Alexandrovna Ulanovskaya (20/10/1932 - 25/06/2020): pena de encarceramento de 25 anos. Inna Elgisser (1930-): pena de encarceramento de 25 anos. Susanna Pechuro (22/07/1933-01/01/2014): pena de encarceramento de 25 anos. Nestor Makhnó (1888-1934): perseguido e exilado. Lev Gumilev (01/10/1912 - 15/06/1992): encarcerado três vezes. Leopold Averbakh (1903-1937): fuzilado. David Bergelson (1884-1952): fuzilado. Sergei Dinamov (-1939): fuzilado. Robert Eideman (-1937): fuzilado. Itzik Fefer (1900-1952): fuzilado. Yakov Golosovker (1890–1967): teve suas obras destruídas, foi encarcerado e exilado. Ivan Mikhailovich

Gronsky (1896-1985): encarcerado e exilado. Aleksei Stetskii (1896-1938): encarcerado e fuzilado. Aleksandr Borin (1913 - 1987): encarcerado e exilado. Boris Chetverikov (1896 - 17/03/1981): encarcerado por 11 anos. Iuda Grossman-Róschin (1883 - 1934): perseguido e exilado. Nikolai Gumilyov (15/04/1886 - 26/08/1921): fuzilado. Ivan Kataev (27/05/1902 - 19/08/1937¹³⁶): fuzilado. Vladimir Kirshon (19/08/1902 - 28/07/1938): fuzilado. Nicolai Kliuev (10/10/1884 - 1937): fuzilado. Sergei Klychkov (13/07/1889 - 08/10/1937): fuzilado. Mikhail Koltsov (12/06/1898 - 02/02/1940): fuzilado. Boris Kornilov (29/07/1907 - 20/02/1938): fuzilado. Pyotr Kriuchkov (12/11/1889 - 15/03/1938): fuzilado. Georgi Kuklin (- 1939): fuzilado. Leib Kvitko (15/10/1890 - 12/08/1952): fuzilado. G. Lelevitch (- 1937): fuzilado. A. Lejnev (- 1938): fuzilado. Ivan Makariev: encarcerado. Perets Markish (07/12/1895 - 12/08/1952). Dmitry Maznin (- 1938): fuzilado. Pavel Medvedev (04/01/1892 - 17/07/1938): fuzilado. Vsevolod Meyerhold (09/02/1874 - 02/02/1940): fuzilado. Solomon Mikhoels (16/03/1890 - 13/01/1948): assassinado por ordem de Stálin. Ivan Mykytenko (06/09/1897 - 04/10/1937): fuzilado. Vladimir Narbut (14/04/1888 - 14/04/1938¹³⁷): fuzilado. Pyotr Oreshin (- 1938): fuzilado. Boris Pilniak (Boris Andreievich Vogau) (11/10/1894 - 21/04/1938¹³⁸). Valerian Pravdukhin (02/02/1892 - 28/08/1938¹³⁹). Nikolai Punin (28/11/1888 - 21/08/1953): encarcerado (morreu durante o encarceramento). Aleksei Selivanovski (- 1938): fuzilado. Mychajl Semenko (31/12/1892 - 23/10/1937): fuzilado. Lev Sosnovsky (1886 - 03/07/1937). Boris Tal (1898 - 17/09/1938): fuzilado. Aleksandr Tarasov-Rodionov (07/10/1885 - 03/09/1938¹⁴⁰): fuzilado. Stanislaw Akucewicz (12/01/1923 -): teve sua casa invadida durante a ocupação soviética na Polônia e foi encarcerado junto com a família. Ján Bačkovský (24/10/1919 -): encarcerado. Eufrosinia Kersnovskaya (08/01/1908 - 08/03/1994). Galina Ivanovna Levinson: encarcerada. Alfred Martinovich Mirek: encarcerado. Lev Razgon (01/04/1908 - 08/09/1999): encarcerado. Vladimir Tchernavin (1887 - 31/03/1949): encarcerado. Nikolai Kazimírovitch Barbé. Ioska Riútin. Dmitri Nikoláievitch Orlov. Semion Aleksêievitch Chénin. Ivan Iákovlevitch Fediákhin. Derfel. Frits David. Serioja Klivanski. Diúkov. Pável Mikháilovitch Khvostov. Roman Románovitch Románov. John H. Noble (04/09/1923 - 10/11/2007): encarcerado. Dimitri Panin: encarcerado e exilado. Evgeniia Michailovna Peunkova (1928 -): encarcerada.

¹³⁶ Brent (2013, p. 252) coloca que sua morte foi em 1939.

¹³⁷ Brent (2013, p. 253) coloca que o ano de sua morte foi 1944.

¹³⁸ Brent (2013, p. 254) coloca que o ano de sua morte foi 1937.

¹³⁹ Brent (2013, p. 254) coloca que o ano de sua morte foi 1939.

¹⁴⁰ Brent (2013, p. 254) coloca que o ano de sua morte foi 1937.

Uma lista mais extensa de pessoas perseguidas pelo regime bolchevique pode ser encontrada no site gulag.online. A página apresenta conteúdos como mapas dos campos, biografias e fotografias das vítimas.

REFERÊNCIAS

ADAMOVA-SLIOZBERG, Olga. Days and Lives: Prisoners. **Gulag: Many Days, Many Lives**. Disponível em: <https://gulaghistory.org/exhibits/days-and-lives/prisoners/2.html>. Acesso em: 28 dez. 2022.

AGUIAR, Hugo Hortêncio de. Rússia: Parte 3: Organização político-administrativa da ex-URSS. **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, v. 40, n. 159, p. 307-318, 2003. Disponível em: <https://bdjur.stj.jus.br/jspui/handle/2011/175258>. Acesso em: 2 nov. 2023.

ALEKSEI Stetskii. **Manual da história do Partido Comunista e da União Soviética 1898 – 1991**. Disponível em: <http://www.knowbysight.info/SSS/05180.asp>. Acesso em: 6 jan. 2023.

ANDREEVA, Anna. Days and Lives: Prisoners. **Gulag: Many Days, Many Lives**. Disponível em: <https://gulaghistory.org/exhibits/days-and-lives/prisoners/4.html>. Acesso em: 11 maio 2023.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

AUTONOMOUS NONPROFIT ORGANIZATION “TV-NOVOSTI”. Prominent Russians: Lev Gumilev. **Russiapedia**, [S. l.]. Disponível em: <https://russiapedia.rt.com/prominent-russians/science-and-technology/lev-gumilev/>. Acesso em: 31 dez. 2022.

AZEVEDO, Reinaldo. Morre Alexander Soljenítsin, símbolo de resistência na URSS. **Veja**, [S. l.], 4 ago. 2008. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/morre-alexander-soljenitsin-simbolo-de-resistencia-na-urss/>. Acesso em: 28 dez. 2022.

BAKUNIN, Michael. Os perigos de um estado marxista. In: WOODCOCK, George (ed.). **Os grandes escritos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 2019. cap. Terceira parte: O caminho errado para as mudanças.

BEAUTY in hell: culture in the Gulag. **Hunterian**. Disponível em: <https://www.gla.ac.uk/hunterian/visit/exhibitions/virtualexhibitions/beautyinhellcultureinthegulag/prisoners/olgaadama-sliozberg/>. Acesso em: 28 dez. 2022.

BELYAEVA, Larisa I. The Role of the Public in Prison Transformations of the 19th Century in Russia. **Penitentiary Science**, [S. l.], ano 1, v. 15, n. 53, p. 5-19, 2021. Disponível em: <https://jurnauka-vipe.ru/article/1124/?lang=en>. Acesso em: 21 maio 2023.

BERMAN, Harold J. Principles of Soviet Criminal Law. **Yale Law Journal Company**, [s. l.], v. 56, p. 803-836, 1947. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/792959>. Acesso em: 29 out. 2023.

BILOCERKOWYCZ, Jaroslaw. NKVD. In: STRUK, Danylo Húsar (ed.). **Encyclopedia of Ukraine**. [S. l.]: University of Toronto Press, 1993. v. III, p. 603 - 604.

BOBRIK, Alexey; DANISHEVSKI, Kirill; EROSHINA, Ksenia; MCKEE, Martin. Prison Heath in Russia: The Larger Picture. **Journal of Public Health Policy**, [s. l.], n. 26, p. 30-59, 2005. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1057/palgrave.jphp.3200002>. Acesso em: 27 ago. 2022.

BORIN, Aleksandr. Days and Lives: Prisoners. **Gulag: Many Days, Many Lives**. Disponível em: <https://gulaghistory.org/exhibits/days-and-lives/prisoners/6.html>. Acesso em: 11 maio 2023.

BRENT, Jonathan. **Dentro dos arquivos de Stalin**: descobrindo uma nova Rússia. Rio de Janeiro: Record, 2013.

BRINTON, Maurice. A Revolução Russa. **Marxismo e Autogestão**, [s. l.], p. 147-159, 2014. Disponível em: <https://redelp.net/index.php/rma/article/view/940>. Acesso em: 13 jun. 2023.

BUBER NEUMANN, Margarete. Days and Lives: Prisoners. **Gulag: Many Days, Many Lives**. Disponível em: <https://gulaghistory.org/exhibits/days-and-lives/prisoners/31.html>. Acesso em: 30 dez. 2022.

BUJALSKI, Nicholas. Narrating Political Imprisonment in Tsarist Russia: Bakunin, Goethe, Hegel. **Modern Intellectual History**, [s. l.], v. 18, p. 1-27, 2020. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/modern-intellectual-history/article/abs/narrating-political-imprisonment-in-tsarist-russia-bakunin-goethe-hegel/2B6AE5C552149AE86FC5CDC627C6B4F3>. Acesso em: 26 ago. 2023.

Butyrka Prison. **Academic accelerator**. Disponível em: <https://academic-accelerator.com/encyclopedia/butyryka-prison>. Acesso em: 10 nov. 2023.

CARNEIRO, Paulo Cezar Pinheiro. O Ministério Público na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas: Sistema dos Direitos Socialistas. **Rev. Dir. Proc.-Geral de Justiça**, Rio de Janeiro, n. 26, p. 118-121, 1987. Disponível em: https://www.mprj.mp.br/documents/20184/2330368/Paulo_Cezar_Pinheiro_Carneiro.pdf. Acesso em: 26 ago. 2023.

CARVALHO, Bernardo. Isaac Bábel faz sentir como pela primeira vez. **Folha de SP**, São Paulo, 13 dez. 2003. Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1312200316.htm>. Acesso em: 28 dez. 2022.

CHALÁMOV, Varlam. **Contos de Kolimá**. São Paulo: Editora 34, 2018. v. 1.

_____. **A Margem Esquerda**: Contos de Kolimá 2. São Paulo: Editora 34, 2019.

_____. **O Artista da Pá**: Contos de Kolimá 3. São Paulo: Editora 34, 2020.

_____. Sobre minha prosa. In: CHALÁMOV, Varlam. **A Ressurreição do Lariço**: Contos de Kolimá. [S. l.]: Editora 34, 2021. v. 5, p. 298-323.

CLARFIELD, A Mark. The Soviet “Doctors’ Plot”: 50 years on. **British Medical Journal**, [s. l.], v. 325, p. 1487-1489, 2002. Disponível em: https://www.bmj.com/content/325/7378/1487.short?casa_token=kIkdl6FGh80AAAAA:vqm4p9GvS5mEgJ9prD3Wv9E0nHeey1Jm50Wd1pQZMRhkK_kQhKgtTP3u0ynWdkfNPpDuyRw0hUJJ. Acesso em: 26 nov. 2023.

COSTA, Paulo Manuel. Crime Político. In: MAIA, Rui Leandro *et al.* **Dicionário**: Crime, Justiça, Sociedade. Lisboa: Edições Sílabo, 2016. p. 129-130.

DANNER, Fernando. O sentido da biopolítica em Michel Foucault. **Estudos Filosóficos**, São João del Rei, p. 143-157, 2010. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art9-rev4.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

DA SILVA, Andrea Zeppini Menezes. Sobre a prosa de Varlam Chalámov. **RUS**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 30-42, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rus/article/view/88700>. Acesso em: 12 jul. 2023.

_____. ALGUMAS NOTAS SOBRE A OBRA DE CHALÁMOV NO CAMPO DA CRÍTICA. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, p. 133-140, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/31048/18803>. Acesso em: 27 ago. 2022.

DA SILVEIRA, Marcelo Pichioli. Princípios de Processo Civil da U.R.S.S. e das Repúblicas Federadas, de V. Terebilov, V. K. Poutchinski e V. Tadevosíán. **Empório do Direito**, [S. l.], p. 1-5, 21 out. 2017. Disponível em: <https://emporiiodireito.com.br/leitura/principios-de-processo-civil-da-u-r-s-s-e-das-republicas-s-federadas-de-v-terebilov-v-k-poutchinski-e-v-tadevosian-por-marcelo-pichioli-da-silveira>. Acesso em: 26 ago. 2023.

DAVIES, Sarah. The Crime of “Anti-Soviet Agitation” in the Soviet Union in the 1930’s. **Cahiers du Monde russe**, [s. l.], ano 1/2, v. 39, p. 149-167, 1998. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20171078>. Acesso em: 25 nov. 2023.

DOLGUN, Alexander. Days and Lives: Prisoners. **Gulag: Many Days, Many Lives**. Disponível em: <https://gulaghistory.org/exhibits/days-and-lives/prisoners/9.html>. Acesso em: 11 maio 2023.

DOLGUN, Alexander; WATSON, Patrick. **Alexander Goldun's Story**: An American in the Gulag. [S. l.]: Knopf, 1975. 370 p.

DUDA, Sibylle. Margarete Buber-Neumann. **FemBio**, [S. l.], 30 dez. 2022. Disponível em: <https://www.fembio.org/english/biography.php/woman/biography/margarete-buber-neumann/>. Acesso em: 30 dez. 2022.

ELLMAN, Michael. Regional Influences on the Formulation and Implementation of NKVD Order 00447. **Europe-Asia Studies**, University of Amsterdam, v. 62, n. 6, p. 915-931, 12 jul. 2010. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09668136.2010.489254?casa_token=IUv3HEZ3_CIAAAAAA:UGMQKholNULxRzBLWm4mr0fbeD7NEzcveFxs68pwK6KzSdNCFmQ2_3iwrGBIBT31xbOWwsBpWS_CIQ. Acesso em: 27 nov. 2023.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Gulag: labour camps, Soviet Union. **Britannica**, [S. l.], 28 abr. 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Gulag>. Acesso em: 7 maio 2023.

ESTRAIKH, Gennady. Fefer, Itsik. **The Yivo Encyclopedia of Jews in Eastern Europe**. Disponível em: https://yivoencyclopedia.org/article.aspx/Fefer_Itsik. Acesso em: 6 jan. 2023.

EUGENIA GINZBURG. **Forrester domains Swarthmore.edu**. Disponível em: <https://forrester.domains.swarthmore.edu/alum-readings/2003/ginzburg.html>. Acesso em: 27 nov. 2023.

EUGENIA GINZBURG. **Persephone books**. Disponível em: <https://persephonebooks.co.uk/pages/eugenia-ginzburg>. Acesso em: 27 nov. 2023.

EXILE. PEOPLE AND TESTIMONY (Alemanha). Margarete Buber-Neumann. **DNB. Exile. People and Testimony**, [S. l.]. Disponível em: <https://exilarchiv.dnb.de/DEA/Content/EN/Personen/buber-neumann-margarete-en.html?single=1>. Acesso em: 30 dez. 2022.

FILHO, Daniel Aarão Reis. **As Revoluções Russas e o Socialismo Soviético**. 1. ed. [S. l.]: UNESP, 2004. 184 p.

FINKEL, Stuart. An Intensification of Vigilance: Recent Perspectives on the Institutional History of the Soviet Security Apparatus in the 1920s. **Kritika: Explorations in Russian and Eurasian History**, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 299-320, 2004. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/170410>. Acesso em: 29 out. 2023.

FISHER, Ben B. Origins of the Okhrana and Its Paris Office. In: FISHER, Ben B. **Okhrana: The Paris Operations of the Russian Imperial**. [S. l.]: Military Bookshop, 2010. Disponível em: <https://www.cia.gov/static/87bb92c0a274fdf9beb87b5163efd4ef/Okhrana-The-Paris-Operations.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2023.

FOUCAULT, Michel. É inútil revoltar-se?. **Le Monde**, [S. l.], p. 1-2, 11 maio 1979. Disponível em: <https://machinedeleuze.wordpress.com/2017/04/08/e-inutil-revoltar-se-por-michel-foucault/>. Acesso em: 29 ago. 2022.

_____. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos IV: Estratégia Poder-Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 203-222.

_____. Michel Foucault: Crimes e Castigos na URSS e em Outros Lugares.... In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos IV: Estratégia Poder-Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 189-202.

_____. **Microfísica do Poder**. 4. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. O Sujeito e o Poder: Por que estudar o poder: a questão do sujeito. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: Uma Trajetória Filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. "Eu sou um pirotécnico": Sobre o método e a trajetória de Michel Foucault gravada em junho de 1975. In: POL-DROIT, Roger (org.). **Michel Foucault: Entrevistas**. [S. l.]: Graal, 2008. p. 68-100.

_____. **O Corpo Utópico, as Heterotopias**. São Paulo: N-1, 2013.

_____. **A Sociedade Punitiva**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

_____. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

_____. **Vigiar e Punir**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2020.

_____. **"Alternativas" à Prisão**. Petrópolis: Vozes, 2022.

FRASER, Hugh. The Woman Who Shocked Russia: Hugh Fraser looks at one of Russia's more memorable female protestors, Maria Spiridonova. **History Today**, [S. l.], 30 abr. 2013. Disponível em: <https://www.historytoday.com/woman-who-shocked-russia>. Acesso em: 29 dez. 2022.

FURTADO, Rafael Nogueira; CAMILO, Juliana Aparecida de Oliveira. O conceito de biopoder no pensamento de Michel Foucault. **Subjetividades**, Fortaleza, p. 34-42, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692016000300003. Acesso em: 15 nov. 2023.

GENTES, Andrew A. Vagabondage and the Tsarist Siberian exile system: power and resistance in the penal landscape. **Central Asian Survey**, [s. l.], p. 407-421, 2011. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02634937.2011.602547?journalCode=ccas20>. Acesso em: 26 ago. 2023.

GETTY, J. Arch; RITTERSPORN, Gábor T.; ZEMSKOV, Viktor N. Victims of the Soviet Penal System in the Pre-war Years: A First Approach on the Basis of Archival Evidence. **The American Historical Review**, [s. l.], p. 1017-1049, Out 1993. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2166597>. Acesso em: 13 abr. 2023.

GINZBURG, Eugenia. Days and Lives: Prisoners. **Gulag: Many Days, Many Lives**. Disponível em: <https://gulaghistory.org/exhibits/days-and-lives/prisoners/12.html>. Acesso em: 11 maio 2023.

GODWIN, William. Sobre o castigo. In: WOODCOCK, George (ed.). **Os grandes escritos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 2019. cap. Segunda parte: Os anarquistas acusam.

GOLDMAN, Emma. **Minha Desilusão na Rússia**. 1 ed. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, v. 1, 2017.

_____. **Minha Desilusão na Rússia**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2018. v. 2.

_____. Minorias versus maiorias. **Verve**: revista semestral autogestionária do Nu-Sol, São Paulo, n. 13, p. 123-133, 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/verve/article/view/5201/3734>. Acesso em: 31 maio 2022.

GOLOSOVKER Yakov. **Universidade Estadual de São Petersburgo**. Disponível em: <https://relstud-hist.spbu.ru/en/articles/en-golosoovker-akov-emmanuilovic>. Acesso em: 6 jan. 2023.

GREGORY, Paul R.; SCHRÖDER, Philipp J. H.; SONIN, Konstantin. Rational Dictators and the killing of innocents: Data from Stalin's Archive. **Journal of Comparative Economics**, [s. l.], p. 34-41, 7 dez. 2010. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0147596710000879>. Acesso em: 26 jul. 2023.

GRONSKAYA, Svetlana. Арест. Лагерь. **русский толстый журнал как эстетический феномен**. Disponível em: <https://magazines.gorky.media/zvezda/2008/5/arrest-lager.html>. Acesso em: 6 jan. 2023.

GWERTZMAN, Bernard. American Tells of His Arrest and 8 Years as Soviet Captive. **The New York Times**, [S. l.], p. 9, 29 dez. 1973. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1973/12/29/archives/american-tells-of-his-arrest-and-8-years-as-soviet-captive-the.html?searchResultPosition=1>. Acesso em: 12 maio 2023.

HERLING, Gustav. Days and Lives: Prisoners. **Gulag: Many Days, Many Lives**. Disponível em: <https://gulaghistory.org/exhibits/days-and-lives/prisoners/13.html>. Acesso em: 11 maio 2023.

HOLLEY, Joe. Gulag Survivor George Z. Bien Dies at 76. **The Washington Post**, 2005. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/archive/local/2005/06/20/gulag-survivor-george-z-bien-dies-at-76/f850e410-7160-4c9f-901e-7eb7c32423af/>. Acesso em: 6 jan. 2023.

HUNTER, Holland. The Overambitious First Soviet Five-Year Plan. **Cambridge University Press**, [s. l.], p. 237-257, 27 jan. 2017. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/slavic-review/article/overambitious-first-soviet-five-year-plan/0A343F3352F8D49BC5CEB9747F7A1B31>. Acesso em: 12 jul. 2023.

ISSAIÉVICH SOLJENÍTSIN, Alexander. Autobiografia. **ALEXANDER ISAEVICH SOLZHENITSYN**. Disponível em: http://www.solzhenitsyn.ru/zhizn_soljzenizina/avtobiografiya/index.php. Acesso em: 28 dez. 2022.

IVAN BÚNIN. **Editora 34**. Disponível em: <https://www.editora34.com.br/areas.asp?autor=B%FAnin,%20Ivan>. Acesso em: 10 nov. 2023.

JOPLIN, Mário. Os Jogos Olímpicos de Sochi 2014 Como Parte do Projeto de Soerguimento da Rússia. **CEIRI Newspaper**, Rio de Janeiro, p. 1-3, 5 nov. 2013. Disponível em: <http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/bitstream/123456789/991/1/Os%20Jogos%20Ol%C3%admpicos%20de%20Sochi%202014%20como%20parte%20do%20projeto%20de%20soerguimento%20da%20R%C3%bassia.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2022.

JOZEF BOBALIK. **Gulag.online**. Disponível em: <https://gulag.online/people/jozef-bobalik?locale=en>. Acesso em: 29 nov. 2023.

JUNIOR, Roberto Lopes dos Santos. Análise sobre a abertura dos arquivos russos no pós-comunismo a partir da interpretação de pesquisadores norte-americanos e europeus (1993-2013). **VIII Semana de História Política**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 1387-1396, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/262875617_Analise_sobre_a_abertura_dos_arquivos_russos_no_pos-comunismo_a_partir_da_interpretacao_de_pesquisadores_norte-americanos_e_europeus_1993-2013. Acesso em: 6 jul. 2023.

KEATING, Jennifer. Place, Power and Experience in Tsarist Exile. **Kritika: Explorations in Russian and Eurasian History**, [s. l.], v. 19, n. 4, p. 849-860, 2018. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/709336/pdf>. Acesso em: 26 ago. 2023.

KERSNOVSKAIA, Evfrosiniia. Days and Lives: Prisoners. **Gulag: Many Days, Many Lives**. Disponível em: <https://gulaghistory.org/exhibits/days-and-lives/prisoners/14.html>. Acesso em: 28 dez. 2022.

KING, Roy. Prison Reform in Russia: Religion, psychology and the task ahead. **Criminal Justice Matters**, [S. l.], p. 17, 14 mar. 2008. Disponível em: <https://www.crimeandjustice.org.uk/sites/crimeandjustice.org.uk/files/09627259308552653.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2022.

KOPELEV, Lev. Days and Lives: Prisoners. **Gulag: Many Days, Many Lives**. Disponível em: <https://gulaghistory.org/exhibits/days-and-lives/prisoners/15.html>. Acesso em: 11 maio 2023.

KROPOTKIN, Peter. A prisão e seus efeitos. In: WOODCOCK, George (ed.). **Os grandes escritos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 2019. cap. Segunda parte: Os anarquistas acusam.

_____. O crime do mundo livre. In: WOODCOCK, George (ed.). **Os grandes escritos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 2019. cap. Sétima parte: visões de um mundo novo.

L. Averbakh (1903-1937), (Leopol'd). **The National Library of Israel**. Disponível em: <https://www.nli.org.il/en/a-topic/987007299280605171>. Acesso em: 6 jan. 2023.

LARINA, Anna. Days and Lives: Prisoners. **Gulag: Many Days, Many Lives**. Disponível em: <https://gulaghistory.org/exhibits/days-and-lives/prisoners/16.html>. Acesso em: 29 dez. 2022.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. **O Estado e a Revolução**: O que ensina o marxismo sobre o Estado e o papel do proletariado na Revolução. São Paulo: Centauro Editora, 2007.

_____. **O que fazer?**: Questões candentes do nosso movimento. [S. l.]: Boitempo, 2020. 224 p.

LEVINSON, Galina Ivanovna. Days and Lives: Prisoners. **Gulag: Many Days, Many Lives**. Disponível em: <https://gulaghistory.org/exhibits/days-and-lives/prisoners/17.html>. Acesso em: 28 dez. 2022.

LITTEL, Robert. **De Maldelstam para Stálin**: Um epigrama trágico. Rio de Janeiro: Record, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006.

MEDVEDEV, Zhores A.; MEDVEDEV, Roy A. Glossário. In: MEDVEDEV, Zhores A.; MEDVEDEV, Roy A. **Um Stalin Desconhecido**. [S. l.]: Record, 2006. p. 7-11.

MELNYK, Oleksandr. Operational Groups of the NKGB and a Reconstruction of the Soviet Security Apparatus in Axis Occupied Ukraine, 1943–44. **East/West: Journal of Ukrainian**

Studies, [s. l.], v. X, p. 81-112, 2023. Disponível em:
<https://ewjus.com/index.php/ewjus/article/view/665>. Acesso em: 3 nov. 2023.

MILLER, Marcus; SMITH, Jennifer C. In the shadow of the Gulag: Worker discipline under Stalin. **Journal of Comparative Economics**, [s. l.], 2015. Disponível em:
<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0147596715000207>. Acesso em: 23 mar. 2023.

MIREK, Alfred Martinovich. Days and Lives: Prisoners. **Gulag: Many Days, Many Lives**. Disponível em: <https://gulaghistory.org/exhibits/days-and-lives/prisoners/18.html>. Acesso em: 28 dez. 2022.

MIRSKI, Michael S. The Soviet Railway System: Policy and Operation. **The Russian Review**, [s. l.], v. 13, ed. 1, p. 18-32, 1954. Disponível em:
<https://www.jstor.org/stable/125904>. Acesso em: 26 jul. 2023.

MÖDERLER, Catrin. 1974: Soljenitsin é preso e expatriado. **DW**. Disponível em:
<https://www.dw.com/pt-br/1974-soljenitsin-%C3%A9-presos-e-expatriado/a-302643>. Acesso em: 28 dez. 2022.

MOTE, Victor L. Stalin's railway to nowhere: 'the Dead Road' (1947-1953). **Sibirica**, [s. l.], ano 1, v. 3, p. 48-63, 2003. Disponível em:
<https://go.gale.com/ps/i.do?id=GALE%7CA397007827&sid=googleScholar&v=2.1&it=r&linkaccess=abs&issn=13617362&p=AONE&sw=w&userGroupName=anon%7E5f7dbb86&aty=open+web+entry>. Acesso em: 26 jul. 2023.

MURAV, Harriet Lisa. David Bergelson. **Oxford Bibliographies**, 2021. Disponível em:
<https://www.oxfordbibliographies.com/display/document/obo-9780199840731/obo-9780199840731-0187.xml>. Acesso em: 6 jan. 2023.

NEWMAN, Saul. A servidão voluntária revisitada: a política radical e o problema da auto-domação. **Verve**, São Paulo, ano 20, p. 23-48, 2011. Disponível em:
<https://revistas.pucsp.br/verve/article/view/14543>. Acesso em: 23 jan. 2022.

NOBLE, John. Days and Lives: Prisoners. Gulag: Many Days, Many Lives. Disponível em:
<https://gulaghistory.org/exhibits/days-and-lives/prisoners/20.html>. Acesso em: 28 dez. 2022.

NO campo da honra e outros contos. **Editora 34**. Disponível em:
<https://editora34.com.br/detalhe.asp?id=843>. Acesso em: 28 dez. 2022.

NORTH, David. A última luta de Lenin. **World Socialist Web Site**, [S. l.], 29 dez. 2022. Disponível em: <https://www.wsws.org/pt/articles/2022/12/29/qaot-d29.html>. Acesso em: 4 nov. 2023.

NU-SOL. Manifesto abolicionista. **Verve**, São Paulo, n. 31, p. 145-150, 2017.

O RUMOR DO TEMPO E VIAGEM À ARMÊNIA. **Editora 34**. Disponível em:
<https://www.editora34.com.br/detalhe.asp?id=1012>. Acesso em: 29 dez. 2022.

PANIN, Dimitri. Days and Lives: Prisoners. **Gulag: Many Days, Many Lives**. Disponível em: <https://gulaghistory.org/exhibits/days-and-lives/prisoners/21.html>. Acesso em: 28 dez. 2022.

PASSETTI, Edson. Heterotopia da vida sem punição. **Verve**, São Paulo, n. 31, p. 155-171, 2017.

PEUNKOVA, Evgeniia Michailovna. Days and Lives: Prisoners. **Gulag: Many Days, Many Lives**. Disponível em: <https://gulaghistory.org/exhibits/days-and-lives/prisoners/23.html>. Acesso em: 28 dez. 2022.

PIACENTINI, Laura. Penal identities in Russian prison colonies. **Punishment & Society**, [s. l.], p. 131-147, 2004. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1462474504041258?journalCode=puna>. Acesso em: 21 abr. 2023.

PIPES, Richard. **História Concisa da Revolução Russa**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

_____. Lenin's Gulag. **International Journal of Political Science and Development**, [s. l.], v. 2 (6), p. 140-146, 2014. Disponível em: <https://www.academicresearchjournals.org/IJPSD/PDF/2014/June/Pipes.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2023.

PLIASSOV, Vladimir. Nikolai Gumiliov (1886-1921). **Centro de Estudos Russos**, Coimbra. Disponível em: https://www.uc.pt/fluc/depllc/CER/centro_de_estudos_russos/cerartigos/cerartigo26. Acesso em: 31 dez. 2022.

_____. Ossip Mandelstam (1891-1938). **Centro de Estudos Russos**, Coimbra. Disponível em: https://www.uc.pt/fluc/depllc/CER/centro_de_estudos_russos/cerartigos/cerartigo07. Acesso em: 29 dez. 2022.

POHL, J. Otto. Stalin's genocide against the "Repressed Peoples". **Journal of Genocide Research**, [s. l.], p. 267-293, 2000. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/713677598?needAccess=true>. Acesso em: 27 jul. 2023.

RAZGON, Lev. Days and Lives: Prisoners. **Gulag: Many Days, Many Lives**. Disponível em: <https://gulaghistory.org/exhibits/days-and-lives/prisoners/24.html>. Acesso em: 28 dez. 2022.

RETISH, Aaron B. Breaking free from the prison walls: penal reforms and prison life in revolutionary Russia. **Historical Research**, Londres, v. 90, n. 247, p. 134-150, fev 2017.

Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/1468-2281.12171>. Acesso em: 21 abr. 2023.

ROSSI, Jacques. Days and Lives: Prisoners. **Gulag: Many Days, Many Lives**. Disponível em: <https://gulaghistory.org/exhibits/days-and-lives/prisoners/25.html>. Acesso em: 28 dez. 2022.

RUBIRA, Luís. Uma introdução à transvaloração de todos os valores na obra de Nietzsche. **Tempo da Ciência**, [s. l.], p. 113-122, 2º semestre de 2005. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/449>. Acesso em: 28 out. 2022.

SALES, Sheila Jorge Selim de. Contribuição ao Estudo do Direito Penal Socialista. **Revista Brasileira de Estudos Políticos**, Belo Horizonte, n. 113, p. 597-654, 2016. Disponível em: <https://pos.direito.ufmg.br/rbep/index.php/rbep/article/view/443>. Acesso em: 26 ago. 2023.

SCHOLMER, Joseph. Days and Lives: Prisoners. **Gulag: Many Days, Many Lives**. Disponível em: <https://gulaghistory.org/exhibits/days-and-lives/prisoners/26.html>. Acesso em: 28 dez. 2022.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia Clínica**, [s. l.], v. 20, p. 65-82, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-56652008000100005&script=sci_abstract. Acesso em: 3 jun. 2023.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O Local do Testemunho. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, ano 1, v. 2, p. 3-20, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/1894>. Acesso em: 3 jun. 2023.

SGOVIO, Thomas. Days and Lives: Prisoners. **Gulag: Many Days, Many Lives**. Disponível em: <https://gulaghistory.org/exhibits/days-and-lives/prisoners/27.html>. Acesso em: 28 dez. 2022.

SHATZ, Marshall. Stalin, the Great Purge, and Russian History: A New Look at the "New Class". **The Carl Beck Papers**, [s. l.], n. 305, 1984. Disponível em: <http://carlbeckpapers.pitt.edu/ojs/index.php/cbp/article/view/11/10>. Acesso em: 22 jul. 2023.

SHEARER, David R. Social disorder, mass repression, and the NKVD during the 1930s. **Cahiers du monde russe**, [s. l.], p. 505-534, 2001. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-cahiers-du-monde-russe-2001-2-page-505.htm&wt.src=pdf>. Acesso em: 27 jul. 2023.

SIMKIN, John. Maria Spiridonova. **Spartacus Educational**, [S. l.], 1 set. 1997. Disponível em: <https://spartacus-educational.com/RUSspiridonova.htm>. Acesso em: 29 dez. 2022.

SKINNER, Anamaria. Espectros de Marx: por que esse plural?. In: NASCIMENTO, Evando; GLENADEL, Paula (org.). **Em torno de Jacques Derrida**. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro, 2000. p. 65 - 76.

SOARES, Maria Aparecida Botelho Pereira. Introdução. In: TOLSTÓI, Lev. **Infância, Adolescência, Juventude**. [S. l.]: L&PM Pocket, 2013. p. 9-11.

SOSTIENI MATRIOSKA.INFO. The tragic fate of Maria Spiridonova (1884-1941).

Matrioska, [S. l.], 18 dez. 2021. Disponível em:

<https://www.matrioska.info/storia/the-tragic-fate-of-maria-spiridonova-1884-1941/>. Acesso em: 29 dez. 2022.

STÁLIN, Joseph. Sobre o Marxismo na Linguística. **Problemas**: Revista Mensal de Cultura Política, [s. l.], n. 28, 1950. Disponível em:

https://www.marxists.org/portugues/tematica/rev_prob/28/index.htm. Acesso em: 29 out. 2023.

STANLEY, Alessandra. Anna Larina, 82, the Widow Of Bukharin, Dies in Moscow. **The New York Times**, [S. l.], p. 10, 26 fev. 1996. Disponível em:

<https://www.nytimes.com/1996/02/26/world/anna-larina-82-the-widow-of-bukharin-dies-in-moscow.html>. Acesso em: 29 dez. 2022.

STEPANOV, Sergei. Yesterday in Soviet History (Susanna Pechuro, Maya Ulanovskaya, and the SDR). **The Russian Reader**, [S. l.], 7 fev. 2017. Disponível em:

<https://therussianreader.com/2017/02/08/susanna-pechuro-sdr-case-stalinism-gulag/>. Acesso em: 30 dez. 2022.

STETSKY Alexey Ivanovich. **CHRONOS**. Disponível em:

http://www.hrono.info/biograf/bio_s/stecki_ai.php. Acesso em: 6 jan. 2023.

STRAUSS, Daniel. **Planificação**: uma análise do desenvolvimento produtivo material da união soviética (1917-1937). Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Herrlein Júnior. 2019. Tese de mestrado (Pós-graduação em Economia) - Faculdade de Ciências Econômica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/196441>. Acesso em: 27 jul. 2023.

STRZELECKI, Jan. Russia behind bars: the peculiarities of the Russian prison system. **OSW COMMENTARY**, [s. l.], n. 293, 2019. Disponível em:

<https://www.osw.waw.pl/en/publikacje/osw-commentary/2019-02-07/russia-behind-bars-peculiarities-russian-prison-system>. Acesso em: 27 ago. 2022.

TCHERNAVIN, Vladimir. Days and Lives: Prisoners. **Gulag: Many Days, Many Lives**. Disponível em: <https://gulaghistory.org/exhibits/days-and-lives/prisoners/30.html>. Acesso em: 28 dez. 2022.

THE GUARDIAN. Notorious Moscow prison, once home to Solzhenitsyn, to close. **The Guardian**, [S. l.], 17 dez. 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2018/dec/17/notorious-moscow-butyрка-prison-once-home-to-solzhenitsyn-to-close>. Acesso em: 10 nov. 2023.

THE NEW YORK TIMES (Estados Unidos). Alexander Dolgun: American was held 8 years in the Gulag. **The New York Times**, [S. l.], 29 ago. 1986. Section D, p. 17. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1986/08/29/obituaries/alexander-dolgun-american-was-held-8-years-in-the-gulag.html>. Acesso em: 12 maio 2023.

THOREAU, Henry David. **A Desobediência Civil**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2016.

TUMANOVA, Alla. Days and Lives: Prisoners. **Gulag: Many Days, Many Lives**. Disponível em: <https://gulaghistory.org/exhibits/days-and-lives/prisoners/31.html>. Acesso em: 29 dez. 2022.

VICTIMS OF COMMUNISM MEMORIAL FOUNDATION (Washington, D.C.) (ed.). Leadership: Jonathan Brent, PH.D.. In: VICTIMS OF COMMUNISM MEMORIAL FOUNDATION (Washington, D.C.) (org.). **Victims of Communism Memorial Foundation**. Disponível em: <https://victimsofcommunism.org/leader/jonathan-brent-phd/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

VILLELA, Annibal Villanova. Influência de Marx no Pensamento Econômico da U.R.S.S. **Revista Brasileira de Economia**, [s. l.], v. 22, n. 2, p. 33-43, 1968. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rbe/article/view/1712>. Acesso em: 12 jul. 2023.

VISENTINI, Paulo Fagundes. A paradoxal Revolução do século XX. In: VISENTINI, Paulo Fagundes. **Os Paradoxos da Revolução Russa**: Novas teses sobre o stalinismo, as guerras e a queda da URSS. [S. l.]: Alta Books, 2017. p. xi - xviii.

VOGT, Olgário Paulo. A Revolução Russa através da Revolução dos Bichos. **Ágora**: Revista de História, Geografia e Gastronomia, Santa Cruz do Sul, ano 1, v. 13, p. 229-249, 29 nov. 2007. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/view/107>. Acesso em: 13 jun. 2023.

WAGNER, Wenceslaw Joseph. Alguns comentários sobre a administração da justiça na União Soviética. **Revista da Faculdade de Direito UFPR**, [s. l.], p. 11-31, 1970. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/direito/article/download/7179/5131>. Acesso em: 12 jul. 2023.

WARD, Amanda M. **The Okhrana and the Cheka: Continuity and Change**. 2014. 96 p. Dissertação (Mestrado em Artes) - Faculdade de Ciências e Artes da Universidade de Ohio,

[S. l.], 2014. Disponível em:

https://etd.ohiolink.edu/acprod/odb_etd/ws/send_file/send?accession=ohiou1398772391&disposition=inline. Acesso em: 5 nov. 2023.

WHITNEY , Craig. R. Lev Kopelev, Soviet Writer In Prison 10 Years, Dies at 85. **New York Times**, [S. l.], 20 jun. 1997. Disponível em:

<https://www.nytimes.com/1997/06/20/world/lev-kopelev-soviet-writer-in-prison-10-years-dies-at-85.html>. Acesso em: 25 nov. 2023.

ZECHENTER, Katarzyna. Obituary: Gustaw Herling. **The Guardian**, [S. l.], 7 jul. 2000.

Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2000/jul/07/guardianobituaries.books1>. Acesso em: 25 nov. 2023.

ZERWES, Erika. Um soldado na frente de batalha, um cientista no laboratório. A vanguarda de Aleksandr Rodchenko entre a cultura visual e a cultura política. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 29-66, 2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/anaismp/a/GDPkNg8CnhZv5FdkpjPdTft/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 nov. 2023.

ANEXO 1 - Glossário de instituições

A fim de complementar a segunda parte deste trabalho, trago aqui partes do *Glossário* do livro *Um Stalin Desconhecido*. A partir dos verbetes é possível entender mais detalhes sobre algumas das instituições citadas e também reconhecer outras e seus papéis.

Agências de Segurança do Estado: A Cheka (1917-22) foi sucedida pela GPU (também conhecida como OGPU), que por sua vez seria transformada em 1934 no NKVD (Comissariado do Povo para Questões Internas). Em 1941, foi criado separadamente o NKGB (Comissariado do Povo para a Segurança do Estado), enquanto as ações policiais não envolvendo diretamente questões de “segurança de Estado” eram confiadas ao NKVD. Em 1946, o NKVD foi transformado em MVD (Ministério do Interior) e o NKGB, em MGB (Ministério de Segurança do Estado). Em 1954, depois da morte de Stalin, o MGB foi transformado em KGB (Comitê de Segurança do Estado), subordinado ao Conselho de Ministros; vale dizer, teve reduzido seu status de ministério para “comitê”, embora continuasse muito poderoso.

Agitprop: Departamento de Agitação e Propaganda do Comitê Central.

Aparato: A máquina ou organização burocrática de departamentos e chefes de departamento (por exemplo, o aparato do Partido, o aparato de Estado etc.).

Birô Político: Birô Político do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética. Principal organismo decisório do sistema político soviético. Chamado de Presidium entre 1952 e 1966, era formado por membros plenos com direito a voto e membros candidatos que compareciam às reuniões mas não podiam votar.

Cheka: Primeira polícia política (1917-22) criada pelo novo governo soviético para combater a contra-revolução e a sabotagem. Este acrônimo soviético derivou das iniciais da organização - Comissão Extraordinária.

Comitê Central: Principal organismo político do Partido Comunista nos períodos entre os congressos.

Comitê Executivo: Principal organismo político do governo soviético de 1917 a 1936, quando veio a ser substituído pelo Presidium do Soviete Supremo.

Conselho dos Comissários do Povo (Sovnarkom): O mais alto organismo governamental da URSS, equivalente a um gabinete na estrutura governamental ocidental. Em 1946, a expressão “comissário do povo” foi substituída pelo termo mais tradicional de “ministro”, tornando-se este organismo o Conselho de Ministros. O presidente do Conselho ocupava posição equivalente, grosso modo, à do primeiro-ministro nos países ocidentais.

Dalstroï¹⁴¹: Diretório Central para a Construção no Extremo Oriente.

DFV: Frente do Extremo Oriente.

DVO: Distrito militar do Extremo Oriente.

GKO: Comitê de Defesa do Estado.

Glavlit: A organização de censura.

Glavpromstroï: Diretório Principal de Campos de Construção Industrial do MVD.

Gorkom: Comitê do Partido de uma cidade ou aldeia (*gorod*).

Izvestia: Jornal do governo central, o segundo em importância, depois do *Pravda*.

Soviete: Palavra russa que significa “conselho”, a unidade governamental básica do sistema soviético.

Soviete Supremo: O parlamento soviético, formado por deputados eleitos para duas câmaras, uma baseada nas nacionalidades, a outra, em distritos eleitorais de configuração demográfica. Para cada assento concorria apenas um candidato, geralmente apresentado pela organização local do Partido.

¹⁴¹ Neste trabalho, foi utilizada a grafia “Dalstroy”.

Stavka: Quartel-general do alto comando militar soviético.

Troika: Palavra russa que significa “grupo de três”; na época de Stalin, comitê de três membros dotado de poderes especiais para sentenciar pessoas sem obedecer a procedimentos legais normais.

TsIK: Comitê Executivo Central.

VtsIK: Comitê Executivo Central da União (substituiu o TsIK após a criação da URSS em 1923).

ANEXO 2 - As próteses¹⁴², de Varlam Chalámov

O xadrez do campo era velho, muito velho. Parecia que, se alguém encostasse na parede de madeira da cadeia, ela cairia, o xadrez desmoronaria, os troncos se espalhariam. mas o xadrez não caía, e as sete celas solitárias funcionavam eternamente. É claro que qualquer palavra dita num tom mais alto seria ouvida pelos vizinhos. Mas os que estavam no xadrez temiam as punições. O carcereiro de plantão desenhava com giz na cela uma cruz, e a cela não recebia mais comida quente. Se desenhasse duas cruzes, não recebia nem pão. Era o xadrez dos crimes dentro do campo; todos os suspeitos de coisas mais graves eram levados para a Administração.

Agora, pela primeira vez, subitamente tinham detido todos os presos que ocupavam cargos de chefia nas instituições do campo, todos os diretores. Estavam montando um caso dos grandes, estavam preparando um processo no campo. A mando de alguém.

E lá estávamos nós seis, de pé no apertado corredor do xadrez, cercados de soldados da escolta, sentindo e tendo consciência de apenas uma coisa: que tínhamos novamente sido pegos pelas engrenagens daquela mesma máquina que nos pegara alguns anos antes, que saberíamos o motivo apenas no dia seguinte, não antes...

Todos foram despidos até ficar só com a roupa de baixo, e cada um foi conduzido a uma cela separada. O almoxarife anotava as coisas que deveriam ser guardadas, enfiava essas coisas em sacos, amarrava uma plaquinha, anotava. O investigador - eu sabia o sobrenome dele, era Pesniakevitch - conduzia a “operação”.

O primeiro estava de muletas. Ele se sentou no banco próximo à luminária, colocou as muletas no chão e começou a se despir. Um colete de aço ficou à mostra.

- Tem que tirar?
- É claro.

O homem começou a desamarrar as cordas do colete, e o investigador Pesniakevitch inclinou-se para ajudar.

¹⁴² VARLAM , Varlam. As próteses. In: VARLAM , Varlam. **O Artista da Pá**: Contos de Kolimá 3. São Paulo: Editora 34, 2020. p. 357 - 360.

- Me flagrou, velho amigo? - disse o homem na língua dos bandidos, empregando a palavra “flagrou” num sentido que não era ofensivo.
- Reconheço sim, Pleve.

O homem de colete era Pleve, gerente da alfaiataria do campo. Era um lugar importante, com vinte alfaiates que trabalhavam com encomendas de dentro e fora do campo, com a autorização da chefia.

O homem nu virou-se no banco. O colete de aço estava no chão - estavam anotando o protocolo das coisas que tinham sido tiradas.

- Como registrar essa coisa? - perguntou a Pleve o almoxarife do xadrez, empurrando o colete com a ponta da bota.
- É uma prótese de aço, um colete - respondeu o homem nu.

O investigador Pesniakevitch se afastou para outro lado, e eu perguntei a Pleve:

- É verdade que em liberdade você conheceu esse mastim aí?
- E como! - disse Pleve rudemente. - A mãe dele tinha um bordel em Minsk, que eu frequentava. Na época de Nicolau, o sanguinário.

Das profundezas do corredor saiu Pesniakevitch, com quatro soldados de escolta. Os soldados pegaram Pleve pelas pernas e por debaixo dos braços e o levaram para dentro da cela. O cadeado tilintou.

O próximo era o diretor da base equestre, Karaváiev. Ex-combatente de Budiônni, tinha perdido a mão na Guerra Civil. Karaváiev batia o ferro da prótese na mesa do funcionário:

- Vocês são uns putos, mesmo.
- Tire esse ferro. Entregue sua mão.

Karaváiev brandiu a prótese desacoplada, mas os soldados da escolta desabaram sobre o veterano da cavalaria e o empurraram para a cela. Rebuscadas obscenidades chegaram até nossos ouvidos.

- Escute aqui, Rútkhin - começou o encarregado do xadrez -, quem fizer barulho vai ficar sem comida quente.
- Vá para o inferno você e sua comida quente.

O encarregado do xadrez tirou do bolso um pedaço de Giz e desenhou uma cruz na cela de Karaváiev.

- E agora, quem assina pela entrega da mão?
- Não assina ninguém. Coloque aí um visto - comandou Pesniakevitch.

Chegara a vez do médico, o nosso doutor Jitkov. Velhinho e surdo, ele entregou sua corneta acústica. O próximo era o coronel Pánin, gerente da marcenaria. A perna do coronel tinha sido arrancada por um projétil em algum lugar na Prússia Oriental, na guerra com a Alemanha. Era um marceneiro magnífico, e ele me contou que entre os nobres sempre se ensina algum ofício às crianças, algum ofício manual. O velhinho Pánin desprende a prótese e foi saltando em um só pé para sua cela.

Só restávamos dois: Chor, Gricha Chor, um chefe de brigada veterano, e eu.

- Veja só como vai bem a coisa - disse Gricha, tomado por aquela alegria nervosa da prisão. - De um vai a perna, do outro, a mão. E eu vou entregar o olho. - E Gricha tirou com agilidade seu olho direito, de porcelana, e me mostrou na palma da mão.
- Então você tem um molho postiço? - disse eu, surpreso. - Nunca tinha percebido.
- Você não prestou atenção direito. Mas eu tive sorte de receber um que serve bem.

Enquanto anotavam o olho de Gricha, o encarregado do xadrez ficou todo animado, dando risadinhas incontroláveis.

- Quer dizer que um deu a mão, outro deu a perna, outro deu a orelha, outro deu a coluna, e esse aqui deu o olho. Vamos conseguir juntar todas as partes do corpo. E você? - Ele olhou atentamente para mim, que estava nu. - O que você vai dar? Vai dar sua alma?
- Não - disse eu. - A alma eu não dou.

(1965)